



# SUMMARIO

|                                |                     |
|--------------------------------|---------------------|
| Chronica.....                  | Olavo Bilac.        |
| Quarta-feira de cinzas.....    | Rodolpho Amoêdo.    |
| Batalha de confetti.....       | Gravuras.           |
| O Quero já.....                | Mario Behring.      |
| Tradições.....                 | Mario Pederneiras.  |
| O Carnaval na Avenida.....     | Gravura.            |
| Aos Campistas.....             | Alcibiades Furtado. |
| Mar grosso.....                | Virgilio Varzea.    |
| Um panorama do Rio.....        | Gravura.            |
| Por Darwin.....                | Fritz Muller.       |
| Carnaval 1907.....             | Gravuras.           |
| O Carnaval no Rio.....         | Americo Fluminense. |
| Narizes.....                   | Carlos Henze.       |
| Remodelação do mobiliario..... | Gonzaga Duque.      |
| Em Portugal.....               | Affonso Arinos.     |



Malagutti.

# ***A Equitativa***

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A  
† † VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS † †

**Aplices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado**

*Os sorteios d'esta classe de aplices, teem lugar em 15 de Abril e  
15 de Outubro de cada anno.*

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de  
seguro, aplices no valor de Rs. 595.000\$00 pagos em dinheiro

A aplice de sorteio EM DINHEIRO, de  
exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

**TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS**

*O proximo sorteio terá lugar a 15 de Abril p. f.*

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

**125, Avenida Central, 125**

**RIO DE JANEIRO**

**E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa**



# RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA



**Edição da Prefeitura**

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive  
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

**—KOSMOS—**

*Brochura . . . . . 15\$000*

*Encadernado em marroquim . . 20\$000*

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA  
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**A VENDA NA  
RUA DA ASSEMBLÉA, 62**

## Porque sois infeliz?

O homem póde ser feliz, se o quizer. Mas, quem perderá o seu tempo em ensinar aos outros o que só deseja para si?

### Repara e julga

Quantas pessoas não vos parecem protegidas por sobrenatural poder, e isso porque realizam todos os seus desejos, porque são ricos, porque gozam uma saúde de ferro?

### ESCOLHEI

Ou serdes rico, gozar saúde, possuir grande numero de amizades, inspirar amor, poder curar a si e aos outros, poder educar os filhos corrigindo-lhes os vicios e defeitos, OU, ras-tejar na miseria, estar sempre doente, viver abandonado dos estranhos e dos seus. Lembrae-vos que outros já estão na posse do segredo que conduz á felicidade. Vêde a prosperidade de alguns conhecidos vossos: ignoraes que elles souberam a adquirir a força magnetica?

### HOJE, OU NUNCA MAIS

se vos offereça uma occasião como agóra: pedi ao representante do Dr. MARX DORIS, rua do Rosario n. 53, Rio de Janeiro, que vos envie o livro «Poder Magnetico». Nada vos custa experimentar, pois o livro é enviado gratuitamente a todos que o pedirem.

# L. MUSSO & C.

## PHOTOGRAPHOS

10, Rua da Uruguayana, 10

### RIO DE JANEIRO

ULTIMA NOVIDADE PHOTOGRAPHICA—  
RETRATOS EM CORES (MONOCROMOS)  
DE BELLISSIMO EFFEITO E INALTERA-  
VEIS.—o—o—o—o—o—o—o—o—o—o—

# COMPANHIA MINERVA

## SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL—200:000\$000

Rua 1º de Março, 29—RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

*Emilio do Amaral Ribeiro*  
*Affonso Burlamaqui*  
*Jacinto de Magalhães*



**FON-FON!**

**REVISTA HUMORÍSTICA**

**FON-FON!**

**REVISTA DE ACONTECIMENTOS**

**FON-FON!**

**PUBLICAÇÃO SEMANAL**

**FON-FON!**

**EDIÇÃO DE KÓSMOS**

# KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL  
INTERIOR. . . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . . 25\$000  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas  
RUA DA ASSEMBLÉA, 62  
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

FEVEREIRO 1907

N. 2

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

## CRONICA



NÃO póde haver outro assumpto para esta chronica da *Kósmos*. Só um assumpto, a um tempo doloroso e poetico, tragico e suave, me preocupa: a agonia das palmeiras da Avenida do Mangue.

Não me seduz o Carnaval que passou, bulhento e desvairado como todos os Carnavaes; não quero saber do "caso Urbino", nem da quaresma que vae correndo, nem das conferencias do padre Julio Maria, nem das festas com que vae ser recebido o general Roca; nada me interessa o que se passa no terreno politico; e pouco se me dá que um monsenhor, um dignitario da Igreja tenha, com uma nobre independencia, atirado a b. tina ás ortigas... Que valem todos esses assumptos, diante do assum-

pto que me preocupa? Só penso na agonia das palmeiras do Mangue, — e vivo agonizando com ellas, tão grande é o amor que lhes tenho...

Conheço-as ha trinta annos... Ha trinta annos! toda uma vida... Nunca passei por alli que as não mirasse longamente, apaixonadamente: e vejo-as agora moribundas, envelhecidas de repente, minadas por um mal que ninguem conhece!

\*  
\*  
\*

Ha quem diga que, de todas as arvores que possuímos, são as palmeiras reaes as mais inuteis. Não dão sombra, elevam a dezenas de metros acima do solo as suas copas triumphaes, — com um orgulho de rainhas insensiveis, que nasceram apenas para reinar...

Tolices! Isso é opinião da gente practica, — dessa gente abominavel que só é capaz de admirar o que é util, e prefere uma horta de couves a um roseiral.

Eu amo as palmeiras justamente pelo seu orgulho e pela sua nobreza, pela ancia com que ellas procuram fugir da terra e ganhar o céo, pelo desprezo que teem das cousas feias e rasteiras, pela magestade com que affirmam de lá de cima a sua superioridade quasi divina. Parece-me que no caule de cada palmeira móra uma alma anciosa e captiva, que desesperadamente se agita para fugir do solo; a seiva de cada uma dessas arvores orgulhosas tem aspirações e soffrimentos como o espirito de um artista.

Não foi sem razão que Alberto de Oliveira, o nosso Grande Poeta, escreveu um dia que desejava, depois de morto, ter a sua alma guardada na seiva de uma dessas plantas altivas:

Ser palmeira! existir num pincaro azulado  
Vendo as nuvens mais perto, e as estrellas em bando:  
Dar ao sopro do mar o seio perfumado,  
Ora os leques abrindo. ora os leques fechando!

Ser palmeira, depois de homem ter sido! est'alma,  
Que vibra em mim, sentir que novamente vibra,  
E eu a espalho, a tremer, nas folhas, palma a palma,  
E a distendo, a subir, no caule, fibra a fibra!

E, esfolhando-me ao vento, indomita e salvagem,  
Quando aos arrancos vem, bufando, o temporal,  
— Poeta: bramir então á nocturna bafagem  
Meu canto triumphal!...



Imagino e calculo, pela minha propria magoa, a magoa com que esse apaixonado Poeta, de alma tão exaltadamente pantheista e tão dada ao amor da Natureza, estará assistindo á agonia das palmeiras da Avenida do Manguê!

Porque já não ha quem não conheça a dolorosa noticia: estão agonisando, estão morrendo aquellas palmeiras, que são a gloria da cidade, e o seu orgulho maior!

E é em vão que se pergunta aos botanistas, aos horticultores, aos naturalistas, a todos os sabios, — o que é preciso fazer para salvar as magestosas *Oreodoxas* —

*oleraceas*, que se estendem em filas admiraveis ao longo do canal. Os sabios deitam abaixo as suas livrarias, consultam livros antigos e modernos, dizem cousas abstrusas em linguagem incomprehensivel, — mas não as salvam...

Ah! são sempre os mesmos os medicos, — tanto os que se encarregam de tratar os homens como os que se encarregam de tratar as plantas. Todos elles reproduzem diariamente a petulancia com que Sganarello, no *Médecin malgré lui*, explica ao velho Geronte a causa da mudez de Lucinda: "*Ossabandus nequeis nequer potarium quipse milus... voila justement ce qui fait que votre fille est muette!*" Não de outro modo teem os naturalistas do Rio explicado á imprensa e á commissão das obras do Canal do Manguê a causa da morte das palmeiras; ninguem lhes entende o diagnostico, e nenhum delles indica o remedio salvador.

E, enquanto isso, as palmeiras vão morrendo, na sua lenta e dolorosa agonia; amarellece hoje uma palma, outra amanhã, outra depois de amanhã, — e já algumas das magestosas rainhas vegetaes não passam de spectros do que eram, — cadaveres, de pé, sacudindo ao sol o seu amplo penacho de folhas seccas...

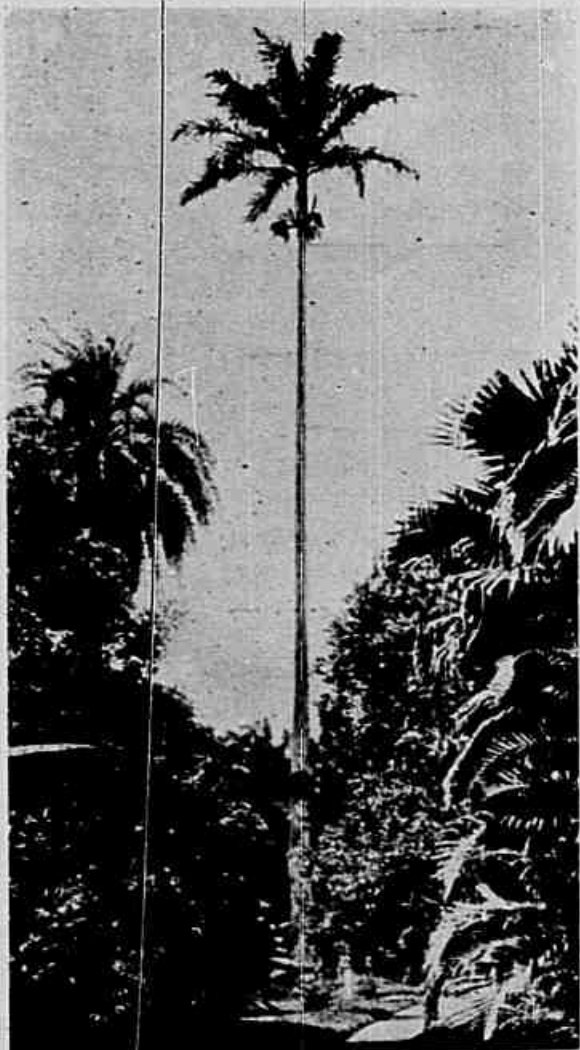
Nos passageiros de bonds, que viajam a um e outro lado do Canal, ha, de manhã á noite, a mesma expressão de infinita magoa e de desolada tristeza. Todos os olhos, abandonando a leitura dos jornaes, se levantam para o alto, e contemplam com melancolia a devastação progressiva que nos leques, outrora tão verdes e bellos, vae fazendo a implacavel molestia...

Explica-se bem a tristeza de toda a cidade. Não ha no mundo inteiro uma alameda de palmeiras como aquella. A do Jardim Botânico, que é objecto de universal admiração, tem setecentos e quarenta metros de comprimento. Mas a do Manguê tem mil e dusesentos! é a mais extensa que se conhece, — e qualquer cidade da America ou da Europa não hesitaria em

gastar milhões para possuir uma tal maravilha. E vamos talvez perder aquelle thesouro! — haverá desgraça maior?...



A historia dessas arvores é curta e gloriosa. Todas as palmeiras do Mangue, como todas as palmeiras reaes do Rio de Janeiro, descendem da *Oreodoxa-oleracea*, que o chefe de divisão Luiz Abreu trouxe em 1810 da Ilha de França. Era tão linda a *Areca*, ainda joven, que D. João VI, o fundador do *Jardim Botânico*, quiz plantal-a por suas proprias mãos. D'ahi veio á palmeira o nome de Real. A formosa



A PALMEIRA REAL

*Areca* foi crescendo, sempre cercada de carinhosos cuidados, e chegou enfim á idade da florescencia: abriu a spatha, e deixou calir o cacho pejado de sementes... O director do jardim, Serpa Brandão, ciumento e avaro, não quiz que aquella maravilha se

reproduzisse, — e mandava todos os annos queimar as sementes preciosas. Mas os escravos, que trabalhavam no Real Horto Botânico, começaram a furtal-as e a vendel-as; e, em breve, principiaram a apparecer as primeiras filhas da palmeira de D. João VI, — que ainda hoje, no Jardim Botânico, é admirada pelos visitantes, na sua velhice sagrada, com quasi cem annos de idade, ostentando em plena pujança o seu espique de 35 metros de altura.

Dessa veneranda ancian descendem as palmeiras do Mangue, a cuja lenta agonia assiste agóra a cidade com desespero...



Mas será realmente impossivel salvar-as? Não haverá uma providencia capaz de libertal-as do secreto mal que as está minando? não haverá meio de evitar essa desgraça?

Não sei... O que sei é que o depauperamento é visivel: cada dia que passa leva consigo uma folha e um pouco da vida de cada uma das rainhas condemnadas.

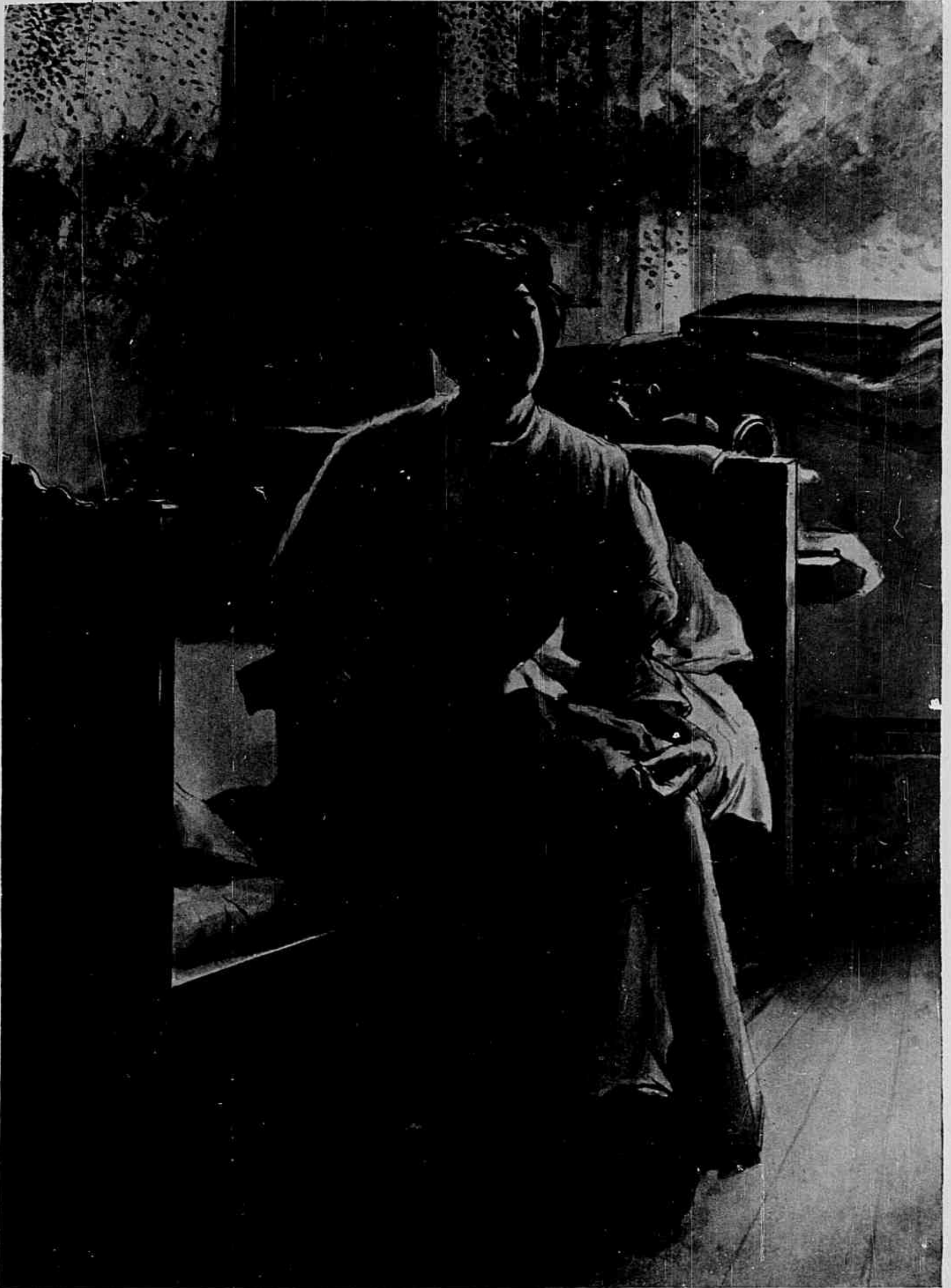
Hontem, passando por aquella immensa Avenida que ja me parece um cemiterio, vi-as, ao crepusculo, á hora indecisa e mysteriosa em que uma alma nova parece palpar no céo e na terra... Na meia luz da tarde, os leques estremeciam e farfalhavam lá em cima, já quasi mergulhados na treva, sob o pallio do céo em que se accendiam coruscando as primeiras estrellas. E pareceu-me ver naquelle ancioso movimento das palmas seccas o bracejar doloroso, a supplica desvairada, a imprecação desesperada de quem quer viver e sente que está morrendo, de quem pede soccorro e perde a esperanza de ser soccorrido.

Ah! pudesse eu, ainda que a troco de alguns annos da minha propria vida, assegurar a vossa eternidade, — ó palmeiras reaes que conheço e amo ha trinta annos! ó palmeiras reaes que ides morrer antes de mim!...

O. B.



## QUARTA-FEIRA DE CINZAS



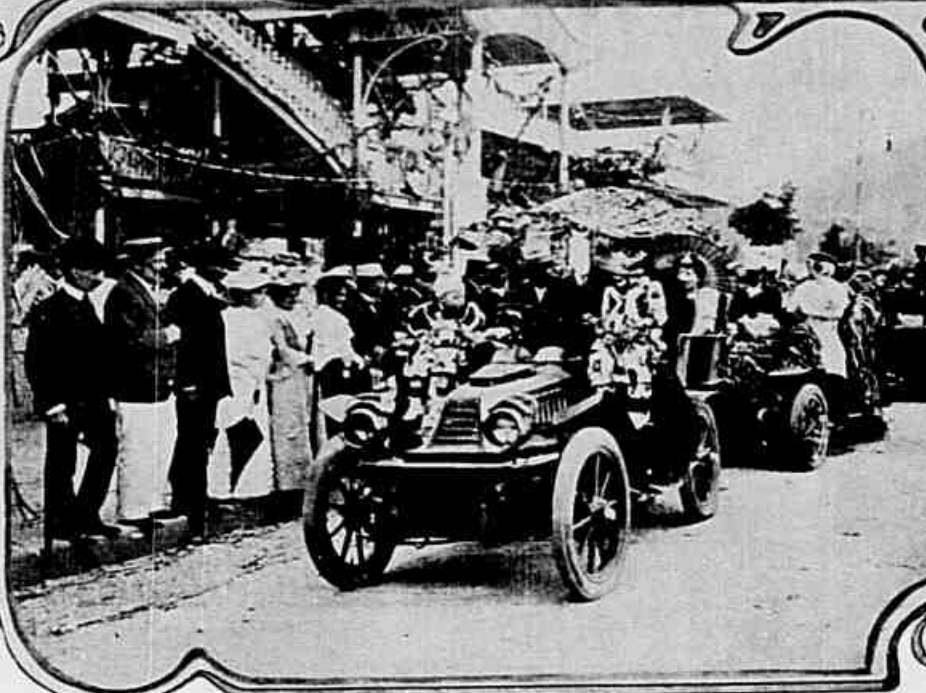
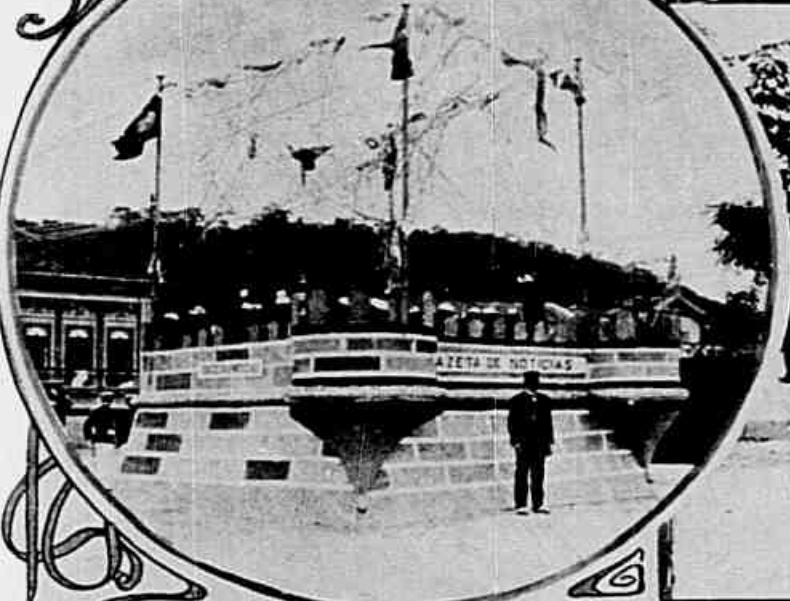
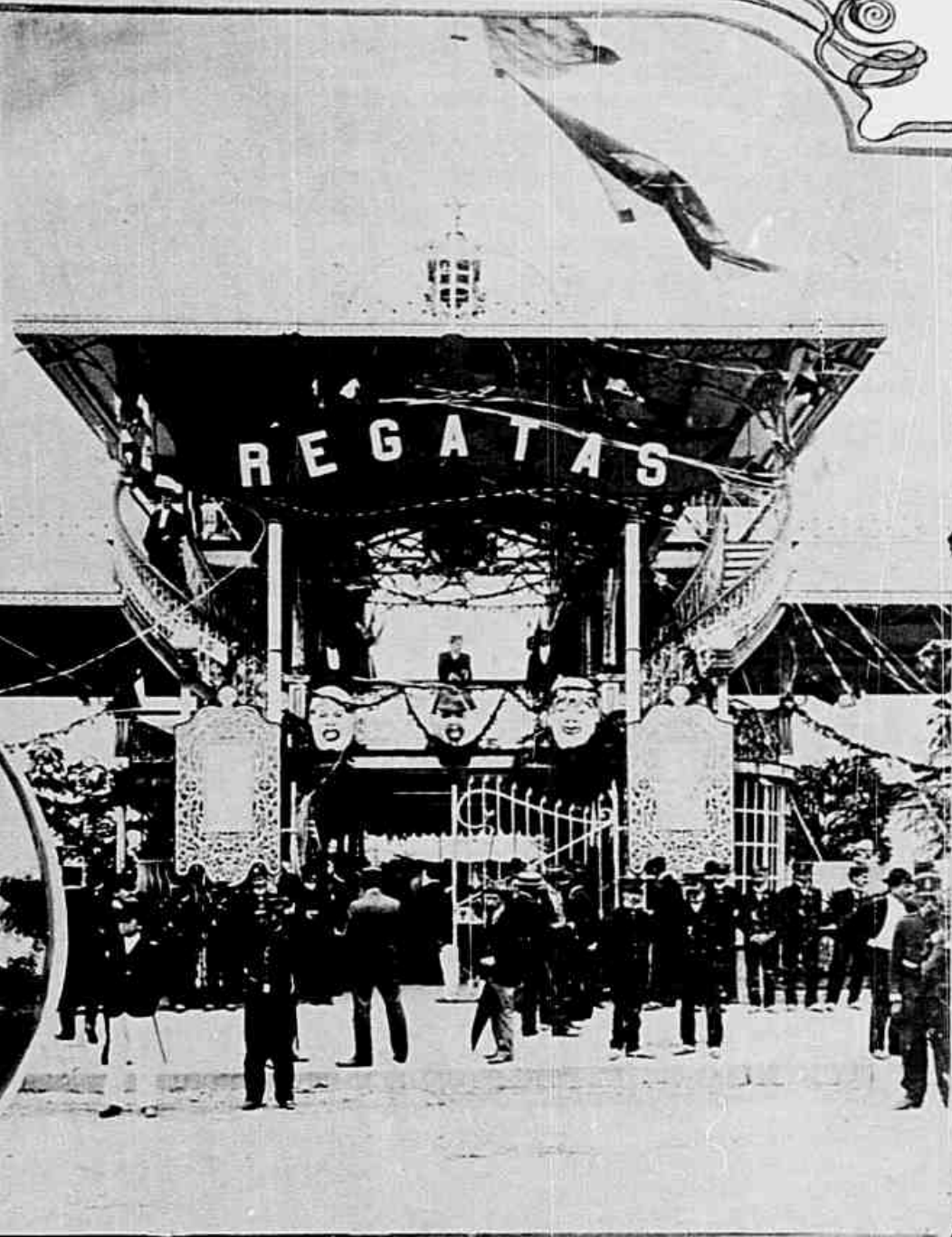
Guarda ainda no olhar toda a magua infinita,  
Dessa doce visão, dessa estranha saudade...  
Quanta recordação a Alma simples lhe agita  
É lhe enleva e seduz a pobre Mocidade.

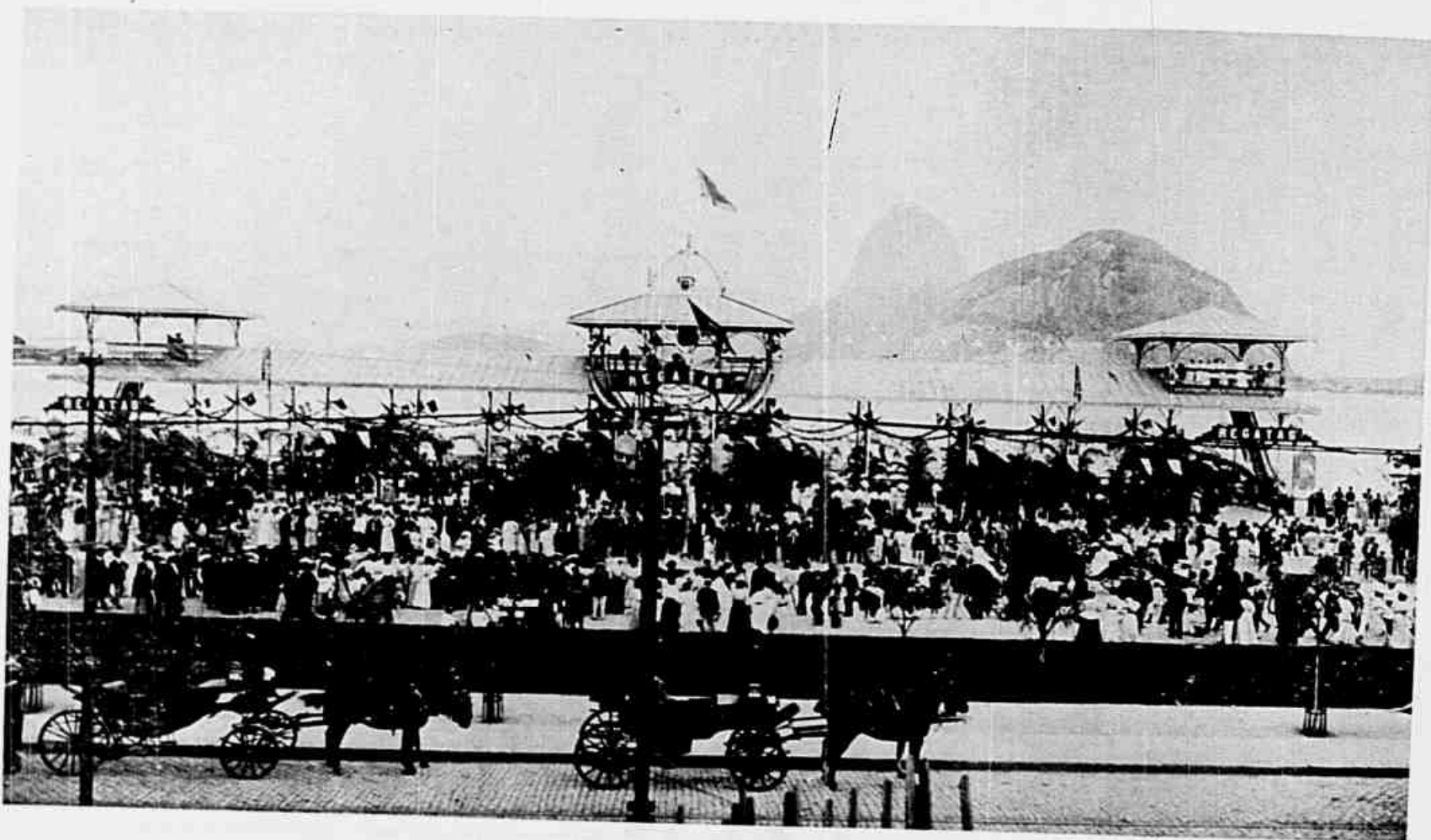
Hoje, tristonha e só na vivenda modesta,  
Confunde na impressão desse mesmo rumor,  
O seu Amor ideal e esses dias de Festa.

E no rumo' do sonho a sua Alma se interna

BATALHA DE CONFETTI NA AVENIDA BEIRA-MAR

ORGANISADA PELA «GAZETA DE NOTÍCIAS»

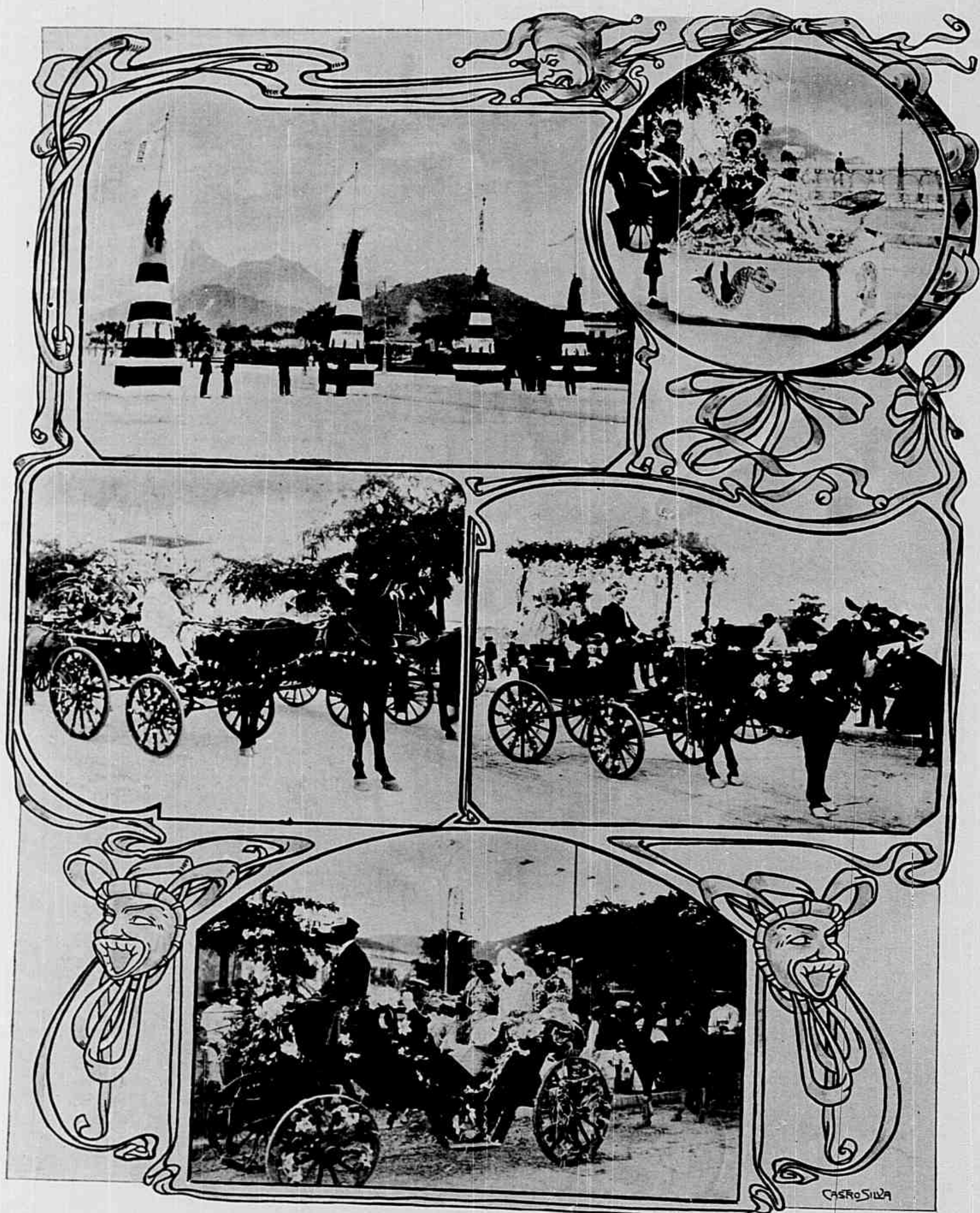




O PAVILHÃO







BATALHA DE CONFETTI

## O "QUERO JÁ"

○ PERÍODO regencial é incontestavelmente um dos mais curiosos e apesar disso dos menos conhecidos e estudados de nossa história.

Epoca tempestuosa e agitada em que de um para outro momento surgiam na arena da luta política novos combatentes, desconhecidos na véspera e logo aureolados como estadistas, dominam n'ó superiormente os quatro vultos de Feijó, Evaristo, Antonio Carlos e Bernardo de Vasconcellos, aquelles na primeira phase, quando todos os esforços convergiam para a manutenção da ordem profundamente abalada desde os ultimos tempos do primeiro imperio, estes no periodo de transição para o segundo reinado—quando espiritos causados de estereis e mesquinhas lutas partidarias promoveram o advento precipitado, prematuro do joven monarcha ao throno.

Essa idéa tomou vulto quando pela fadiga de Feijó, assumiu o poder Araujo Lima e com elle o partido conservador—de que era figura principal Bernardo de Vasconcellos e emmente estadista mineiro.

Em casa de José Martiniano de Alencar, reuniram-se varios membros do partido liberal deliberando a fundação da *Sociedade Promotora da Maioridade* (\*) sendo socios iniciadores além do Padre Alencar os senadores Costa Ferreira, Hollanda Cavalcanti, Paula Cavalcanti, deputados Antonio Carlos, Martim Francisco, Peixoto de Alencar e José Mariano.

Entraram logo depois para o Club o Conego Marinho, Theophilo Ottoni, J. Feliciano Pinto Coelho, Montezuma e Limpo de Abreu.

Varias sessões realisou esse club, mais conhecido na epoca por *Maiorista*, resolvendo fosse apresentado ao senado a proposta de suprimimento de idade do joven monarcha.

Mas para que tivesse a empreza o necessario exito, era necessario obter a annuencia do principe D. Pedro, á tarefa que ia encetar o partido, e que por uma propaganda muito bem feita ia adquirindo proselytos não só nas duas casas do parlamento como entre a massa popular que guarneecendo as tribunas das Camaras muitas vezes intervinha resolutamente nos debates.

(\*) A reunião foi em 15 de Abril de 1840 na casa n. 55 da rua Visconde do Rio Branco.

Para esse fim foi incumbido Antonio Carlos de sondar por pessoa do Paço o animo de D. Pedro de Alcantara, e na 4ª sessão do Club, realizada em 4 de Maio de 1840, disse «que em virtude do que se havia resolvido no primeiro dia da reunião do Club, de cada membro d'elle procurar saber da vontade do Imperador acerca da maioridade, elle e seu irmão o Sr. Martim Francisco, haviam-se entendido para este fim com uma pessoa do paço, e que esta depois de dias veio annunciar-lhes, que tendo tocado nessa idéa ao Imperador, este respondera que queria e que desejava que fosse logo, e muito estimara que partisse isso dos Srs. Andradas e seu partido, accrescentando essa pessoa serem estas as palavras de S. M.» (\*)

Na 5ª sessão do Club, a 7 do mesmo mez, o deputado J. Feliciano Pinto Coelho «de parte que tendo falado ao Ex<sup>mo</sup>. tutor, este asseverava que S. M. I. desejava que se adiantasse a medida da maioridade.»

Como se vê o trabalho não era feito á surdina, apesar de secreta a Sociedade maiorista, tanto que alarmados os amigos do Regente começaram a contraminar a propaganda de que resultou ser regeitada no Senado (1) a proposta apresentada por Hollanda Cavalcanti e firmada por todos os senadores membros da Sociedade e mais outros dous Ferreira de Mello e Manuel Ignacio de Mello e Souza que falleceu Barão de Pontal.

Votaram pelo projecto:

Paranaguá, Marquez de S. João da Palma, Conde de Lages, Vergueiro, Paula Albuquerque, Hollanda Cavalcanti, Almeida Cavalcanti, Costa Ferreira, José Martiniano de Alencar, Ferreira de Mello, Mello e Souza, Rodrigues Jardim, José Saturnino, Manuel de Carvalho, Francisco de Lima (10).

Votaram contra:

Lopes Gama, Araujo Vianna, Marquez de Maricá, Visconde de Pedra Branca, Visconde de Congonhas, Alves Branco, Martins Velasques, Cunha Vasconcellos, Luiz de Oliveira, Souza Paraizo, Patricio de Almeida, Rodrigues de Andrade, Marcos Antonio, Francisco de Andrade, Faria Lobato, Nabuco de Araujo, Mello Mattos, Antonio Augusto (18).

De parte dos amigos da Regencia e por habilidosa manobra politica, Carneiro Leão no dia 18 de Maio offereceu á discussão da Camara dos Deputados um projecto alterando o art. 121 da Constituição de Imperio, afim

(\*) Actas das sessões da Associação Promotora da Maioridade (Rev. do Inst. Hist. vol. 44).

(1) Sessão de 20 de Maio de 1840.

de promover o breve advento do monarcha ao throno, projecto em 18 de Julho retirado por seu autor.

Seguia a propaganda. Na imprensa o *Despertador* e o *Maiorista* inflammavam os animos pregando a maioridade immediata e nas ruas o povo cantava a seguinte quadra:

Queremos Pedro Segundo  
Embora não tenha idade;  
A nação dispensa a lei,  
E viva a Maioridade.

A turba-multa acesa em enthusiasmo, invadia as galerias da Camara acclamando os partidarios da maioridade, fazendo extraordinaria pressão sobre as deliberações daquella assembléa politica, em que o governo tinha maioria insignificante.

Foi quando Araujo Lima sentindo-se fraco, chamou para o ministerio Bernardo de Vasconcellos para entregar-lhe a Regencia.

Era esse o unico membro do partido, que graças ás suas excepcionaes qualidades de energia e talento poderia dar combate ás idéas já quasi victoriosas dos adversarios.

A 21 de Julho apresentára Antonio Carlos á Camara um projecto declarando maior o Imperador.

No dia 22, ao abrir-se a sessão da Camara foi lido o decreto de nomeação do novo ministro e logo após outro adiando as Camaras para 20 de Novembro.

Tumulto indescriptivel succedeu á estupefacção dos primeiros momentos, e logo sentindo que perderiam a batalha si não tomassem immediata providencia, em meio de delirantes acclamações do povo apinhado nas galerias, os deputados liberaes partiram para o Senado e ahi reunidos se declararam em sessão permanente, deliberando enviar ao Imperador uma commissão mixta, pedindo-lhe assumisse o poder desde logo.

Essa representação foi recebida na Quinta da Boa Vista pelo Imperador, lendo-lhe uma representação em termos violentos, protestando contra o adiamento.

Ao mesmo tempo chegava á Quinta o Regente affirmando terem sido as Camaras adiadas para se preparar a acclamação no dia 2 de Dezembro data anniversaria do mesmo principe: mas que tendo em vista a extraordinaria agitação que pela cidade lavrava, e a reunião dos senadores e deputados, vinha saber de S. M. «si queria ser acclamado naquelle dia ou já».

«S. M. respondeu que *queria já* (\*) e que em tal caso convocaria a assembléa domingo para ser acclamado; ahi intervieram os membros da deputação com febril apressuramento insistindo para que se fizesse logo no dia seguinte, e taes foram as instancias que o imperador ordenou ao Regente fosse a convocação feita para aquelle dia—23 de julho de 1840.

Assim succedeu o revolucionario advento de D. Pedro 2º ao throno brasileiro.

Varios escriptores se tem referido á phrase historica—*Quero já*—bem como aos antecedentes historicos da revolução de 22 de Julho de 1840, todos elles concordes em affirmar a coparticipação do joven principe no movimento.

Quando pelo Dr. Alencar Araripe foi lida perante o Instituto Historico a sua Noticia sobre a Maioridade, D. Pedro 2º que se achava presente, procurou contestar alguns pontos daquelle excellente trabalho o que consta de uma nota que com elle apparece publicada (\*).

(\*) Alencar Araripe. Noticia sobre a Maioridade.

(\*) Nota. Passagem sobre que versa a nota.

«Com effeito pessoa familiar do Imperador, revelou-me a existencia do plano, e provocou uma declaração de sua parte. A pessoa assim commissada não se demorou em annunciar que o Imperador não exitára em manifestar que queria a maioridade e desejava que ella fosse logo realisada, estimando muito que a idéa partisse dos Andradas e seus amigos.»

Quando lia esse periodo da presente memoria, no instituto historico e geografico, S. M. observou não ser exata a circumstancia aqui referida: e finda a leitura dice me que se não recordava de ter sido jamais provocado por pessoa alguma do paço para annunciar-se acerca da pojectada declaração da maioridade.

Reflexionei que a minha asserção fundava-se nas actas do *Club Maiorista*, seguindo eu na exposição dos successos os documentos contemporaneos.

S. M. replicou que sem contestar o accordo da exposição com os documentos, a verdade era que nenhuma recordação tinha de que a alguém fizesse declarações sobre a maioridade, manifestando desejos de ver essa providencia realisada: pois sendo então de annos juvenis, preoccupava-se com os seus estudos e não cuidava da politica militante do paiz: lembrando se sim de ouvir conversar no paço sobre o assumpto da maioridade, a respeito da qual apenas pronunciou-se quando no dia 22 de julho a commissão do Senado e o Regente foram ao paço na Quinta da Boa Vista.

Accrescentou S. M. que nessa occasião, depois de ouvir á commissão e ao Regente, consultando particularmente com o seu tutor o marquez de Itanhaen e com o seu aio, e aceitando os conselhos de ambos, declarára que aceitava o governo: e porque ao dizer o Regente que queria convocar a Assembléa Geral para Novembro, a mesma commissão insistisse sobre a necessidade de pronta convocação S. M. dice então ao Regente, que fizesse a convocação para o dia seguinte.

Alencar Araripe. Noticia sobre a Maioridade.

Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro.—Tom. 44.

Em artigo publicado nesta Revista sob o titulo *Documentos preciosos*, (\*) sobre um livro annotado por D. Pedro 2º, ha um topico referente ao *Quero já*. E' uma nota do imperial punho contestando-o, nos seguintes termos:

«*Não me exprimi assim, e se disse que preferia immediatamente, é porque os que me aconselhavam, — apenas tinha 14 annos e sempre retirado da sociedade politica — disseram-me que assim era preciso para evitar a desordem.*

Na collecção D. Thereza Christina, da Bibliotheca Nacional, existe um exemplar da obra do conselheiro Pereira da Silva «*Historia do Brasil de 1831 a 1840*», em varios pontos annotada por D. Pedro 2º. Tão preciosas são essas notas sobre a proclamação da maioridade que as transcrevemos na integra, acompanhando os trechos da citada obra:

Pag. 313

«*Não ousando levantar a nova bandeira sem o assentimento do joven imperador, foram Antonio Carlos e Martim Francisco encarregados de sondar o animo do principe. Por intermedio de um gentil homem do Paço (\*) foi ao imperador entregue um bilhete assim concebido:*

«*Os Andradas e seus amigos desejam fazer decretar pelo corpo legislativo a maioridade de V. M. I. Mas nada iniciarão sem o consentimento de V. M. I.*

A resposta do joven monarcha não se fizera demorar mais de 2 dias: estava redigida nos seguintes termos:

«*Quero e estimo muito que esse negocio seja realiado pelos senhores Andradas e seus amigos.*

Pag. 318

«*Na opinião de alguns delles (\*) não era regular uma lei ordinaria, mas as circumstancias urgentes não per-*

(\*) Vid. «*Kosmos*».—Março de 1906.

(\*) o Veador Bento Bahia.

(\*) Theophilo Ottoni—Circular de 1840.

*mittiam as delongas do processo constitucional. Anima-va-os a idéa de que com elles estava o joven monarcha e para que mais se estreitassem as intelligencias já trocadas entre os sustentadores da maioridade e a Quinta de São Christovão, assentaram dirigir-lhe um memorial, expondo-lhe o voto universal do paiz para que entrasse o principe no exercicio immediato do supremo cargo do Estado. Nelle declaravam nada promoverem, comtudo, que não fosse do seu agrado, e pediam por escripto uma resposta.»*

Pag. 319

«*Affirma um dos mais conspicuos membros da Camara dos Deputados daquella epoca (\*) que o memorial lhes fora devolvido com a palavra — sim — escripta pelo proprio punho do imperador.*

Pag. 327

«*Partiu logo depois o Regente para a Quinta de São Christovão; conseguindo uma audiencia do Imperador, participou-lhe as providencias assentadas, e affirmou-lhe não ser outra á intenção do governo, senão preparar devidamente as cousas para que, ainda no anno corrente, fosse proclamada sua maioridade, não como uma medida arrancada pelo desencadeamento das paixões, e decretada revolucionariamente por um partido em minoria desde 1836, mas com a solemnidade, prudencia e sisudez que deviam acompanhar um acto nacional tão grandioso. Depois de acolhel-o com toda a benevolencia, manifestou-lhe o joven imperador seu assentimento, com o que penhorado voltou*

*Eu não tinha opinião a tal respeito, e fugia de conversar sobre esse assumpto.*

*Nunca escrevi, nem disse tal — sim.*

*Disse-lhe que fizesse o que julgasse melhor. Muito me contrariavam semelhantes conversas, mesmo*

(\*) Manifesto de Bernardo de Vasconcellos publicado dias depois. Palavras que repete como textuaes.



o Regente a communicar aos ministros e seus amigos politicos o que se passava (\*).

Adiada as cortes por decreto da Regencia reuniram-se deputados e senadores sob a presidencia do Marquez de Paranaguá, delegando a uma commissão composta de Antonio Carlos, Vergueiro, Marquez de Lages, Alencar, H. Cavalcanti, Martim Francisco e Montezuma ir a S. Christovão conferenciar com o Imperador.

Seriam 2 horas da tarde quando chegados no Paço Imperial foram introduzidos pelo mordomo á presença do joven monarcha, a quem Antonio Carlos expoz em um discurso que levava escripto que os senadores e deputados considerando insulto feito ao Imperador o acto do adiamento das Camaras, além de constituir uma traição commettida por um Regente que o não era mais de direito desde que a Princeza Imperial completara a 11 de Março 18 annos de idade, rogavam a S. M. salvasse o throno e a nação, entrando desde logo no exercicio de suas attribuições.

Pedio-lhes o Imperador que esperassem alguns minutos na sala immediata, enquanto elle ponderava sobre o que lhe convinha responder. Neste intervallo recebeu communicação de que o Regente e o Ministro da Marinha desejavam fallar-lhe. Acolhidos benevolmente pelo Imperador declarou-lhe o Regente que adiará o Corpo Legislativo como já lh'o havia manifestado na vespera, para o fim de com calma e tranquillidade se proclamar sua maioridade no dia 2 de

*por meu caracter acanhado.*

Dezembro: que cumprido o decreto, soubera que no Senado as minorias das duas Camaras se tinham reunido, e enviado a S. Christovão uma deputação, incumbida de supplicar a S. M. tomasse conta incontinentemente da sua elevada autoridade; resolvera pois comparecer egualmente na presença do Imperador, e declarar-lhe que estava resolvido a obedecer-lhe logo que S. M. dissesse se queria esperar para 2 de Dezembro, ou desejava entrar desde logo no exercicio das funcções da corôa.

Respondeu-lhe o Imperador diante da deputação que *queria já*, e convocasse as Camaras para o domingo proximo afim de lhe tomar o juramento. Modificou logo depois a sua deliberação, a instancias de Antonio Carlos, accrescentando que em vez de domingo fosse o dia designado o de 23 de Julho.

Creio que esse testemunho do monarcha, singela e despretenciosamente lançado á margem de um livro não destinado a extranhas vistas, reveste-se de excepcional importancia.

A phrase considerada já historica, e como tal encontrada em todos ou quasi todos os escriptores da historia patria, é contestada por quem se affirma tel-a proferido, que se revela agora inteiramente alheio aos acontecimentos que deram causa ao seu irregular advento ao throno, lavando-se assim da pecha de ambicioso que já lhe foi varias vezes assacada, principalmente em virtude dessa phrase, para muitos reveladora de insoffrida ambição de mando.

E quero acreditar que para o futuro, rebusquem os historiadores os preciosos archivos da nossa tão desconhecida Bibliotheca e nella colham os documentos que aclaram tantos pontos controversos da historia patria.

Rio — Fevereiro — 907.

MARIO BEHRING.

(\*) Theophilo Ottoni.



# TRADIÇÕES

—VEM dahi, meu velho carioca impenitente, vamos dar á perna por esta linda Avenida, na sucia barulhenta desta desafogada multidão que se diverte; vem dahi.

Ampara-te á suave elegancia do meu braço feminino; junta-te á minha alegre companhia de mulher galante, e vamos apreciar o Carnaval nas Avenidas novas e nas novas Ruas largas. Talvez, temas comprometedoras apreciações á tua consideração de homem serio e ponderado, talvez... Mas, com todos os diabos, não estamos no Carnaval? Na epoca da loucura classica, do disfarce, do riso e da bella pandega? Vem dahi... Demais, atravez do lindo disfarce deste pequeno «loup» de sêda branca e desta provocadora phantasia guisalhante de «clowness», ninguem reconhecerá a incorrigivel companheira das tuas antigas troças, nos teus aureos tempos de moço e folgazão. Vem dahi, que te vou mostrar cousas novas e civilizadas, nunca vistas por ti, nunca imaginadas por aqueles que, como tu, emperraram na ferrugem das Tradições e das Saudades incompreensíveis.

Daqui deste ponto extremo, junto do Mar, ao lado da tradição encantadora do teu lindo Passeio Publico, sob a exquisita exclamação invertida deste obelisco, rola o teu olhar, eternamente saudoso, tristonhamente contemplativo, por toda a larga extensão de toda a linda Avenida e repara, repara bem, na delicia desta perspectiva.

Que cousa mais linda já viste, que este povo em festa, feliz e despreoccupado, percorrendo esta encantadora rua larga e illuminada?

O ar não suffoca; circula livre e fartamente de Mar a Mar, de extremo a extremo, e a multidão não se comprime, não se esmaga, não se fere, como nos detestaveis apêrtos da tua celebrada rua do Ouvidor, quente da luz asphyxiante daquelles celeberrimos arcos de gaz, embaceada da poeira immunda da rua e dos confetti.

Era assim, no teu tempo, o Carnaval? Não, não era. Tinha sempre a nota desagradavel dos apertos, a tristeza lugubre das illuminações incompletas e o incommodo detestavel das ruas estreitas.

Dos confins do Districto, dos extremos pittorescos da Gavea, dos limites ruraes de Inhauma, todo uma festiva massa de povo,

abalava para os suadores inevitaveis das nossas velhas ruas.

Lembras-te, meu velho carioca, da tristeza tormentosa desse spectaculo? Era um povo inteiro que se martyrisava, que se machucava, que se feria, que brigava para se divertir, apertado e suffocado entre as altas paredes rijas do nosso detestavel casario.

E do meio da voz estridula dos cornetins carnavalescos, do falsête dos mascarados, quantas e quantas vezes, partiam gritos de dor, guinchos nervosos de faniquitos femininos, trovões de vozerio paterno em rallo á troça garôta dos mal educados...

E hoje? Repara; é toda uma enorme Multidão festiva que se estende desafogadamente pelo vasto caminho da Avenida, que se espraia pelas ruas largas, sem apertos, sem incommodos, sem suor.

Tudo mudou, tudo. Na rajada destruidora da nossa Civilização rapida, lá se foram os velhos habitos do teu immundo Rio aldeão e primitivo. Ha roupas claras, cassas leves e transparentes, escondendo carnações alarman-tes. Os «Panamás» triumpham e os leves chapéos de palha ganharam, victoriosamente, todo o terreno.

As mamãs não vestem mais a sêda custosa dos grandes dias e os papás, no commando supremo das legiões familiares, não têm mais a temer a insolencia das vaias, o ataque aggressivo ás «jacas» e á integridade moral da sua veneravel figura de funcionario.

Nem uma sobrecasaca, repara, nem uma cartola. Ficaram ambas no descanso feliz das moradias, promptas apenas para a solemnidade das missas funebres e dos enterros dos considerados e dos medalhões; e em breve, tu mesmo, has de ver, sem espanto, sem magua, que estes dois elementos supremos da esthetica burgueza dos vestuarios, passaram para o rol das cousas phantasticas, e talvez, quem sabe, tu mesmo, á noite, no descanso caseiro, a acalentar teus filhos, has de acrescentar ás lendas encantadoras da familia, as historias espantosas de homens que andavam, em pleno Sol, sob o mais lindo Céu azul, «envoltos na tristeza veneravel de uma sobrecasaca preta, cobertos pelo cylindro lustroso de uma cartola espelhante». E os teus pequenos hão de arregalar os olhos, tremulos de medo e de espanto, diante daquelle horror e daquelle.... tormento.

E como tudo muda, meu velho carioca, tambem mudou o Carnaval e a propria alegria de hoje, nestes tres dias loucos, é mais franca, mais sonóra, mais sadia.

Bem sei. Não temos hoje o luzimento phantastico daquelles prestitos custosos das nossas Sociedades carnavalescas. Não temos, bem sei; mas temos mais alegria no Povo e o bom humor de toda uma População desafogada e feliz. Sentes a falta daquelle luxo oriental, daquelle desperdicio fabuloso de lantejoulas e fogos de bengala, daquelle luxuriosa exposição de Carne, da luxuria tentadora dos «maillots», das largas pincelladas de bistre daquellas olheiras profundas e da profusa orgia dos carmins. Tens razão, tens razão. O Carnaval mudou, mas tu ganhaste, na commodidade, no bom calçamento e na boa iluminação. Aqui estamos, a palestrar, vae para uma hora, commodamente, sem encontrões e sem apertos, sem suor e sem rôlos. Pois, não é tão bom? No intimo, na intimidade do teu velho sentimento, das tuas recordações archaicas, eu percebo, meu velho, a tua grande e immorredoura saudade das apothoses freneticas de applausos, com que tu, e os teus camaradas d'antanho, saudavam os «Democraticos», os «Fenianos», os «Tenentes», a «Peruana», a «Phrynéa», afogados no delirio de um entusiasmo vermelho, bufando de calor e pó, grupados, apertadamente, ás portas estreitas do «Castellões» e do «Londres», ou ás esquinas tortuosas de Gonçalves Dias e Uruguayana.

Deves tambem sentir a falta incomprehen-sível do teu saudoso Zé Pereira, atordoando os ares com aquelle incançavel zabumbar alegre e forte. O Zé Pereira era a symphonia do Carnaval. Punha formigueiros ás pernas trefêgas dos cariocas, remechia-lhes o corpo em desengonço e bamboleios e acendia-lhes no olhar a chamma rubra do prazer.

Mezes antes, tu já o ouvias, a maior parte das vezes, pelos môrros em passeiadas de ensaio, e o rufo miudo daquellas caixas, o bater compassado e sêcco daquelles bombos, era o signal da alegria que vinha, da loucura que se aproximava, da florescencia vermelha das festas classscas de Momo.

Hoje, tens a te consolar a infindavel serie dos nossos melancholicos «cordões», de todas as cores, de todos os nomes.

Sim. Deves achal-os tristes, com a eterna melopéa das suas toadas, a primitividade das suas danças, a Musa desengonçada dos seus Versos e a incomprehen-sível phantasia dos seus vestuarios.

Pois, meu caro, são os dominadores do Carnaval e o tormento dos Poetas.

Contenta te com a alegria do Povo, que é mais franca, mais sadia do que nos teus chorados tempos que lá vão.

Vês? Ha mascararas pelas ruas, tetricos e aborrecidos, como se estivessem a cumprir a mais solenne das obrigações. Mas isto sempre foi assim; o mascara avulso foi sempre, em todos os tempos, a expressão mais exacta da insipidez e do desalento.

Bem sei, que a figura rubra dos travessos «diabinhos» antigos, tinha mais graça, mais vida, do que a palhaçada grotesca destes «clowns» de agora, repisando pilherias de circo de lona.

E os teus «velhos», os mestres inegalaveis da agilidade das *letras*, com os seus «carões» enormes, phantasticamente enrugados e feios, o luxo das suas vestes de velludo e lantejoulas e o seu longo bastão de papel doirado?

E o «pae João», immundamente ridiculo, pintado a pixe, fallando no arrevêzo da linguagem africana, agarrado á vassoura tradicional.

São typos que passaram para o dominio da Tradição, para o esbatimento saudoso das boas recordações.

Em compensação, tu hoje tens..., tu tens... tens o... tens... a Avenida, o fon-fon dos automoveis, a luz electrica, o bom calçamento, as ruas largas, enfim, todo este sumptuoso Carnaval que estamos apreciando.

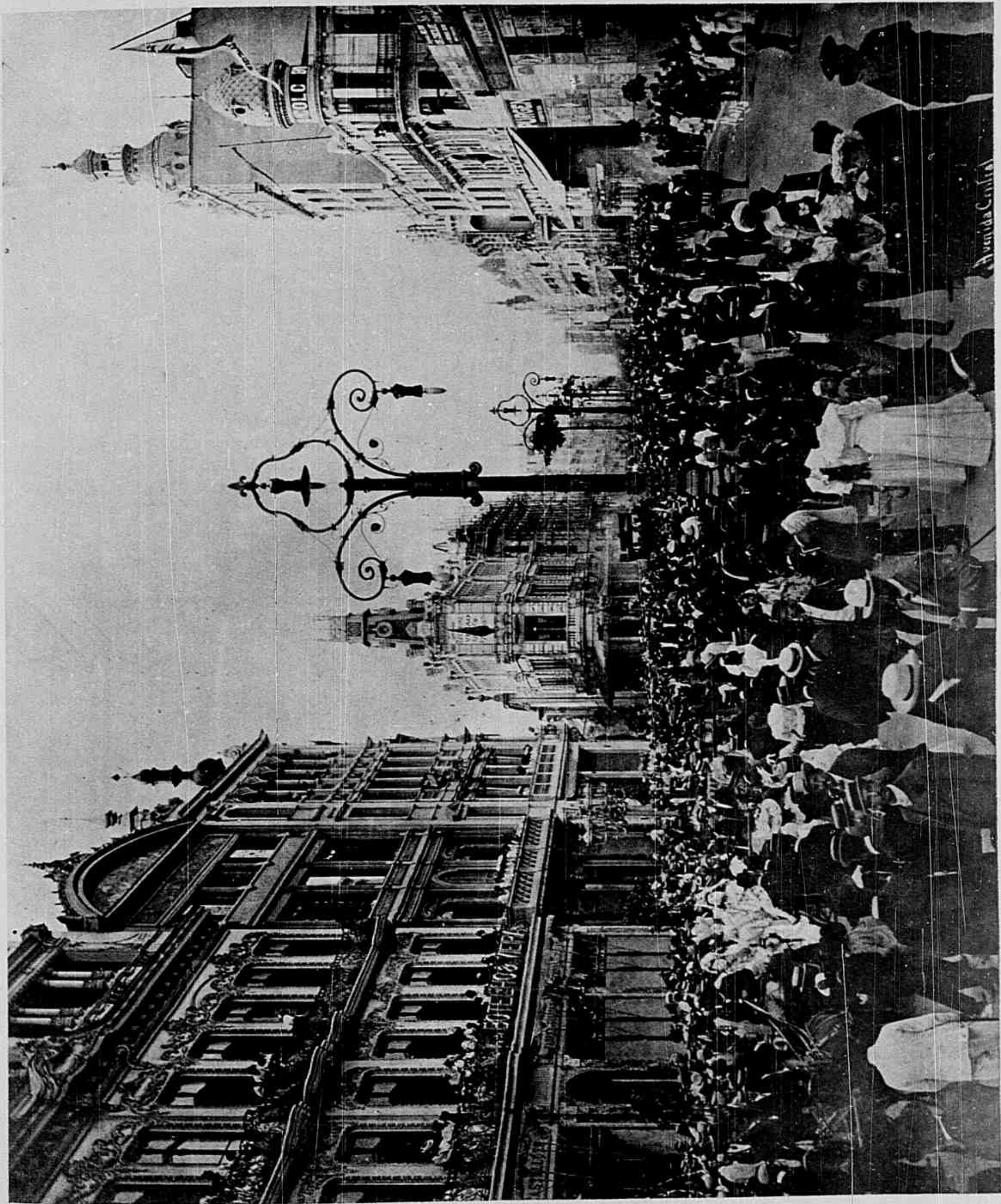
Vem dahi. Faz-se tarde e ambos devemos estar cançados. Vem dahi, que por hoje já nos divertimos regaladamente e eu, com franqueza, sinto-me cheia de Somno e de Insipidez.

E aflautando a voz, a linda companheira de troças e loucuras do meu tempo de moço e folgazão, perguntou, num falsête desembidamente carnavalesco e cançado: «Você me conhece? Eu sou a Folia».

A Cidade começava a repousar, exhausta, das loucuras do dia.

De longe, por aquella hora calada de noite alta, vinha o rumor somnolento e sentimental do réco-réco de um «cordão» em retardo.

— Que cousa lugubre! — E abalei para casa.



## AOS CAMPISTAS

POR OCCASIÃO DAS INNUNDAÇÕES DE 1906

Chove ha mezes. Nuvens pardas,  
Prenhes d'agoa, passando  
Vão no céu baço, em bando,  
Como corvos, movendo as azas lardas.

E ha por ahi cazaes  
Lavoiras, villas desaparecendo  
Numa tristeza tragica. O tremendo  
Crescer dos rios vem crescendo mais.

Assoberbados corregos, no estio  
Mesquinhos, levam na carreira pontes  
E mugem como bois, no ermo sombrio,  
Catadupando, as agoas pelos montes.

Quantas familias hoje, sem abrigo,  
Como a tribu de Cham, vagando vão.  
E o camponez, que a sorte fez mendigo,  
Sente que lhe fallece o coração.

Gente que eu conheci, gente que eu quero  
Como se a minha propria gente fosse,  
Que na fartura vi, contente e doce,  
Anda a morrer de magoa e desespero.

E pela noite quêda e indifferente  
A natureza atravessando, escuto,  
Multiplicado, unisono, pungente,  
O longo choro humano ininterrupto.

O choro humano, tumido de magoas,  
Avolumado em ondas, vem crescendo,  
Como o outro choro intermino das agoas  
Pelos escombros, no bramido horrendo.

Ophelias brancas pela unida treva  
Das frias noites, vão dizendo adeus.  
Quem sabe a vaga que o seu filho leva?  
Quem vêr consegue nesta sombra Deus?

E a lua, a parca que ali está suspensa,  
Com o frio disco, pallida, recorta  
Para o cadaver da cidade morta  
N'agua do rio uma mortalha immensa.

O' Parahyba! toalha remançosa  
No bom tempo; no inverno, mar sombrio.  
O' via sacra! via dolorosa!  
Os mortos boiam no seu dorso frio!

Leito de velho, berço de menino,  
E o ninho d'ave, morto no gorgeio,  
Boiando, como lyrio matutino,  
Da noiva amada o abotoado seio...

Rio da morte! Lethes inclemente!  
Que as esperanças mortas vaes levando,  
O humano choro, escuto, soluçando,  
Pelo surdo rumor da tua enchente.



## MAR GROSSO

Oh ondas que daes vida e mataes!  
(RUYTER.— *Ann. da Mar. Holl.*)

Desde manhã que a Isidora e mais duas camaradas estavam nas pedras a tirar mariscos.

Corria um verão muito limpo.

Uma continua brisa de nordeste embalava docemente as verduras do pequeno promontório do Rapa. Do alto caíha o sol de ouro quente. Em baixo, em volta, achatando-se a perder de v.sta, cheia de magnificencia e de sonho, a planura verde do Mar, faiscando pelos seus grossos vagalhões sonoros que se estendiam em gigantescos novellos rolantes ao longo das praias, cobrindo-as de largas rendas de espuma. Proximo, os cômoros, com um tom de alvuras oxydadas sob a luz radiante, expunham um retalho desolador de ondulosas areias saharianas. Velas andavam além com saudosas brancuras.

De lenços de chita á cabeça, as mulheres, com as costas escaldando, as faces abertas pelo calor em côr de rosa esplendido, enchiam os samburás, empoitadas sobre as pedras. A's vezes as ondas, escachoando em véos brancos contra a penedia, lambiam-lhes com furor os braços e as mãos rebuscadoras e déstras que apanhavam os mariscos ás pencas. Ellas então desatavam a rir, cheias de consolação, delicias á frescura daquellas luvas de humidade e espuma que logo se evaporaram ao contacto do ar e á luz comburente.

Nessa doçura e na alegria da farta pesca que a baixa-mar favorecia, iam de pedra em pedra, numa palração que aquecia, em notas muito cantadas, borbulhando como um veio crystalino dos labios humidos e frescos, de bella pôlpa escarlata. Sentiam-se felizes e falavam expansivamente do lar, dos filhos, das hortas e das roças, da sua criação e do seu gado, abençoando o destino. Com os samburás já cheios esqueciam-se, agora, num repouso bem ganho, sobre uma lage rasa, das mais de fóra, sem reparar na maré que subia. Levaram assim longo tempo, a dar á trela...

Mas um «vagalhão solteiro», um desses tremendos vagalhões isolados tão conhecidos nas costas de mar grosso, e que, em plena bo-

nança e sem se saber bem a causa, surgem, de vez em quando, mais altos e mais agitados que os outros, a sossobrar canôas e a assaltar furiosamente as rochas como numa tempestade, — ergueu-se de subito e as envolveu cruelmente no bôjo bramante. Foi um medonho turbilhão de espuma. A lage toda afundou-se, sumiu-se em grossos rolos fumegantes como um casco a pique, e quando a agua escoou gritos dilacerantes partiram da corôa branca das ondas.

A Isidora, valente e robusta como uma moira de trabalho que era, com os seus braços possantes e rijos de bater algodão, acarretar agua e lenha, e malhar o feijão no terreiro ao sol, procurava, a rudes e esforçados arrancos, galgar a pedra, infelizmente escorregadia da pellucia verde-negra do musgo que a revestia, e que nem ao menos offerencia uma só cavidade apoiadora ás suas pobres mãos naufragas, tentando anciosamente, em vão, agarrar-se a essa massa granitica, nos constantes empuxões das vagas. Debatia-se com denodo e furor, num frenesi de salvação, num desespero de leôa.

As outras, aos gritos de socorro, a boiarem nas saias enfunadas, num bracejamento indomito de luctadoras, iam levadas para fóra, para o largo, no recúo das aguas hiantes...

Pescadores, que andavam além deitando as redes num afastado recanto da costa, acudiam correndo.

Nesse instante o marido da Isidora, o Manoel Porto, appareceu no alto das pedras, com dois filhinhos pela mão, a chorar. Ouvira longe, do lado de lá, na Lagoinha, gritos continuos que voavam daquellas bandas, e atirara-se para allí a toda, com as crianças, porque tivera de repente um presentimento, uma «pancada» no coração, ao lembrar-se da mulher que lhe avisara, muito cedo, que ia ás pedras tirar mariscos, mais a mulher do Zé Felix e a do Rufino.

Do alto dos penedos o pobre homem desvendou logo, com o olhar rebuscante e ancioso, o sinistro quadro — e sentiu como uma machadada formidavel rebentar-lhe o vasto peito possante. Uma enervação subita inteiriçou-o. Quasi não podia respirar. Mas quando a reacção se fez, despertando-lhe a máscula e poderosa energia de velho leão do mar, desprendeuse dos filhos, disse-lhes que esperassem que já voltava, e desapareceu pelas anfractuosidades das fragas, branco, tremulo, numa angustia allucinadora e suprema. Correu, desceu, avançou até ás ultimas pedras do cabo, as mais de fóra, as mais afastadas nas ondas.

As duas mulheres, que a principio boiavam nas saias enfunadas, já se haviam afundado ao largo.

E só a Isidora luctava ainda, na espuma-rada do maroiço, batendo de encontro as rochas. Resistia prodigiosamente, num ultimo combate para a Vida, com o bello peito athletico de aldeã lacerado, ferido, escorrendo sangue, os cabellos ensopados, empastados pela cara, os olhos immensamente abertos, parados, raiados de rubro, vidrados já, e frios. Um ar crispado e tremulo, de exgotamento e agonia, envolvia-lhe o semblante.

Dessa infeliz creatura, dessa mãe e esposa amantissima e boa, a debater-se em perigo extremo sobre o pélagio revolto e n'elle quasi a desaparecer para sempre, desprendiam-se apenas, agora, ais e gemidos roucos, desoladores, plangentes.

No entanto de um cabeça proximo, totalmente impedido de avançar mais, o marido acenava-lhe com os braços e as mãos no ar, chamando-a pelo nome e gritando:

— Coragem, Isidora, coragem! Um esforço mais, pela Virgem, e eu te salvarei!...

E tirava nervosa e precipitadamente a camisa para se jogar ao mar.

Mas a Isidora, coitada, já não o ouviu mais. Um vagalhão mais alto envolveu-a, afundou-a de todo nas espumas brancas...

O Manuel Porto, porém, decisiva é audazmente se atirara ás vagas e, como um Neptuno, com o busto herculeo intumescido de musculos, o rosto espiritualizado pela Afflicção e a Dôr, os olhos enormemente abertos, a rebuscar as aguas em torno, onde a mulher se submergira naquelle instante, — bracejava desesperadamente no torvelinho espumoso. Mergulhava aqui para surgir alli, mergulhava de novo para resurgir acolá, continuamente, de instante a instante...

Em vão!

A Isidora jazia já morta no seio da voragem oceanica, tendo assim o desventurado e

tragico fim das suas duas companheiras, esposas e mães como ella, e que, como ella, nunca mais, nunca mais voltariam á terra senão cadaveres...

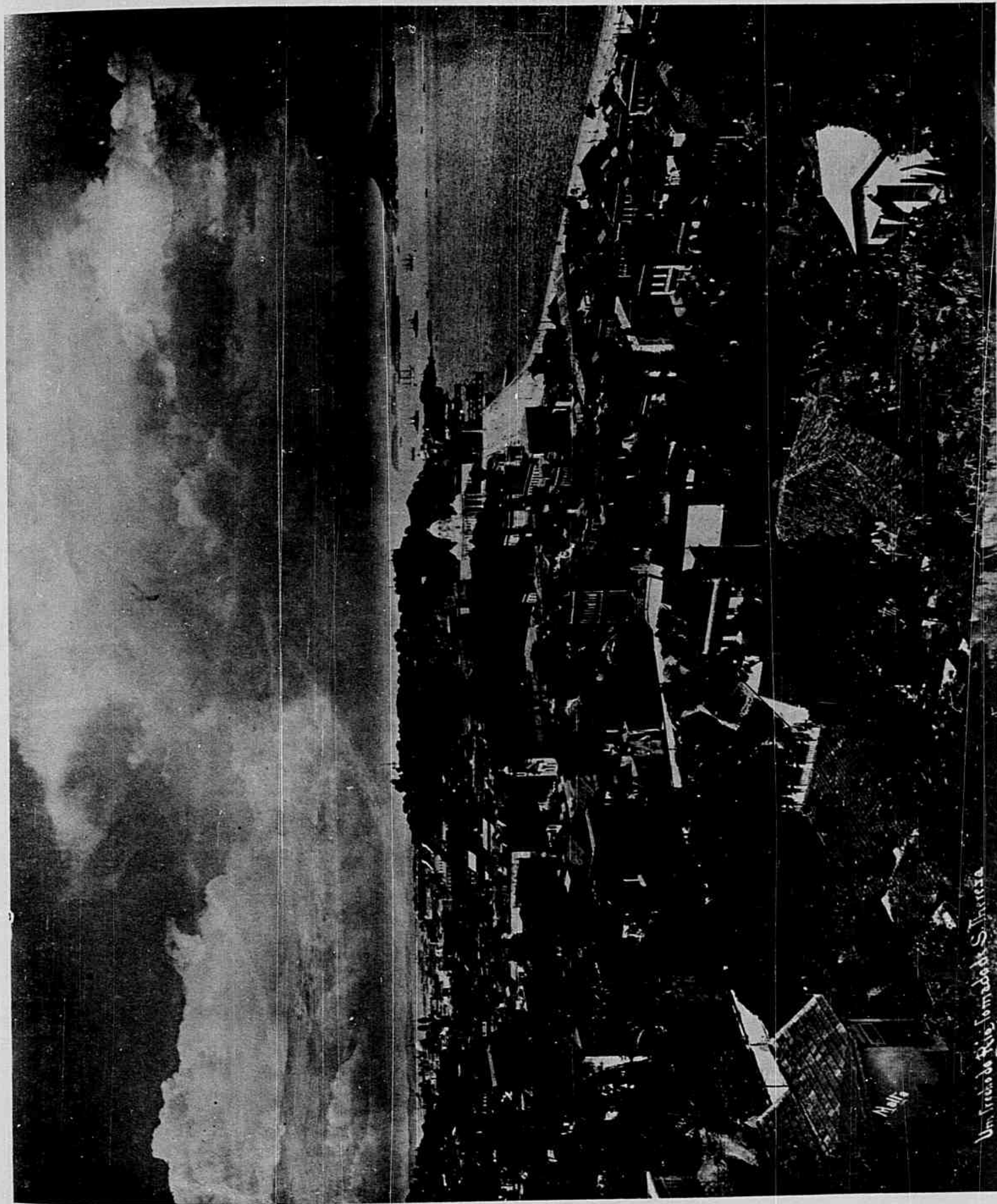
As pedras, agora, estavam todas povoadas, estranhamente crivadas de gente. Crianças, mulheres e homens faziam um alarido choroso, selvagem.

Mas nem uma só embarcação nas proximidades e ninguem capaz de arriscar-se naquellas penedias, além do Manoel Porto, que tinha alli em naufragio o seu bem, a sua fortuna, o seu amor, a sua alma!

Os maridos das duas primeiras mortas eram embarcações de longo-curso que andavam, ao tempo, ausentes a bordo dos seus navios, em largas e afastadas viagens. Os filhos destes eram ainda pequenitos e mal sabiam o que fazer, attonitos e em lagrimas entre aquella multidão estarecida, a gritar loucamente ante o sinistro brutal...

Entretanto, após minuciosa e demorada pesquisa em torno aos cabeços do Rapa, em meio á violenta e perigosa arrebentação marinha, o Manoel Porto, já sem mais animo e esperança, extenuado e quasi morto, voltou para terra, a chorar perdidamente, numa angustia inconsolavel. E, de pé sobre a mesma rocha de onde a esposa fôra arrancada pelas vagas, entre os dois pobres filhinhos orphãos, que soluçavam tambem na treva da sua ancia e do seu infortunio, sem mais a doçura de um beijo, o conforto de um carinho, a luz incomparavel e divina de um coração de Mãe — quedou-se espasmado e inerte, emparvecido e chumbado ao sólo pela suprema ankilose do Soffrimento e da Desgraça. Depois, ainda em pranto e transido, ergueu os braços ao céo, como a implorar profundamente de DEUS — a essa hora bem occulto e distante! — uma salvação e um milagre para a pobre esposa adorada, agora para sempre perdida no seio immenso do Mar...

VIRGILIO VARZEA.



Una strada di San Francisco, California

M. G.



# POR DARWIN

## CAPITULO I

### INTRODUCCÃO

Encetamos, n'este numero de *Kosmos*, a traducção, para a nossa lingua, do valiosissimo livro de Fritz Müller, intitulado— "Factos e argumentos a favor de Darwin" ou, mais succintamente,— "Por Darwin".

E traduzimol-o da edição ingleza de W. S. Dallas, Assistente Secretario da Sociedade Geologica de Londres—1869, porque esta foi acompanhada de annotações ulteriores, de Fritz Müller, á edição allemã de 1863; annotações que vieram corrigir erros de impressão e trazer melhores luzes sobre certos pontos, ali menos explicitos.

Fritz Müller foi naturalista do Museu Nacional; e o seu nome tornou-se celebre depois de "Für Darwin" que, foi escripto em Desterro—Santa Catharina—, onde residia aquelle Philosopho.

O seu objecto "era simplesmente indicar alguns factos favoráveis á theoria genealogica, colligidos no mesmo sítio Sul Americano, sobre o qual, pela primeira vez, occorreu á Darwin a idéa de volver a sua attenção para a "origem das especies, este—mysterio dos mysterios"—como nos diz o proprio Darwin".

"Für Darwin" é, portanto, um livro escripto no Brasil e para o Brasil... e estamos quasi affirmando que elle não é conhecido dos Brasileiros...

Estaremos errados? Não o cremos; em todo o caso é esta a sua primeira edição brasileira, com que "Kosmos" brinda aos seus leitores, acoditando prestar um bom serviço, á santa causa da instrução publica.

Rio-26-2-07

CRYPTUS.

Quando eu li o livro de Carlos Darwin «Sobre a Origem das Especies», me pareceu que havia um meio, e talvez o mais seguro, de verificar a justeza das vistas n'ellê desenvolvidas, o qual era applical-as, tão especialmente quanto possível, á algum grupo particular de animaes. Uma tal tentativa de estabelecer uma arvore genealogica, tanto para as familias de uma classe, para os generos de uma vasta familia, como para as especies de um extenso genero e, de figurar, tão completa e claramente quanto possível, os antepassados communs dos varios ciclos menores e maiores, poderia conduzir á tres resultados diversos:

I. Em primeiro lugar, as supposições de Darwin, assim applicadas, poderiam conduzir á conclusões irreconciliaveis e contradictorias, das quaes, poder-se-hia inferir as falsidades das supposições.

Se as opiniões de Darwin fossem falsas, era de esperar que as contradicções seguissem á sua applicação detalhada, á cada passo; e que estas, por sua força cumulativa, destruissem por completo as supposições de que procediam, mesmo quando as deducções derivadas de cada caso particular, pudessem possuir alguma coisa da natureza incondicional da prova mathematica.

II. Em segundo, a tentativa podia ser de successo em maior ou menor extensão. Se fosse possível, sobre as bases e com o auxilio da theoria Darwinista, mostrar de que modo os

varios ciclos menores, e maiores se separaram da forma fundamental commum e uns dos outros, de que modo elles haviam adquirido as peculiaridades que os caracterizam actualmente e que transformações elles soffreram, no lapso dos tempos;—se fosse possível o estabelecimento de tal arvore genealogica, de uma historia primitiva do grupo considerado, livre de contradicções internas—então, esta concepção, por mais completamente que encarnasse todas as especies em si propria e por mais profundamente que nos habilitasse a descer aos detalhes de estructura d'estas, deveria, na mesma proporção, trazer em si propria o attestado da sua verdade e a prova, a mais convincente, de que a base, sobre que fora edificada, não é a areia movediça e, portanto, mais alguma cousa do que um méro «sonho intellectual».

III. Em terceiro lugar, comtudo, seria possível (o que não deixaria de parecer, *prima-facie*, o caso mais provavel) que a tentativa fosse frustrada pelas difficuldades encontradas em seu curso, sem resolver a questão em toda a linha, de um modo perfeitamente satisfactorio. Porém, ainda que só fosse possível, assim, chegar á um julgamento independente, moderadamente certo, para si proprio, sobre materia affectando, tão profundamente, ás mais altas questões, mesmo isto só não poderia deixar de ser considerado uma grande aquisição.

Tendome resolvido pela empreza, eu devia primeiramente me decidir por alguma classe particular. A escolha limitava-se, por certo, áquellas cujas formas principaes pudessem ser facilmente obtidas vivas, em alguma abundancia. Os carangueijos e os Crustaceos *Macrurus*, os *Stomatopodes*, os *Diastylideos*, os *Amphipodes* e *Isopodes*, os *Ostracodes* e *Daphnideos*, os *Copepodes* e *Parasitas*, os *Cirripedes* e *Rhizocephalos* das nossas costas, representando a classe dos Crustaceos, com a unica defficiencia dos *Phyllopedes* e *Xyphosuros*, forneciam uma serie extensa e variada, ao mesmo tempo que intimamente ligada, tal como eu não poderia obter em nenhuma outra classe. Porém, mesmo independentemente d'esta circumstancia, a selecção dos Crustaceos, difficilmente poderia ter sido duvidosa. Em nenhuma outra parte, como já foi indicado por varios auctores, ha mais forte tentação de dar ás expressões «parentesco, producção proveniente de uma forma fundamental commum», e mesmo, mais do que uma significação figurativa, do que no caso dos Crustaceos inferiores.

Entre os Crustaceos parasitas, especialmente, todo o mundo está, de ha muito,

acostumado a fallar, de um modo que apenas admite feição figurativa, de sua parada de desenvolvimento por parasitismo, como se a transformação das especies fosse uma cousa decidida.

Não pareceria, certamente, á ninguem, um passatempo digno da Divindade, divertir-se com a invenção desses maravilhosos aleijões e, portanto, elles foram julgados como tendo calido, por sua propria culpa, como Adão, do seu primitivo estado de Perfeição.

O facto de que, uma grande parte dos maiores e dos menores grupos em que se acha dividida esta classe, podia ser considerada como satisfactoriamente estabelecida, era ainda uma vantagem á não ser desprezada; ao passo que em duas outras classes, com as quaes eu estava familiarisado — a dos Annelidos e a dos Acalephos, todas as tentativas de ordenação, só podiam ser consideradas como revisões préliminares.

Aquelles grupos immoveis, assim como as formas frisantemente notaveis da rija armação dermica, multi articulada, eram, não sómente importantes como seguros pontos de partida e sustentáculos, mas, tambem, do mais alto valor, como barreiras intransponiveis de um problema em que, da sua natureza real, a phantasia podia livremente desdobrar as azas.

Assim, quando eu comecei á estudar os nossos Crustaceos, mais estrictamente sob este novo preceito da theoria Darwinista, — quando eu tentei trazer os seus grupamentos á forma de uma arvore genealogica e conceber uma idéa da estructura provavel de seus antepassados, — vi immediatamente (como eu já esperava, na verdade) que seriam necessarios annos de trabalho préliminar, antes que o problema essencial fosse seriamente atacado. As obras principaes de systematica, geralmente attribuem mais valor, aos caracteres separando os generos, as familias e as ordens, do que os que unem os membros de cada grupo e, consequentemente, fornecem, quasi sempre, muito pouco material applicavel.

Porém, acima de tudo, um conhecimento de conjuncto da evolução, éra indispensavel e todo o mundo sabe, quão imperfeito é o nosso conhecimento actual d'este assumpto.

As defficiencias existentes éram as mais difficeis de supprir porque, como notou Van Beneden a respeito dos Decapodes, da quasi

sempre incrível differença no desenvolvimento das formas, as mais estreitamente alliadas, decorre que ellas devam ser estudadas separadamente — em geral familia por familia e, frequentemente, genero por genero, senão, ás vezes, como no caso de *Peneus*, mesmo especie por especie; e porque estas investigações, já de si incommodas e tediosas, dependem, na regra, de um ensejo casual para o seu successo.

Mas, comquanto a execução satisfactoria da «Arvore genealogica dos Crustaceos» pareça ser um emprehendimento para o qual difficilmente bastaria o vigor e a vida de uma pessoa, mesmo sob mais favoraveis circumstancias do que poderia apresentar uma ilha longiqua, por demais afastada do grande centro da vida scientifica, longe das bibliothecas e dos museus, — nem por isso a sua praticabilidade se torna cada vez menos duvidosa aos meus olhos; e, novas observações, dia a dia me tornam mais favoravelmente inclinado á theoria Darwinista.

Procurando estabelecer os argumentos que eu tirei da consideração dos nossos Crustaceos, á favor das vistas de Darwin e que (juntamente á considerações mais geraes e observações em outros grupos), essencialmente auxiliaram a fazer com que a correcção de taes vistas, se mostre cada vez mais palpavel para mim, que, me deixei influenciar por uma expressão de Darwin: «Aquelle que», (Origem das Especies, p. 482) «é levado á crêr que as especies são variaveis, prestará um bom serviço, exprimindo conscienciosamente a sua convicção.»

Ao desejo expresso n'essas palavras, eu respondo, por minha propria parte, com o maior prazer, pois que, isso me fornece oportunidade de, publicamente, exprimir em palavras, a gratidão que eu senti profundissimamente por Darwin, pelas instrucções e suggestões, de que sou tão devedor ao seu livro.

Portanto, eu trago este grão de areia com segurança á concha da balança contra «o fardo do preconceito com que este assumpto é opprimido», sem me perturbar em que os sacerdotes da sciencia orthodoxa, queirão me incluir entre os sonhadores e neophytos, no conhecimento das leis da Natureza.

FRITZ MULLER.



CLUB DA TIJUCA

DEMOCRATKOS

PINGAS



CARNAVAL DE 1907

# O Carnaval no Rio

(NOTAS LIGEIRAS PARA UMA CHRONICA)

○ CARNAVAL dos nossos antepassados era o entrudo.

Já nos tempos coloniaes *jogavam-no* desembaraçadamente. As mascaras eram tidas como prejudiciaes á ordem publica, serviam para ciladas, para os levantes e crimes. Em 1720, quando em Minas Geraes, o bando do mestre de campo Paschoal Guimarães desceu, alta noite, do Morro Velho sobre a moradia do prepotente ouvidor Martinho Vieira, os que o guiavam vinham mascarados. Dizem tambem que foi um *mascarado* quem assassinou o prisioneiro almirante Du Clerc, em 1710, na casa que o governador desta cidade lhe déra por *prisão* na rua Direita... Outros crimes mysteriosos são attribuidos a embuçados com mascaras. E certo é que a mascara foi tida como traiçoeira e criminosa, por quanto, em diversas épocas, os governadores desta cidade mandavam fazer publicos varios alvarás prohibindo o seu uso.

Por essas prohibições o entrudo constituiu-se o mais apreciavel folguêdo carnavalesco.

Havia grande prazer nesse jogo brutal. Em algumas ruas grupos entrudescos agarravam os transeuntes á pulso, violentando-os, mettiam-os dentro de uma tina e, por sobre carga, toda a familia do folgão despejava sobre a victima jarros e barris d'agua. Visitar alguém nesses tres dias era a temeridade. Só se animavam a fazel-o se que achavam graça no banho á força... ou não tinham esravos para abastecer a sua casa do precioso ciquido. Assim o banho chegava a ser providencial.

O processo *mais delicado* dessa terrivel pagodeira consistia no arremesso de limões de cêra cheios d'agua simples ou perfumada com essencia de benjoim e canella, e jactos de seringas de irrigação. O fabrico desses limões tornou-se uma pequena industria, que occupava por longos mezes as familias cariocas. Durante dezembro e janeiro muitas casas do Rio de Janeiro viviam em verdadeira azafama, a fabricar esses projectis, mas nem sempre com a cautela necessaria á integridade physica do proximo, porque alguns limões excediam na espessura de seus involucros o quanto deviam ter de bem aferido para não esborrachar narizes nem amachucar o rosto das victimas. As seringas menos mal faziam;

contrapunham, porém, maior banho. Collaborando com a seringa appareciam frequentemente o moringue, o jarro, o alguidar e o barril.

A agua não bastava, porque se era limpa poderia, quando muito, provocar bronchites, pleurizes, pneumonias, o que era preciso, o que era necessario, era ridicularizar a victima, fazel-a irrisoria, escorrachal-a com a vaia, e obrigar-a a arrastar o seu ridiculo por onde passasse.

Assim, com o *banho* cobriam-na de farinha de trigo ou polvilho, algumas vezes de pós de sapatos ou vermelhão. Este habito esteve muito em voga entre a gente do povo, mórmente os negros. A estampa de Debret, que reproduzimos adiante, é um quadro de costumes, Ahi está a pagodeira em todas as suas minucias. Ahi estão a seringa em acção, a tina preparada, os limões para a batalha e o polvilho posto ao serviço da folia. Nada lhe falta, nem mesmo a assuada dos que assistem o ataque á *creôla* de anagua curta e cabeção rendado.

A introduccão dos bailes carnavalescos populares, sem corrigir logo esse estúpido folguêdo, veiu indirectamente modificá-lo. Foi em 1847 que elles estraram em maior voga. Um hotel que aqui existiu, com o titulo de *Hotel de Italia*, dava-os com alguma animação e a *Sociedade Constante Polka* augmentava-lhes o brilho com a assistencia dos seus associados. Ao mesmo tempo o *Tivoli*, que era um estabelecimento de recreio, na chacara n. 9 do Campo d'Acclamação (Campo de Sant'Anna, em nossos dias Praça da Republica) engalanava-se para a alegria das quatro noites de Carnaval. Em 1849 o *Tivoli* transformouse, sob o titulo de *Paraizo*, n'um aprazivel botequim campestre, com salas de jogos e pavilhão para danças, então os seus bailes tornaram-se famosos, tal o preparo, o brilhantismo, a concurrencia que tiveram. O theatro S. Francisco e o Salão da Floresta tambem deram bailes, devendo-se notar que, por causa perdida pela negligencia das chronicas da época, o empresario do Salão da Floresta arrepiou carreira publicando, na quarta-feira de cinzas d'aquelle anno, solemne protesto de não mais dar bailes carnavalescos.....

Ao partir desse tempo os bailes publicos carnavalescos entraram nos nossos costumes e com elles veiu o attractivo das *fantasias* e o prazer da mascara em tal desenvolvimento que, em 1851, foram organisadas duas sociedades carnavalescas: O *Congresso das Summidades* e a *União Veneziana*.

O apparecimento das sociedades carnavalescas não foi o bastante para pôr cobro ao entrudo brutal, grande parte da população



«ENTRUDO» — ESTAMPA DE DEBRET (1818-22)

sentia prazer em se molhar e entregar-se delirantemente às suas violências, das quaes, uma vez por outra, resultavam conflictos mais ou menos graves; outra parte, porem, propendia para a alegria do Carnaval mascarado e fantasiada e essa queixava-se da difficuldade em sahir á rua, formar bandos, organizar passei-atas por causa dos vexames, contrariedades e prejuizos a que ficaria exposta com o desbragamento do entrudo.

Fiz-se, então, uma persistente campanha contra o entrudo. A policia empregou energia, perseguindo os entusiastas desse divertimento. Os primeiros resultados dessa perseguição appareceram em 1854, cujo carnaval correu animadissimo, vendo-se pelas ruas e nas carruagens com familias fantasiadas, muitos mascaras avulsos e alguns montando cavallos azeajados. Dois annos depois, em 1856, o chefe de Policia Dr. Alexandre Joaquim de Sequeira conseguia repremir o entrudo. Datam desse tempo as victorias do Carnaval no Rio. O *Congresso das Summidades Carnavalescas* obtinha grande successo

com as suas passadas, que ficaram memoraveis. Em 58, a *União Veneziana*, estimulada pela victoria das *Summidades*, organisou um sumptuoso prestito, em que figuravam Felippe I de Castella, o duque de Buille, um Montmorony, o conde de Charnay, capitão das guardas de Maria Antonietta, o marquez de Salures, o conde d'Arcos, o cavalheiro Ruy Lopes de Villa Lobos... em summa, numerozo conjuncto de reis, principes, duques, marquezes, condes, barões, cavalheiros e pagens. Apesar da mistura das edades historicas e dos personagens, a marcha da *União Veneziana* assumiu a importancia de um acontecimento social. A população prestou-lhe ovações, atirando-lhe flores e confeitos, saudando-a com palmas e bravos. Durante muitos annos essa passeiata foi narrada e commentada, e os nossos bisavós arregalando os olhos, suspendendo a pitada, murmuravam ainda cheios de assombro: Que luxo! que dinheirão!

Appareceram por esse tempo os *Zuavos*, com o titulo: banda marcial da Sociedade Euterpe, e, segundo cremos, o celeberrimo



CARNAVAL DE 1907



CARNAVAL DE 1907



# O Carnaval no Rio

(NOTAS LIGEIRAS PARA UMA CHRONICA)

○ CARNAVAL dos nossos antepassados era o entrudo.

Já nos tempos coloniaes *jogavam-no* desembaraçadamente. As mascaras eram tidas como prejudiciaes á ordem publica, serviam para ciladas, para os levantes e crimes. Em 1720, quando em Minas Geraes, o bando do mestre de campo Paschoal Guimarães desceu, alta noite, do Morro Velho sobre a moradia do prepotente ouvidor Martinho Vieira, os que o guiavam vinham mascarados. Dizem tambem que foi um *mascarado* quem assassinou o prisioneiro almirante Du Clerc, em 1710, na casa que o governador desta cidade lhe dá por *prisão* na rua Direita... Outros crimes mysteriosos são attribuidos a embuçados com mascaras. É certo é que a mascara foi tida como traiçoeira e criminosa, por quanto, em diversas épocas, os governadores desta cidade mandavam fazer publicos varios alvarás prohibindo o seu uso.

Por essas prohibições o entrudo constituiu-se o mais apreciavel folguêdo carnavalesco.

Havia grande prazer nesse jogo brutal. Em algumas ruas grupos entrudescos agarravam os transeuntes á pulso, violentando-os, mettiam-os dentro de uma tina e, por sobre carga, toda a familia do folgasão despejava sobre a victima jarros e bari "agua. Visitar alguém nesses tres dias era a temeridade. Só se animavam a fazel-o se que achavam graça no banho á força... ou não tinham esravos para abastecer a sua casa do precioso ciquido. Assim o banho chegava a ser providencial.

O processo *mais delicado* dessa terrivel pagodeira consistia no arremesso de limões de cêra cheios d'agua simples ou perfumada com essencia de benjoim e canella, e jactos de seringas de irrigação. O fabrico desses limões tornou-se uma pequena industria, que occupava por longos mezes as familias cariocas. Durante dezembro e janeiro muitas casas do Rio de Janeiro viviam em verdadeira azafama, a fabricar esses projectis, mas nem sempre com a cautela necessaria á integridade physica do proximo, porque alguns limões excediam na espessura de seus involucros o quanto deviam ter de bem aferido para não esborrachar narizes nem amachucar o rosto das victimas. As seringas menos mal faziam;

contrapunham, porém, maior banho. Collaborando com a seringa appareciam frequentemente o moringue, o jarro, o alguidar e o barril.

A agua não bastava, porque se era limpa poderia, quando muito, provocar bronchites, pleurizes, pneumonias, o que era preciso, o que era necessario, era ridicularizar a victima, fazel-a irrisoria, escorrachal-a com a vaia, e obrigar-a a arrastar o seu ridiculo por onde passasse.

Assim, com o *banho* cobriam-na de farinha de trigo ou polvilho, algumas vezes de pós de sapatos ou vermelhão. Este habito esteve muito em voga entre a gente do povo, mórmente os negros. A estampa de Debret, que reproduzimos adiante, é um quadro de costumes. Ahi está a pagodeira em todas as suas minucias. Ahi estão a seringa em acção, a tina preparada, os limões para a batalha e o polvilho posto ao serviço da folia. Nada lhe falta, nem mesmo a assuada dos que assistem o ataque á *creôla* de anagua curta e cabeção rendado.

A introdução dos bailes carnavalescos populares, sem corrigir logo esse estúpido folguêdo, veiu indirectamente modificall-o. Foi em 1847 que elles estraram em maior voga. Um hotel que aqui existiu, com o titulo de *Hotel de Italia*, dava-os com alguma animação e a *Sociedade Constante Polka* augmentava-lhes o brilho com a assistencia dos seus associados. Ao mesmo tempo o *Tivoli*, que era um estabelecimento de recreio, na chacara n. 9 do Campo d'Acclamação (Campo de Sant'Anna, em nossos dias Praça da Republica) engalanava-se para a alegria das quatro noites de Carnaval. Em 1849 o *Tivoli* transformouse, sob o titulo de *Paraizo*, n'um aprazivel botequim campestre, com salas de jogos e pavilhão para danças, então os seus bailes tornaram-se famosos, tal o preparo, o brillantismo, a concurrencia que tiveram. O theatro S. Francisco e o Salão da Floresta tambem deram bailes, devendo-se notar que, por causa perdida pela negligencia das chronicas da época, o empresario do Salão da Floresta arrepiou carreira publicando, na quarta-feira de cinzas d'aquelle anno, solemne protesto de não mais dar bailes carnavalescos.....

Ao partir desse tempo os bailes publicos carnavalescos entraram nos nossos costumes e com elles veiu o attractivo das *fantasias* e o prazer da mascara em tal desenvolvimento que, em 1851, foram organisadas duas sociedades carnavalescas: O *Congresso das Sumidades* e a *União Veneziana*.

O apparecimento das sociedades carnavalescas não foi o bastante para pôr cobro ao entrudo brutal, grande parte da população



«ENTRUDO» — ESTAMPA DE DEBRET (1818-22)

sentia prazer em se molhar e entregar-se delirantemente às suas violências, das quaes, uma vez por outra, resultavam conflictos mais ou menos graves; outra parte, porem, propendia para a alegria do Carnaval mascarado e fantasiada e essa queixava-se da dificuldade em sahir á rua, formar bandos, organizar passeiatas por causa dos vexames, contrariedades e prejuizos a que ficaria exposta com o desbragamento do entrudo.

Fiz-se, então, uma persistente campanha contra o entrudo. A policia empregou energia, perseguindo os entusiastas desse divertimento. Os primeiros resultados dessa perseguição appareceram em 1854, cujo carnaval correu animadissimo, vendo-se pelas ruas cariocas carruagens com familias fantasiadas, muitos mascaras avulsos e alguns montando cavallos azeajados. Dois annos depois, em 1856, o chefe de Policia Dr. Alexandre Joaquim de Sequeira conseguia reprimir o entrudo. Datam desse tempo as victorias do Carnaval no Rio. O *Congresso das Summidades Carnavalescas* obtinha grande successo

com as suas passadas, que ficaram memoraveis. Em 58, a *União Veneziana*, estimulada pela victoria das *Summidades*, organisou um sumptuoso prestito, em que figuravam Felippe I de Castella, o duque de Buille, um Montmoroncy, o conde de Charnay, capitão das guardas de Maria Antonietta, o marquez de Salures, o conde d'Arcos, o cavalleiro Ruy Lopes de Villa Lobos... em summa, numerozo conjunto de reis, principes, duques, marqueses, condes, barões, cavalleiros e pagens. Apezar da mistura das edades historicas e dos personagens, a marcha da *União Veneziana* assumiu a importancia de um acontecimento social. A população prestou-lhe ovações, atirando-lhe flores e confeitos, saudando-a com palmas e bravos. Durante muitos annos essa passeiata foi narrada e commentada, e os nossos bisavós arregalando os olhos, suspendendo a pitada, murmuravam ainda cheios de assombro: Que luxo! que dinheirão!

Appareceram por esse tempo os *Zuavos*, com o titulo: banda marcial da Sociedade Euterpe, e, segundo cremos, o celeberrimo

*Zé Pereira*, o tremendo rompe rasga do charivari pagodeiro.

O infatigável chronista do nosso passado, o sr. Vieira Fazenda, em um dos seus interessantes folhetins da *Noticia*, o de 15 de Fevereiro de 1904, conta-nos o apparecimento desse barulhento e alegre esturdio carnavalesco, mas esqueceu-se de nos dizer o anno em que isso foi. E' de crêr que fosse por essa occasião ou mais um anno depois ou menos um anno antes, que o incansavel *Ze Pereira* zabumbou pelas ruasitas lobregas da populosa Sebastianopolis. A data precisa escapou á penna, senão á memoria, do narrador dos nossos costumes e modos d'antanho; em compensação tivemos o nome do seu primeiro zabumbador, que o chronista lega á posteridade.

Chamava-se José Nobrega de Azevedo Paredes, tinha a profissão de sapateiro e era de origem portugueza.

Foi o José Nobrega quem, por uma tarde de nostalgias, n'uma segunda-feira de carnaval introduziu na *Côrte* do Imperio do Brasil, sob o reinado do sr. D. Pedro II, o formidavel *Zé Pereira* das folias minhôtas. E teve exito completo, foi um successo!



O PRINCEZ

Toda a suja cidadesinha, esconsa e fedorenta, estremeceu ao ruido rythmado da estrondosa pandorga; e se o Nobrega tinha pulso capaz de vencer um toiro, melhor teve-o para zabumbar galhardamente no couro cortido dum boi. O sapateiro da rua São José, sem calcular o resultado da sua pandega nem prever a celebridade que o esperava, fez mais rapida escôla com a alegre barulhada dos bombos do que com a pericia da sua sovêla.

De então em diante os *Zé-Pereiras* surgiram ás duzias, aos centos. As sociedades agarravam-se-lhe com fervor e toda a doudice do Carnaval reanimou-se com esse retum-

bante bater de tambores e bombos. No sabbado de Momo, após o badalar das dez horas no *aragão* de S. Francisco de Paula, a barulhada começava. Parecia que um sôpro de loucura passára sobre a cidade. Em diversas ruas o *Zé Pereira* estrugia. Ajuntavam-lhe bosinas, cornetins, campainhas. Era o seu dominio. Mas esse foi util ao Carnaval porque distrahiu o povo das brutalidades do entrudo. Começou, então, o Carnaval das ruas. Os *princezes* passeiavam a sua capa de belbotina e os seus calções de setim; ao arremedo de falsificados

pagens medievaes traziam cabelleiras de caixos frisados, e pregavam obreias pequeninas e multicores no rosto.

Fazia-se espirito. Domínos impiedosos troçavam e intrigavam. Alguns tornaram-se notaveis, e se os designava



O CHICARD

pela côr, porque guardavam rigoroso incognito.

Dessa alegria, dessa animação surdiu a *Bohemia*, que, dizia França Junior n'um folhetim da *Gazeta de Noticias*, de 7 de Março de 1878, «marcou uma era memoravel no carnaval. Foi o imperio do *Chicard* do espirito».

Essa sociedade era composta dos mais elegantes leões do tempo e foi ella que introduziu aqui o vestuario *chicard*, de Gavarni, dando á Madame Niobey, costureira parisiense domiciliada no Rio, uma larga e longa cele-

bridade por ter sido a confeccionadora da maior parte dessas fantasias.

Com a *Bohemia* vieram os *Estudantes de Heidelberg*, a *Internacional*, o *Club X*, e outras mas já sem o caracter familiar dos primeiros, excepção do *Club X* que, afinal, teve de desistir de suas pretensões e ceder ao carnaval licencioso que Paris creava.

Appareceram tambem os *diabinhos* vermelhos, os *velhos*, cabeçudos, de enormes casacas com pães da rala por botões e baculos; os *az-de-copas*, em camisas de mulher e trazendo por capacete um vaso, que não é de sala... E, pouco a pouco os estalos fizeram a sua entrada; ao principio alegremente atirados, dando uma nota ruidosa mas inoffensiva aos folguêdos; depois ultrapassando os limites d'alegria para entrar nos impulsos da perversidade, queimando roupas, chamuscando braços e collos. E, surrateiramente, sob maneiras de elegancia e galanteios, surgiu a *bisnaga*, discreta, esguichando finamente, á guisa de um pulverizador, productos das retortas de Lubin e Pinaud, conceituados perfumistas da época.

Não obstante os males provocados pelos estalos e a vulgarisação das *bisnagas*, as sociedades folgavam e divertiam o povo. O Carnaval do Rio de Janeiro ganhára foros de grande festa. Arredadas, como foram, as familias, os prestitos carnavalescos ostentavam um luxo que o *maillot* fazia deslumbrante.

Os bailes nos theatros iam perdendo a sua animação de outr'ora, porque as sociedades deixaram de os frequentar para se precaverem contra os continuos conflictos que nelles se davam, conflictos em que um pobre francez, de nome Cosenave perdeu a vida.

Todos os annos surgiam novos clubs. Eram os *Fenianos*, os *Academicos do Kænigcher*, os *Inimitaveis*, a *Paulicéa Vagabunda*, os *Estudantes de Salamanca*, que cantavam á guitarra peteneras e malaguenas, e grupos mais ou menos numerosos e ephemeros, como os das *Sabichonas*, *Fragata Fraca*, *Corveta Terrivel*, *Parazitus de Casacas*, aos quaes se reuniam clubs musicas, na sua maioria francezes...

Desappareciam uns, surgiam outros.

O *Congresso das Summidades* desorganizou-se, em 63 já não existia; dez annos depois pretenderam reorganisal-o com o titulo de *Novas Summidades*, mas a sua existencia não logrou duração. Os *Zuavos* (isto é, a Euterpe) passaram a ser *Tenentes do Diabo*, os *Democraticos* formaram-se com dessidentes de outras sociedades.

A proporção que se formavam novas sociedades, que seus prestitos attingiam a um

luxo extraordinario, para cujas allegorias eram disputadas a ouro as mais bonitas *alcazarinas*, as mais moças e vistosas mundanas e os espirotuosos mascarados da rua cediam logar aos capoeiras vestidos de *diabo*, trazendo as caudas de cabo de velame, aos *princizes* armados para o que desse e viesse de porta-voz colossal, e *mortes* e *macacos* que escondiam nos cintos as navalhas assassinas. E com isso o entrudo resurgia. As delicadas *bisnagas*, de fino jacto de pulverisadores, passaram a *bisnagões* que jorravam esguichos de repuxos; os limões não só de cêra, tambem de borraça reentravam em scena. As mulheres, que faziam parte dos prestitos das sociedades, viam-se obrigadas a se munirem de chicotinhos de montaria para castigar os que as molhavam brutalmente.

De mais, parece que o *entrudo*, apesar da sua bruteza, das molestias que provocava e dos conflictos que dispertava, afinava-se perfeitamente com a nossa educação, porque muita gente boa tinha-lhe quêda. O Sr. Vieira Fazenda conta-nos que o Sr. D. Pedro II, quando em Petropolis, não passava incolume sob a saraivada dos limões e esguichos das *bisnagas*. Sua magestade achava-lhes graça e ao retornar a palacio, molhadinho como qualquer mortal, ria-se a bom rir dos desrespeitos das lindas veranistas pretopolitinas. Um jornalista houve, e dos mais celebres em nosso tempo, que comprava limões de cheiro aos milheiros. E a pequenina redacção do seu jornal, na rua do Ouvidor, transformava-se n'um verdadeiro arsenal, n'um deposito bellico de entrudo. Dizem que, d'uma feita, andando a policia a reprimir o entrudo, o alegre e gordo jornalista pediu ao delegado Macedo de Aguiar que subisse á sala da redacção para intimar o numeroso grupo de damas e senhoritas a abandonar o divertimento. Era um artil. O delegado subiu e mal punha o pé na sala uma legião de moças acomettia-o de tal modo que, para sair, teve necessidade de mandar o seu ordenança buscar outras roupas em sua casa.

Comtudo o Carnaval resistia, brilhava com a riqueza dos seus prestitos, attrahia á cidade a grande massa da população.

O *Club X* exhibia uma caravana oriental montada em camellos, que mandára vir da Asia, propositalmente para esse fim; os *Tenentes*, *Fenianos*, *Inimitaveis* e *Democraticos* rivalisavam em riqueza de vestuarios e espirito nas criticas, porque as sociedades tendiam ao aproveitamento jocoso dos factos mais salientes do anno. Appareceram os *Carbonarios*, *Pingas*, *Filantes*, *Cynicos*, *Femmes Parisiennes*, *Badanas*, *Regresso do Rocambole*,

*Tagarellas do Diabo ou Velhas Esponjas* e, antes de todos os clubs de curta duração, os *Cucumbys*, que faziam suas danças selvagens na rua.

A pouco e pouco as sociedades mais dinheiras desfalleciam, liquidavam seus últimos recursos. Em 1878 só estavam em campo os *Fenianos*, *Tenentes* e *Democraticos*; os demais, mesmo o *Novo Club X*, succumbiam. E aquellas tres entravam n'um grave periodo de rivalidades que teve por desfecho uma tremenda lucta, porfiada a cacete e pedradas, em uma terça-feira, no momento em que *Fenianos* e *Tenentes* se cruzaram na rua do Hospicio, esquina da dos Ourives ou Quitanda.

D'ahi por diante, ou melhor dizendo, durante dois a tres annos, foi o entrudo quem fez o carnaval.

A seringa volveu a participar activamente dos folguedos, não já a seringa de irrigação, mas a de borracha, destinada a outros usos; os limões attingiram a proporções disformes, deixaram de ser limões, transformaram-se em bananas, laranjas, abacaxis, jacas, melancias, pelo tamanho e pela fórma: quem os levasse pela cara apanhava um banho completo e uma taponada de ver estrellas... entre chuva; as bisnagas pesavam litros e pareciam *manguieiras* de bombeiros, o polvilho e o pó de sapato entraram em actividade.

Não satisfeitos com isso os entrudistas voltaram ás bombas de jardim e aos baldes d'agua, e a perversidade, que é quem tira partido dos desregramentos, entrou a encher

bisnagas com agua suja e liquidos corrosivos e a fabricar limões que rivalisavam com calhãos na dureza e poder offensivo. Para coroa-mento dessa obra de feios costumes e relaxamento policial não faltou a bordoadada. Quem descesse á cidade para assistir o carnaval, deveria dar graças a Deus quando voltasse sem chapéo e com as roupas em frangalhos, porque muitos voltavam com os olhos queimados, a cabeça em pontos falsos e o braço n'uma tipoia!...

Emquanto assim corria o Carnaval, os *Cucumbys*, como o *Zé-Pereira* n'outro tempo, mudavam o aspecto dos folguedos, communicando a sua selvageria aos instinctos rudes do povo. Dir-se-ia uma afinidade. Delles nasciam os *cordões*, esses horriveis, fetidos, barbaros cordões, que dão ao nosso Carnaval de hoje algo de boçal e selvagem com a sua immutavel melopéa de adufes e pandeiros e a babugem desbocada de suas cantilenas. Quanto o *Zé-Pereira*, apesar da sua pobreza de rythmo, tem de ruidosamente alegre, esses tan-tans e bufe-bufe dos cordões possuem de bruto, atroador, irritante e estúpido.

Já não ha alegria nem espirito, ha berreiro de taba de mistura com uivos de africanos em samba. E para completar a insipidez d'um carnaval de cabindas e botocudos o *lança perfume* vai abrindo caminho ao entrudo como outr'ora a bisnaga, pequenina, discreta e perfumada.

AMERICO FLUMINENSE.



# NARIZES

(PHYSIOGNOMONIA DE BAIXO PREÇO)

**N**ARIZES são narizes, mas o philosopho Pascal foi de opinião que se a formosa Cleopatra tivesse a menor um millimetro no seu apendice nazal a face de mundo seria outra.

Certo que eu lhe não contestarei nem aceitarei essa opinião; de philosophias, ainda mesmo que não sejam nazaes, nada sei.

Com tudo vou um pouquinho na crença de que os narizes têm contribuido para a notoriedade de seus donos. Um nariz póde, ás vezes, substituir o talento. Isso depende do ponto de vista em que nos collocarmos, olhando um béque ou avaliando o gráo intellectual de um homem.

Ha, porem, não poucos casos em que o talento parece estabelecer commum accordo com *ce que nous avons au milieu du visage*.

Assim, o rosto do divino Dante não seria tão popular se a natureza lhe não dêsse a formidavel bicanca com que o representam. Nelle, o que o caracteriza, é o nariz, como em Camões é o olho vasado...

Foi pelo nariz (oh! perdoem-me a blasphemia!...) que Edmond Rostand arrancou Cyrano de Bergerac da poeira densa do passado. Segundo o poeta da *Samaritaine*, o bravo, generoso, alegre e intelligente poeta da Gascogne não tinha bom exito nos amores por ser bicancúdo.

Rostand põe na bocca de Cyrano estes versos, com que explica a Le Bret o motivo pelo qual não ousa declarar sua paixão á rima Roxane:

Regardez-moi, mon chér, et dis quelle esperance  
Pourrait bien me laisser cette protuberance!  
Oh! je ne me fais d'illusion! — Parbleu,  
Oui, quelquefois, je m'attendris, dans le soir bleu;  
J'entre en quelque jardin où l'heure se parfume;  
Avec mon pauvre grand diable de nez je hume

L'avril, — je suis des yeux, sous un rayon d'argent,  
Au bras d'un cavalier, quelque femme, en songeant  
Que pour marcher, á petits pas, dans de la lune,  
Aussi moi j'aimerais au bras en avoir une,  
Je m'exalte, j'oublie... et j'aperçois soudain  
L'ombre de mon profil sur le mur du jardin!



CYRANO

Mas, nem sempre os narizes de grandes dimensões e feios prejudicam a *phisionomia* dos seus possuidores.

Ha casos em que elles lhes emprestam apparencias de bonhomia ou concorrem para impedir vulgaridades de traço.

E' o caso do nariz de Henrique IV, um respeitavel narigão adunco, cahido sobre o beijo e fartamente carnudo na extremidade. Esse formidavel apendice longe de afeiar o rosto do bem amado de Pau dava-lhe um bonacheirismo de vovô burguez. Temos tambem o nariz de Lepelletier de Saint Fargeau, o celebre magistrado da Convenção, saliente em demasia, rudemente recurvo, que lhe salvava o caricata rochunchudez das faces; se não fosse o nariz o rosto de Lepelletier lembraria o fim das costas de um anginho de Raphael. Temos ainda o do celebre actor francez Hyacinthe, comprido, grosso, de largas ventas fradescas. com o qual o seu possuidor tirava grande partido comico; e o do caricaturista Traviés, verdadeiro bico de tucano, de que se dizia:

De Traviés le nez saillant  
Comme le nez est le talent

e que lhe compunha o descarnado do rosto sem duvida vulgarissimo se lhe faltasse o immenso béque...

Mas, o que era a bicanca de Cyrano, que os bellos versos de Rostand resuscitaram, deante da immensa tromba de um sujeito citado pelo cirurgião Alphonse Guérin, que só de comprimento tinha trinta e dois centímetros?!...



Esse colosso chegava a tapar a bocca do seu infeliz proprietario que, para se alimentar era obrigado a levantar a massa nazal e só assim podia receber o alimento ou levar o cópo aos labios!

Quem sabe se não foi a noticia dessa descommunal bicanca que inspirou a Bocage a celebre decima:

Nariz, nariz e nariz,  
 Nariz, que nunca se acaba,  
 Nariz, que se elle desaba  
 Faria o mundo infeliz;  
 Nariz, que Newton não quiz  
 Descrever-lhe a diagonal;  
 Nariz de massa infernal  
 Que, se o calculo não erra,  
 Posto entre o sol e a terra  
 Faria eclipse total!

Entretanto não são os grandes narizes os que mais afeiam os individuos.

O nariz batata e o nariz que teve vontade de o ser mas não o foi, são os que desfiguram o resto humano.

Verdade é que a raça mongolica não se julga feia pela falta de nariz. Ha povos em que um narizito apenas esboçado, desses que a gente mal os vê em lhe percebendo unicamente os dois orificios respiratorios, é signal de perfeição. Os japonezes, por exemplo, gostam de narizes pequenos, muito pequenos e um tanto aquilinos.

Entre alguns negros da Africa, particularmente do Congo francez, não ha beijo de amizade, como é habito na Europa, mas existe a *requintada* cortezia de se esfregarem os narizes entre dois amigos ou duas pessoas que se querem bem ou se respeitam.

Assim, quando dois altos personagens se encontram um em face do outro, em vez do aperto de mão, mais ou menos sacudido, em vez do abraço mais ou menos apertado e com palmadinhas nas espaduas, em vez do beijo repinicado e suspirado ou simplesmente o beijo, que é a mais alta demonstração do carinho, da estima e tambem do respeito (excepção feita de Judas Ischariotes) esses dois importantes personagens se approximam o mais possivel e, unindo os rostos, firmam os respectivos narizes um contra o outro, sacodem o corpo, dão guinchos de prazer e... zás! toca esfregação.

Isso pódem fazer os negros do Congo francez, porque não possuem béques e teem amplidão bastante e bem chata para taes esfregadelas. O mesmo não se daria com os que foram dotados pela prodiga Natureza com as copiosas batatas, que não raro parecem mamão macho. Se dois batatudos se déssem a essa delicia cerimoniosa, estariam arriscados a passar por incontinentes adoradores de Baccho. Em bom estado teriam os narizes, já não seriam batatas, mas tomates, enormes tomates do mais gorda especie!

Mas... pelo geito em que vou perderemos o fio do discurso. Não foi para esta divagação que tomei o assumpto. Ao que vim foi para falar de narizes physiognomonicamente, porque mestre Lavater lhes ligou im-

portancia, a ponto de os considerar, segundo sua própria expressão: *la retombée du cer-veau*.

Os physiognomonistas modernos contam seis typos de narizes: o nariz direito, o aquilino, o adunco, o rombo, (ou esborrachado) o abananado (*en banane*), e o abatado (*en pomme de terre*). São estes os principaes typos, sendo que os dois ultimos não passam de variedades de uma só e mesma especie, como diz a senhora Genia Gioubow, insigne cultivadora de taes assumptos.

E mais diz a illustre physiognomonista: Para que um nariz seja bem proporcionado, é preciso que o seu tamanho seja igual a altura da frente, tomando-se esta pela metade.

São os narizes aquilinos e os direitos os que reúnem maiores qualidades esthéticas, e tambem os que indicam melhores qualidades psychicas.



NARIZ DIREITO

O nariz direito faz presumir um espirito claro, nitido, lucido; um julgamento são, coragem firme e tranquilla, quasi stoica; ardor comedido, lealdade a toda a prova, generosidade extrema, *positivismo idealista* e tendencias liberaes ou cavalheirescas.



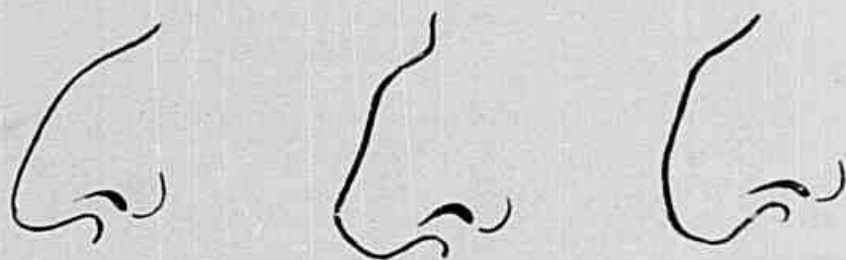
NARIZ AQUILINO

O nariz aquilino (quer este, quer o direito acima descripto, são considerados no seu typo perfeito) possui igualmente a maior parte das qualidades do anterior.

E', no entanto, mais imperioso, mais auctoritario e mais impulsivo. Revela quasi sempre uma combatividade fogosa porém menos

clareza de idéas. Denota tendencias para o lyrismo ou para o *romantismo*, e tambem genio commercial ou financeiro. E' indicativo de egoismo. Se fôr pronunciadamente curvo isto é affectando a fórma do adunco, e um tanto grosso, revela tendencias para a mania das grandezas.

Da primeira fórma, não no typo de pureza linear, mas algum tanto *cheio*, conhecemos um que pertence a illustre politico em evidencia, assim como do segundo typo ha dois notaveis politicos da actual situação que os possuem, e se as observações não erram nem ás suas acções faltam sinceridade, as indicativas physiognomonicas estão certas, certissimas.



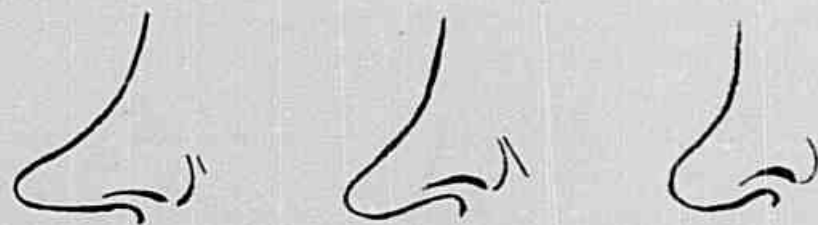
NARIZ ADUNCO

O nariz adunco revela prudencia, circumspecção, conselheirismo, taciturnidade, rigor economico, senão avareza, ou habilidade nos negocios, algumas vezes usura.

Nos intellectuaes raramente deixa de ser máo indicio esta fórma nazal. Quando não revela orgulho exagerado, presumpção, e mesmo hypocrisia, denota inveja, maledicencia intriga.

Nos homens de negocio é quasi sempre indicio de grande habilidade calculista, de clarividencia, mas tambem de esperteza e astucia.

Essa fórma de nariz é muito commum e os que conhecemos dão vantagens á indicações physiognomonicas.



NARIZ ROMBO OU ESBORRACHADO



O nariz rombo ou *esborrachado*, como é vulgarmente conhecido, possui em maior gráo os defeitos do anterior.

Elle indica imitação, habilidade manual e, no maior numero dos casos, grosseiria sensual, bruteza, vulgaridade de gosto, mentira. Algumas vezes, porém, revela paciencia, aptidão para as artes mechanicas, tendencias lyricas, sobre tudo romanticas.



NARIZ ABANANADO

O nariz *abanonado* faz presagiar natural talento financeiro, o genio do agio, o gosto pelo jogo e pelas especulações: os que têm essa forma de nariz não raramente se manifestam bondosos por emoções sympathicas fugaces, e tendem muito á cabotinagem.



NARIZ ABATADO

O nariz *abatado* revela qualidades analogas á do seu congenere; mas, especialmente indica dotes industriaes e commerciaes, e é mais avaro do que o *abanonado*. Os seus possuidores quasi nunca demonstram aptidões litterarias ou artisticas.

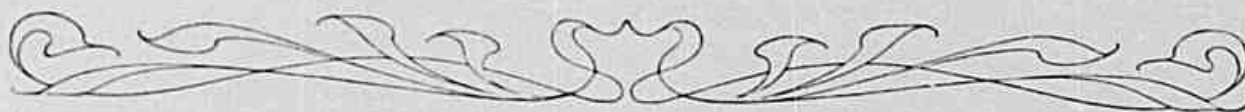
Assevera Genia Gioubow que «esta fórma de nariz acompanha sempre os individuos que ignoram inteiramente o sentimento do pudor e da lealdade, assim como os que a possuem são arrogantes para com os fracos e humildes, cobardes para com os fortes». Póde ser que na maioria dos casos assim seja. Eu conheci um velho vigario da roça, que era dono de um respeitavel nariz desse feitio, e esse vigario era um excellente homem, coração de manteiga, prompto sempre a derreter-se com as desgraças alheias e sempre disposto a fazer o bem. Mas, não ha regra sem excepção. Talvez que esse bom vigario fosse uma das raras excepções da regra — nariz esborrachado coração ferrado.

E o meu narizito? perguntará a leitora (supponhamos que eu a tenha) intrigado por não lêr a menor referencia á graciosa fórma arrebitadinha do seu narizito. Curiosa, curiosa é o que é V. Ex. Para que ouvir coisas desagradaveis? Em todo o caso, como quereis saber, lá vae. O nariz arrebitado está na classe dos rombos (chi! eu lhe não dizia...) Mas tem sobre elles a vantagem de indicar uma intelligencia vivaz, magnifica disposição para as artes e... muito *geniosinho*, muito vontade de ser obedecida e de tyrannisar.

E para acabar com a conversa sobre narizes de que tamanho terá o leitor o seu neste momento, se é que os narizes crescem com as decepções? Eu é que vou sahindo... sem nariz, não que m'o tirassem á murros, mas por que o que trouxe era de cêra, derreteu-se.

*Fevereiro de 1907.*

CARLOS HENZE.



## REMODELAÇÃO DO MOBILIÁRIO

**P**ÓDE-SE dizer que a revolução de 1789 destruiu o estylo francez do mobiliário.

A escola de Louis David com a sua preocupação do *antigo*, e depois a influencia de Jean Degoure na industria artistica, quebraram a corrente das tradições da fórma e do ornato nos moveis que a *rocaille* fizera tão femininamente graciosos, leves e, sobretudo, apropriados á elegancia embonecada dos corposinhos pompadorescos das marquises e demoiselles da brilhante cõrte de Versailles!

A dominancia burgueza na estrondosa revolução, mascarada com o barrête phrygio e o *sans culotte* da democracia, reagiu contra a feição delicadamente aristocratica do mobiliário como formou o reaccionarismo dos costumes, ephemeramente severos, para logo se densarem na ostentação mirambolante das *parvenues*; nem é de comprehender que a gracilidade de linhas tão finamente combinadas, de uma harmonia requintada que faz pensar em junquillos nascidos na estreiteza caprichosa de *flûtes* crystalinas cinzeladas em velha prata, pudesse supportar tregeitos plebeus e adiposidades superfluas de Mmes. Angots ou servisse a compôr interiores onde o calculo das pilhagens andasse embaralhado com a grosseiria dos habitos e costumes.

Immobilisada a mó revolucionaria, a espiritualidade da grande Pariz reviveu nos salões bizarros do Directorio, surdindo do sôro estranho da sociedade as galantes damas do tom, taes foram Mmes. Recamier, Tallien, Hamelin, Stael... Mas os caprichos curvelineos do *rococó*, as suas guirlandas e festões, os seus amores e volutas, desapareceram sob a reconstrucção do etrusco e do romano, a que foram pedir modelos e a que ajuntaram attributos de guerra.

A par dessa tendencia para o mavortico, o composito greco-romano persistiu e, por vezes, um pretense puro grego, desempoeirado e anachronico, dominou o gosto do Directorio, desse mesmo Directorio em que a flôr pluri-petala do espirito desabrochava em ridiculas bolotas de *calembour*.

Ah! o *calembour* foi uma raiva de dentes! uma enxaquêca! uma epidemia! E' de suppôr que cinquenta por cento da loucura desse tempo resultasse dessa tolice com fóros de facecia... E em frente do pelintra e irritante *calembour* perfilava-se com ares de Jupiter... em fraldas de camisa, a anticomania. Encontramol-a em tudo e por toda a parte, nos moveis, nos vestuarios, nos penteados, nos gestos, nas festas publicas...

Do *atelier* famoso do famoso pintor Louis David sahiram para rua os *muscadins*, seus discipulos, vestidos a grega, reproduzindo Plátão, Praxitelles, Alcibiades. As damas da moda, a seductora banda borboleteante do amor e da graça, despindo saias, repellindo camisas, vestiam-se caracteristicamente a Diana, a Flora, a Ceres, a Minerva.

Houve tambem vestuarios de nomes alambicados como os que se chamavam *vestidos ao levantar da aurora*. Os pés nús ou mettidos em finissimos tecidos de meias cõr de carne, em que os dedos estavam figurados, calçavam sandalias ou cothurnos. A este respeito contam os Goncourts, na *Historia da Sociedade Francaza durante o Directorio*: «As vestes afastam-se pouco a pouco das gorjas; e os braços, encobertos até os cotovellos, receiosos de parecerem feios e accusados de se occultarem em vestidos a *hypocrisia*, se desnudam até as espaldas. Depois as pernas e os pés seguem o exemplo dos braços; e os atilhos resplandentes de pedrarias se enrolam nos tornozellos e anneis de ouro brilham nos dedos dos pés... Não se estimam senão as musselinas, os *linons*... Tudo o que contorna os membros e a elles se amolda tem preferencia... Na audacia da nudez ha audacias: num dia decimo (*decadi*) do anno V, duas mulheres passeam os Campos Elyseos núas, apenas envolvidas nos mantos de gaze; outra mulher ali se apresenta com os seios inteiramente descobertos. A' esse exaggero de impudicia plastica correspondem—*uês!*... admirativos da multidão e as gregas nos costumes de estatuas são obrigadas a retomar suas carruagens. Então as mulheres da moda resignam-se a se deixarem unicamente advinhar...»

O *antigo* restaurado como um principio de severidade, sem duvida para recordar o stoicismo dos spartanos ou o nobre culto da belleza dos athenienses, desmantela-se numa petulante licença, escorrêga, escorre para a indecencia. Todavia não se arrefeceram os entusiasmos pelos serenos tempos da gloriosa Grecia pagã.

A senhora de Recamier faz-se pintar por David sobre um ripanço, numa delicada tunica pelo molde em voga, decotada, de braços desnudados, com os pés sem meias. Era uma delicia de frescura e proporções, essa rica senhora de Recamier! Seguem-lhe o exemplo outras damas tão preciosas pela formosura quanto notaveis pelo nome. Os retratos são semi-nús. O côalho roseo e offegante dos seios, a maciez contornada dos pescoços, que lembra as Venus de marmore do hellenismo, o tórulo carnúdo dos hombros, fascinam os olhares. Mas, isso, é o esplendor da Fórma que fazia o orgulho dos grandes cultores da

Belleza. E grego é o penteado, como gregos são os moldes das tunicas, os adornos, os enfeites. O mobiliario também é grego.

Na rua Chantereine, informa-nos S. Blondel em paginas da *Arte durante a revolução*, o palacete do celebre Talma tinha salas e moveis gregos, rigorosamente copiados dos melhores modelos.

Foi esta arte que o imperio adoptou, mas, convenientemente, adoptando os moldes á sua maneira. A composição greco-romana, desmeçada pelo arremedo muitas vezes irreflectido, adquiriu resistencias e rectilindades a que se vem reunir uma superabundante ornamentação mavortica de corôas de triumpho, palmas de victórias, pontas de lanças e punhos de gladios, e sempre, como a força suprema sobre todas as cousas, a aguia imperial, erecta, sombria, atrevida de senho e desafiadora por impassível!

Era difficil, senão impossivel, refundir esta arte. O imperio appareceu insentido porque, de facto, o que vinha governando era o imperialismo disfarçado em directorio; já no consulado sentia-se o imperio e Malmaison oppunha-se ás Tuilleries. De mais, a aristocracia de Bonaparte, obscuro official do exercito de Luiz XVI, repontou mesclada e confusa. Os fidalgos queriam recuperar os seus logares, os burguezes pretendiam nobrezas, e entre as nobres maneiras do *faubourg Saint Germain* e as esquerdices dos *intrusos* a habilidade da ex-viscondessa de Beauharnais, então Josephina Bonaparte, tecia a trama polychroma da sociedade do imperio. (1) Volviam os *emigrados*, pouco á pouco; o aristocracismo, que havia dado as costas ao general ambicioso, voltava zumbaioso, com seus ademanes de alta linhagem. Napoleão sorria e commentava: *Je leur ai ouvert mon anti-chambre, et ils s'y sont précipités* (Memorias Secretas do Conde d'Alouville). Mas, de permeio com esses nobres senhores, havia generaes, com tratamento de principes, que escondiam pulsos de arrieiros nos canhões das mangas e, segundo o valéte Constant, uma numerosa banda faiscante e perfumada de *mesdames* disputava nos corredores do palacio o deshonesto papel de favorita, que o imperador, com a sua rudeza de soldado e mais ainda pelo seu desmedido orgulho, reduzia á degradante função de *objecto opportuno*.

Ora, semelhante arte, por mais sumptuosidade que os cerimoniaes affectassem, por maior

que fosse a influencia exercida na côrte pelo bom gosto da illustre e velha marquez de Montesson, viuva do duque d'Orleans, de quem fôra esposa morganatica, não podia encontrar uma fôrma esthética definitiva. A diversidade das educações, o desvario da pompa a todo o preço, e até a intranquillidade das campanhas, talvez mesmo a mania reinante das dansas, não consentiam o rebuscamento necessario a uma caracterisação completa, refundida com saber ou creada com inventiva.

E preciso, porém, não confundir o elemento ornamental com a fôrma intrinseca. Aquelle encontramol-o de relance, na mirada primeira; está nos seus loureiros, nas suas maças de guerra, nos capacetes e nas espadas; essa, lhe escapou porque continúa a copiar o etrusco, o classico grego e o romano.

Assim foi que atravessou o consulado, permaneceu no imperio, em quasi nada se modificou com Carlos X e veiu encontrar Luiz Felipe no throno de França.

E, não obstante a ausencia do luxo na côrte do «rei de guarda-chuva ao braço», o mobiliario soffreu ali uma transformação apreciavel. E' dessa época o pesado sofá dos salões, massiço, largo, enorme, tal se fôra construido para comportar uma familia inteira, incluindo netos e sogras; e deram a esse respeitavel traste *braceirás* iguaes aos anteparo das camas, que ornavam d'esculpturas grossas, pampanos e caixos d'uvas, ás vezes rudes acanthos ou crustes rosaceas de ornamento. Também vieram da mesma época as cadeiras de largos assentos, d'espaldares sem estofo, e a familiar commoda de gavetões, que ficou na utilidade domestica com a persistencia de um principio inhabalavel, tão necessario á economia, aos deveres caseiros, á moral e á vida do lar como o mais indispensavel dos utensilios.

Esses moveis constituem a imagem, senão o documento psychologico do seu tempo. Representam a bonacheiria, o commodismo, a pachorra burgueza dos interiores frugaes, bem administrados e graves. Os grandes sofás, com os seus espaldares contra a parede, dão ás salas um aspecto patriarchal, attrahem os nédios corpanzís das matronas e a rotundidade abbaçial dos avós. Fizeram-os respeitavelmente sérios, mas pesadões.

Symbolisaram nelles o chefe de familia do reinado felippino, ao feitio toroso do rei. A sua gravidade atarracada presidia ao saráo pacato, em que se jogavam prendas, e os demais moveis, poltronas, cadeiras, aparadores, rigorosamente collocados pelos muros, symetricamente distribuidos pela sala, tinham ares de obediencia e progenie.

O segundo imperio renovou esse mobiliario, mas modificou-o numa feliz combinação

(1) ...Josephine was to remodel society and the saloon; her mission was to unite the aristocracy of ancient France with the parvenues of the new; she was to be to the latter a teacher of refinement, and of the genuine manners and habits of so-called good society.

THE EMPRESS JOSEPHINE — (L. Mühlbach) trad. by W. Binet.

com o *rococó*, a que uniu o apparatus da sua côrte.

Appareceram, então, os altos espaldares em arco, ornados ao cimo com folhagens e *cartuchos*, as braceiras largas e encurvadas, os *centros* de pés de garras firmemente posados; voltaram aos salões os pacientes e fulgurantes incrustados de cobre á maneira de Boule, e as aguias, as corôas ornamentaes do violento imperio das campanhas.

O aspecto fragil e fascinador que a Fada loira da porcellana lhe dera para distrahir o tédio de Luiz XV, e fôra mantido, em parte, pela superelegante Pastora régia guilhotinada em 1793, não mais renasceu; mas o capricho esthético, o donaire hespanhol, o precioso dom de ser agradável, que compunham a indole de Mlle. Montigo, depois mulher de Napoleão III, puzeram em brio a inventiva dos ebanistas e toreuticos de Pariz. De resto, Pariz mesma, acordada pela operêta de Offenbach, engalanava-se sob a administração municipal de Haussmann.

E' forçoso convir em que esse mobiliario teve a grandeza, algum tanto comica, da ruidosa e scintillante côrte da imperatriz Eugenia, e serviu condignamente á decoração da nova e atordidora cidade dos prazeres.

Emquanto a monarchia napoleonica, enquirlandada e risonha, marchava marcialmente para a hecatombe de Sedan, a pratica, poderosa Inglaterra trabalhava paciente, e com geito de simples curiosidade, n'applicação do japonismo á industria artistica do movel, de que resultou a reforma hoje preconizada. Foi uma obra, ao principio, de amator; tinha um caracter puramente accidental.

Lento e lento o modelo accentuou-se, fez-se caracteristico. Na exposição universal de Pariz, em 1878, foram apresentados á industria mundial os primeiros *étagères* para albuns, *bibelots*, recordações de viagens... Eram moveis de um feitio novo, esguios, leves, verdadeiramente decorativos. Divididos em secções acaixotadas e asymetricas, ornados de pequenos espelhos, de gavetinhas, de embutidos de osso, constituíam por sua graça, por sua leveza de bambús, um adorno, um objecto barato, imminantemente sympathico e adoravelmente utilisavel no estreito espaço de uma salêta de habitação moderna. Da mesma maneira os canapés, as cadeiras, as mesinhas para os chás, tinham passado por transformações.

E quasi imperceptivel, vagarosa e modestamente gestado, surgiu o *moderne style*, a *art nouveau*, como se conveiu chamar na Inglaterra e na França a esta reforma.

Nos primeiros tempos e por má comprehensão do seu elemento ornamental, talvez por insistencia de um dado ornato num mesmo

typo, designaram-na por *coup de fouet* pela semelhança do commum de certas linhas com tracejo sinuoso da trança dos chicotes vibrados. A designação improcedia, era infundada e barateada.

A obra não se limitava a um simples ornamento, nem esse ornamento restringia-se áquella arrebicada linha. O que elle trazia de novo estava na sua adaptação ao interior, deixava de ser um simples traste para ser um componente da serventia das salas, as quaes completava, por assim dizer, utilisava, decorando-as, aproveitando a nudez dos seus muros, enchendo desvões, disfarçando recantos. E sobre isso substituía almanjarras, resumia moveis, reduzia despezas, tendo á maior a novidade do seu formato composito, intelligente e pensadamente combinado, de um conjuncto imprevisto, em desenhos ineditos.

O seu ornato, admiravelmente applicado, surge das linhas as mais simples, muitas vezes as mais primitivas, até o complicado symbolico de uma arte quintessenciada. Em alguns trabalhos dir-se-á que a mão inexperiente de um meticuloso precursor da toreutica tentou obectivar o seu pensamento na fórmula e modo dum movel; noutros, ha rebuscamentos preciosos, composições reflectidas, engenho e arte que inventam e produzem coisas extraordinarias. E é na Natureza, nas maravilhas da sua fecundidade, na extravagancia, no exquisito, dos mais inattendidos seres e inertes, que esta arte procura e colhe a sua caracteristica, pondo no *home*, no *ménage*, na casa, impressões chocantes de detalhes inesperados. Ella afeiçoa a seu talante as linhas mais inteiriças, dá-lhes flexibilidades, fal-as rigidas sem o degracioso da rigidez, encurva-as sem amesquinhal-as, québra-as sem prejudical-as.

Mas, em summa, que é esta arte? qual a sua origem, a sua causa?

E' a renovação de moldes pela insaciedade humana e resulta d'analyse, da pesquisa, da microscopia do nosso tempo. Nella está a nossa febre, o nosso incontado espirital, a nossa curiosidade meticulosa e modos de vida e transmutação de typo. E' uma outra feição de uma outra época; e do attendimento de tudo que cerca o homem, da derrocada para reconstruir, do paciente, exhaustivo estudo do que é invisivel e do que está no mysterio, do seio cicante das florestas devassado pelo ar-rojo dos exploradores, do amago dos pelagos que escaphandros visitam e revolvem, surde o ornamento da arte do mobiliario contemporaneo, fixando fórmulas ineditas e deixando para a historia mais um periodo d'assombrosa actividade humana na eterna rotunda move-diça dos tempos.

GONZAGA DUQUE.

## EM PORTUGAL

## DE ALCOBAÇA A BATALHA

UM sentimento de piedade impellia-nos, de ha muito, a visitar os sitios, afastados hoje de quasi todo o bulicio humano, onde se desdobraaram os dous acontecimentos culminantes da nossa raça e da nossa civilização, perpetuados em dous monumentos admiraveis — os mosteiros de Alcobaca e da Batalha: berço da nacionalidade portugueza, o primeiro; carta da sua independencia insculpida para todo o sempre na pedra, o segundo.

Em vez de irmos do Vallado á Alcobaca, ou de Leiria á Batalha, como fazem todos os, aliás pouco numerosos, visitantes dos dous grandes monumentos, resolvemos vencer lentamente os 57 kilometros de estrada de rodagem entre Caldas da Rainha e Leiria, passando por Alcobaca, Aljubarrota e Batalha, que, felizmente para a quietude e a poesia destes tres ultimos sitios, não são pontos servidos por estrada de ferro.

Em Caldas, um automedonte, orgulhoso dos seus cavallos castanhos, assegurou-nos que por 8\$000, moeda forte, faria o percurso sem mudar de parelha, carregando viajantes e malas. Aceita a proposta, ás 6 horas da manhã seguinte partimos da porta do «Hotel Lisbonense», atravessamos o Passeio da Copa, a praça calçada de mosaico onde os camponios fazem a essa hora o seu mercado e, alegrando a vista com o quadro biblico das aguadeiras, a encherem seus cantaros na fonte, entramos na larga estrada branca que leva á Alcobaca, 25 kilometros além, no valle dos rios Alcôa e Baça, da reunião de cujos nomes veiu o do povoado.

Manhan clara de fim de verão, ao declinar de Setembro, quando a vindima povôa os campos e anima as estradas, matizando o verde uniforme das lavouras com as côres fortes dos trajes das cachopas e enchendo o espaço com a melodia de suas canções.

De um e outro lado succedem-se intervaladamente as lavouras, com as vinhas acachoadas á espera da colheita, os carros dos lavradores, de rodas enterradas na terra fôfa da cultura, vão se enchendo de cachos. Homens e mulheres, espalhados entre as linhas das videiras, debruçam-se sobre a parra cantarolando. Ao longe, entre folhagens de platanos e choupos, divisa-se a quinta senhorial, e, guardando as bordas da estrada, escalonados a perder de

vista, os casaes humildes, com os seus montes de feno ao lado e, á porta, o bando de crianças que perseguem o carro de viandante á caça do vintemzinho.

No planalto calcareo e basaltico da Extremadura, a agua é escassa. De sorte que não temos a profusão de corregos e riachos, cantando e tremulando sob a copa do arvoredado, como no sul do Brasil. A pedra é o material de construcção quasi unico: de pedra são os muros e as casas mais humildes. Os lindos carvalhos que se vêm, as nogueiras e os pinheiros, não fazem concorrência á pedra, como as nossas madeiras nas construcções brasileiras, onde aquella é artigo de luxo.

As collinas arredondadas vestem-se aqui de sobreiros, com os troncos meio descascados pela extracção da cortiça; acolá, de oliveiras e de pinhaes, golpeados na base para apanhar-se a resina.

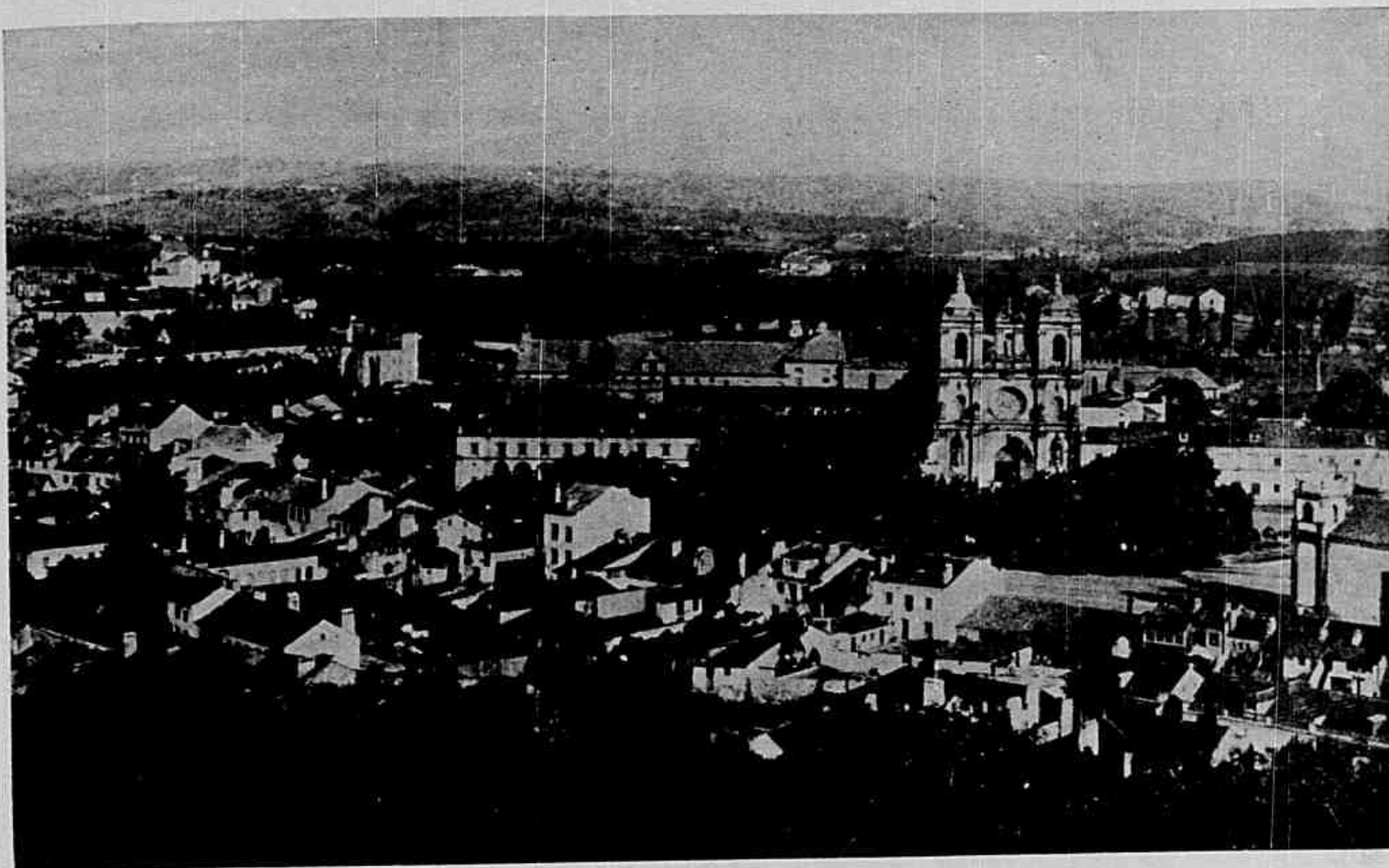
Mas, além da animação da vindima nas lavouras, depara-se-nos por vezes na estrada uma procissão das mais bizarras, de gente a pé, ou amontoada em carros de bois, em carrretas tiradas por cavallos somnolentos, ou escarranchada em grisalhos jumentos de aspecto reflectido e philosophico. São jornaleiros do norte que vêm vindimar ao sul, onde é mais cedo a vindima. Então, desfilam trajes pictorescos de terras varias: saias vermelhas enfeitadas de grêgas, chapéos negros redondos de abas torcidas, debruadas de velludo, lenços vistosos de pontas cruzadas nos seios; faixas encarnadas ou verdes na cintura dos homens, apparecendo sob as jaquetas curtas, carapuças pontudas ou sombreiros largos.

E estas procissões param junto ás tascas da beira da estradas, formam verdadeira mó de gente que gyra e papagueia para depois desenrolar-se lentamente e marchar de novo, rumo sul.

Nenhum cavalleiro chibante, a pimpar no ginete arisco, de relho em punho e esporas retinindo nos calcanhares nús, como nos escosos caminhos da provincia brasileira.

Eis-nos felizmente no ponto mais alto da serra, de onde se descortina a riba-mar e os seus estensos pinhaes. Lá está São Martinho do Porto, á beira da sua enseada tranquilla, que ao longe parece um lago de jardim. Daqui em deante a estrada — um trecho da velha estrada de Lisbôa a Coimbra, declina para o valle do Alcôa e os castanhos podem trotar desafogados.

Adensa-se a verdura na approximação do valle. Além das filas de choupos, platanos e ulmeiros, plantados á borda da estrada *para recreio do viandante*, como dizia uma antiga provisão regia, as encostas vestem-se de arvoredado sombroso, onde chalam passaros de



VISTA GERAL — ALCOBAÇA

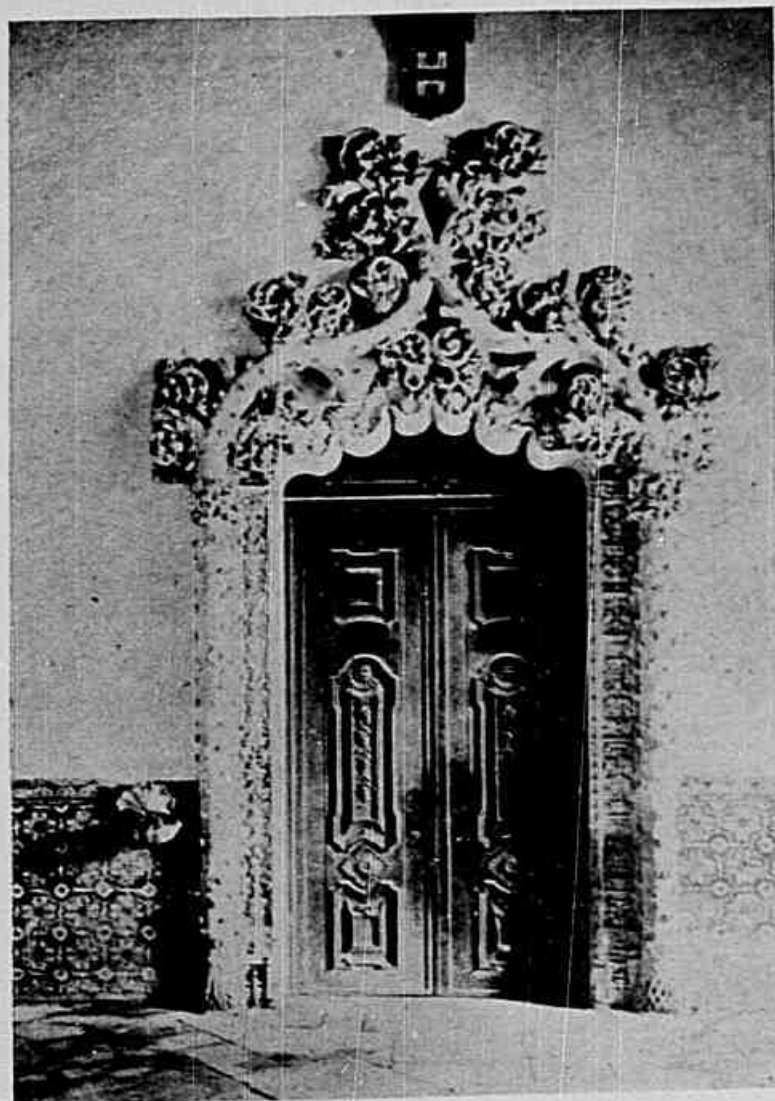
papo cheio ao voltarem da excursão ao miralhar vizinho.

Eis que de repente penetramos em Alcobaca, sem esperar por isso, pois o povoado se esconde nas curvas dos seus valles, alongando-se abeberado pelos barrancos dos seus rios. A riqueza quasi tropical da vegetação, fazendo fundo ao povoado, realça a brancura do casario e das ruas varridas de fresco.

Tres horas e pouco de marcha, tendo vingado a passo a montanha e parado para dar folego á parelha. Não nos queixamos de não ter á disposição um automovel, nem da falta do caminho de ferro, tão agradável foi esse trecho da jornada. A paizagem, sempre animada e viva, deu-nos magnificas surpresas de pitoresco. E, se acaso um sentimento menos feliz nos atravessava a mente, era unicamente o pesar de não termos em todo o Brasil um trecho de estrada de rodagem comparavel a esta.

O aspecto de Alcobaca é francamente limpo e risonho. Ignoro se ha junta de hygiene na cidadezinha historica, mas vimos varredores nas ruas e a fachada das casas não permite intimações municipaes «para pintar de novo».

O *Hotel Alcobacense*, á cuja porta paramos, não afugentaria um hospede exigente. Offerece o agasalho proporcional á pouquidade dos meios e do remoto da paragem. A mesa, porém, excede, senão pela finura, ao menos pela



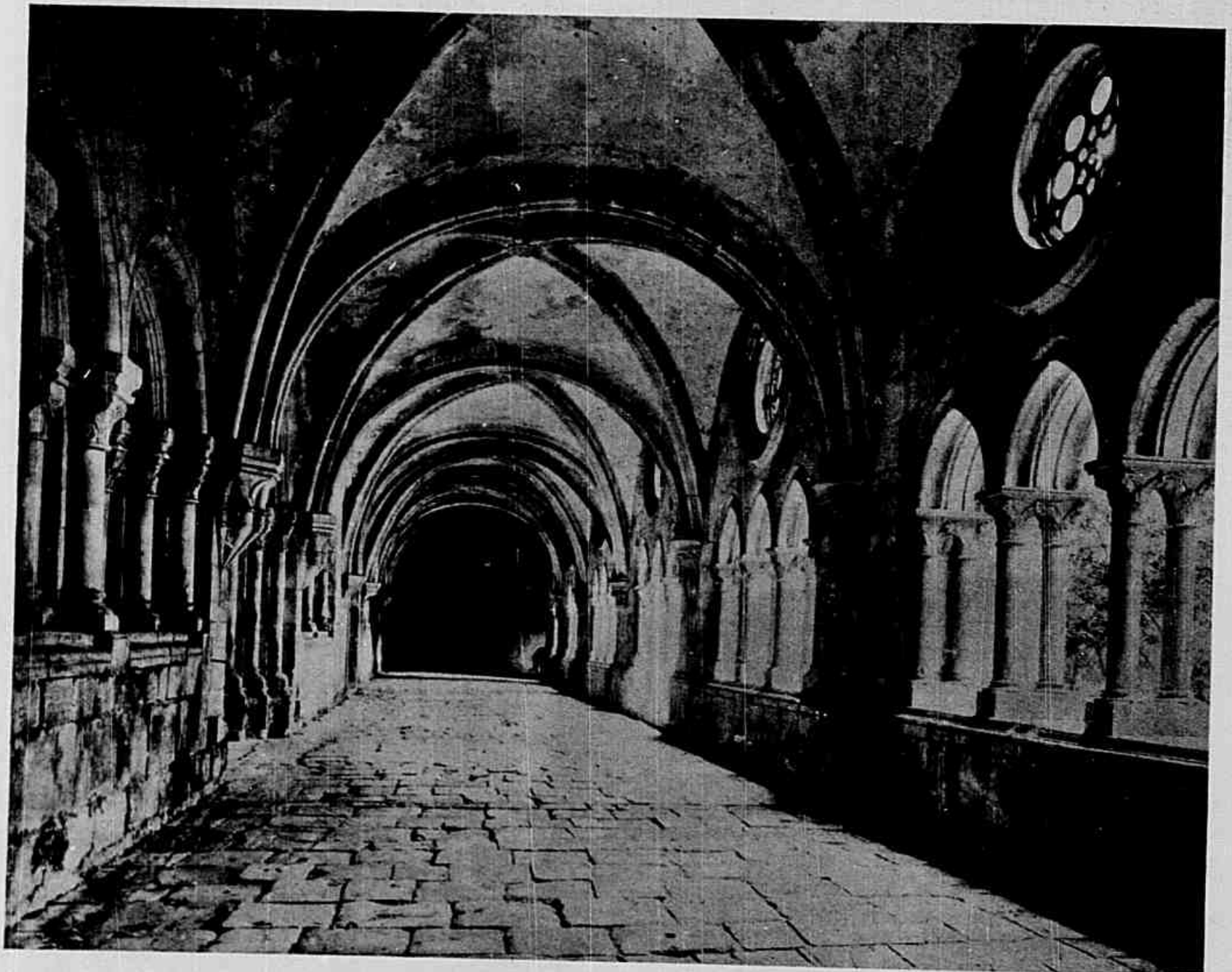
PORTA DA SACHRISTIA

abundancia dos pratos e a variedade deliciosa das fructas á modestia das alfaias. Um grego contemporaneo de Alcibiades, acharia opulento festim o almoço que nos offerecemos mais tarde, tal a cópia de fructos delicados, desde as especies finas de uvas de mesa, até as pêras dulçorosas e os figos brancos e rôxos. E para tel-os ao alcance dos hospedes, o estalajadeiro não tem outro trabalho senão mandar colhel-os alli ao pé, tantos e tão ricos os pomares vizinhos.

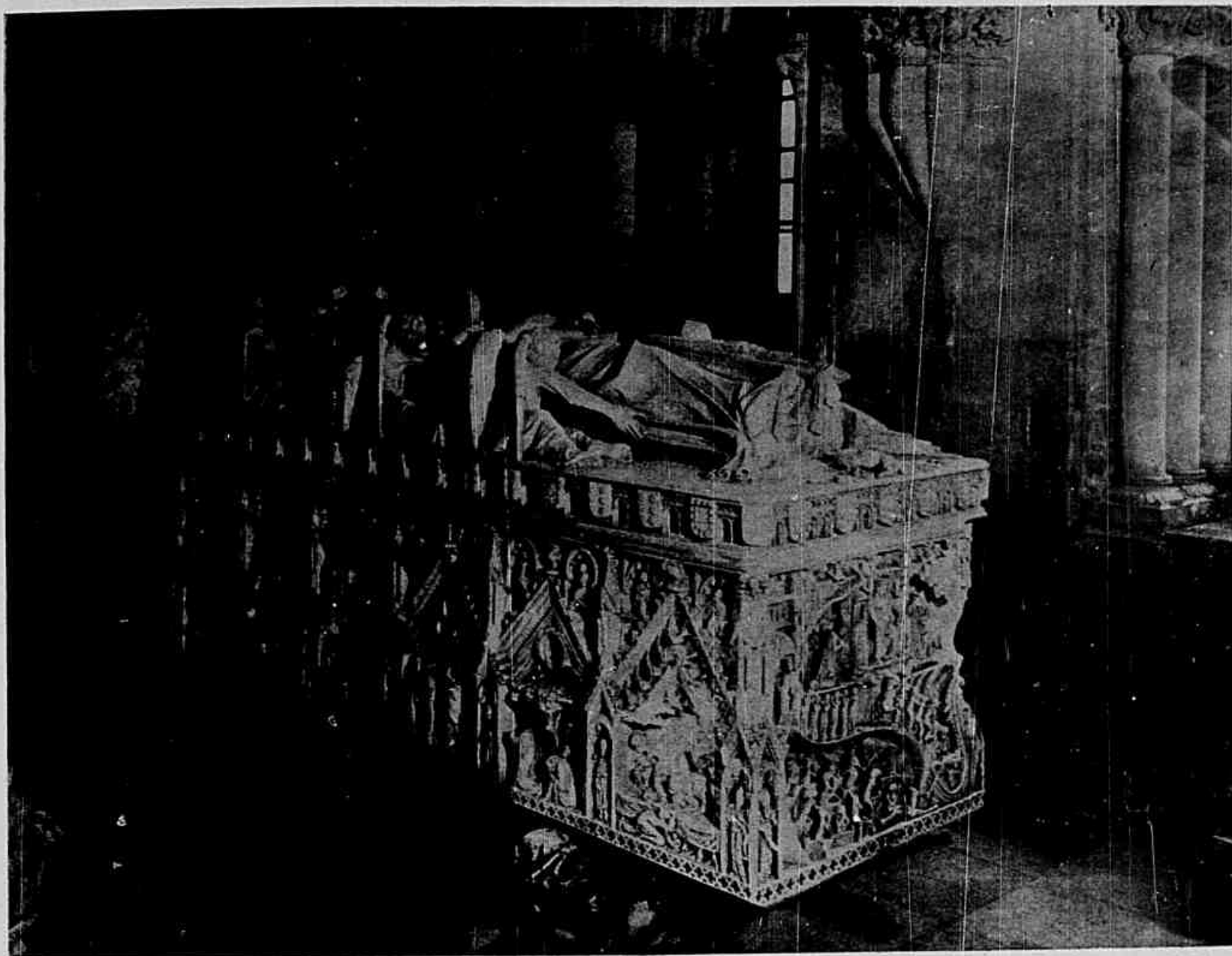
A impaciencia de ver o velho mosteiro, que carrega o peso de quasi oito seculos, não nos deixou esperar o almoço do albergueiro de Alcobaça. Deixamol-o encommendado para duas horas depois, e seguimos a pé pela mesma rua que desembocca logo adiante na larga praça arborisada, onde a outr'ora rica e poderosa abbadia dos monges de São Bernardo estende a sua fachada de 221 metros de frente. A egreja ao centro, erguida sobre o

seu largo patamar de pedra, divide o edificio em duas alas. Antes de vingarmos os degraus que levam ao soberbo portal gothico primitivo, quedamo-nos na contemplação da vasta molle, evocando-lhe o agitado e longiquo passado.

Alli, naquelle casarão deserto, imperou uma Ordem, pontificou um prelado que pesou nos destinos da christandade; alli recebeu o baptismo das mãos do infante de Borgonha, sagrado rei como Clovis, depois de erguido e acclamado sobre os escudos victoriosos dos guerreiros resfolegantes da refrega, a nacionalidade portugueza nascente da temerosa confusão iberica. No vasto pateo, onde o sapato de ferro dos cavalleiros faiscava nas lages, reina agora o ermo e o silencio. Uma figura humana, humilde e espantada, se approxima — é o sachristão que vem introduzir-nos na nave. Não nos diz palavra. Encaminha-se vagorosamente para o portal, deixando-nos absorto no patamar, a receber em cheio a emoção da



CLAUSTRO DO SILENCIO NO MOSTEIRO DE SANTA MARIA — ALCOBAÇA



TUMULO DE IGNEZ DE CASTRO—ALCOBAÇA

lembrança viva de oitocentos annos de luctas que se desprende do merencoreo e magestoso aspecto da grande abbadia.

Nesse instante de sonho, baralha-se a chronologia, confundem-se as éras: entrechocam-se no ar os golpes de montantes, cimitarras e maças de ferro nos muros de Santarém, ao longe; reclinem nos gorjaes inimigos as ascumas da peanagem e rugem a grita infernal da soldadesca invasora de Napoleão, que, no occaso da grandeza da Ordem, quando já extinto o seu poder de outr'ora, acampou impiamente nos seus claustros, para profanar-lhe as reliquias e exventrar os sarcophagos reaes, em busca de despojos preciosos, acaso misturados ás cinzas dos reis medievicos.

A vasta praça, ora vasia e triste, que forma o terreiro do monacal palacio, povôa-se das tropas de vassallos do Dom Abbade João d'Ornellas, que venceram com o Mestre d'Aviz e Nun'Alvares os 30000 castelhanos em Aljubarrota. Sob a abobada dos claustros, nas

frias naves da egreja e na corôa de capellas do deambulatorio, advinham-se as sombras dos monjes que debulham rosarios, arrastando nas lages as sandalias de couro.

Novocentos freires — affirma a tradição — diziam missa dia e noute ininterruptamente, nesta colossal abbadia cisterciense, conhecida como uma das maiores do mundo.

A vasta hospedaria, uma das repartições do edificio, está aberta aos viajôres e aos peregrinos; a bibliotheca, que tinha 25000 volumes, offerece os segredos dos seus traslados em pergaminho aos curiosos do saber humano. Os cinco claustros e os sete dormitorios — tantos conta o mosteiro — regorgitam nas horas de meditação ou de repouso.

A cozinha gigantesca, em cujo interior passa um canal de Alcôa, especialmente derivado do rio para tal serviço, ostenta a sua enorme chaminé conica, sustentada por oito columnas de ferro e semelhante á torre fortificada de um castello.



Ahi, nessa mansão grandiosa, mora um principe de sangue, que é tambem principe da egreja, chama-se elle o cardeal-principe D. Affonso, abbade inamovivel de Santa Maria de Alcobaça, filho de el-rei D. Manuel o Venturoso, ou o cardeal-principe, mais tarde rei, D. Henrique, successor de el-rei D. Sebastião, no throno de Portugal, e ultimo dos abbades inamoviveis.

Tudo na casa é vasto, abundante e bem regrado como num paço realengo. E a phisionomia do mosteiro, ampla, severa e núa, como devera ser no meio da «malicia dos tempos», dá antes a ideia de um governo rigidamente paternal e agricola de poderoso senhor occupado mais no amanho da terra, na defesa das lindes e no interesse humano dos

Virgem, cercada de anjos, na apotheose do triumpho eterno. Em baixo, o altar-mor ladoado de estatuas, que enchem os vãos das columnas e ornam os pilares da arcada superior. Da entrada ao fundo mede a egreja 106 metros de comprimento, tem 21 de largura e 16 de altura até ao fecho das abbadas em ogiva — assegura-nos o guia; pois, apesar dessas dimensões consideraveis, ella não constitúe talvez a decima parte do velho mosteiro!

Percorramos rapidamente a corôa de capellas do deambulatorio, que rodeia o altar-mór, deixando para mais tarde a sachristia, cuja porta, ricamente ornada pela phantasia oriental de João de Castilho, vemos de passagem.

Dada a volta pelo deambulatorio, achamos-nos no cruzeiro da egreja, ou transepto, a cujo

lado repousam, em dous sarcophagos de pedra, datando respectivamente, se me não engano, de 1223 e 1279, os restos dos reis D. Affonso II e D. Affonso III.

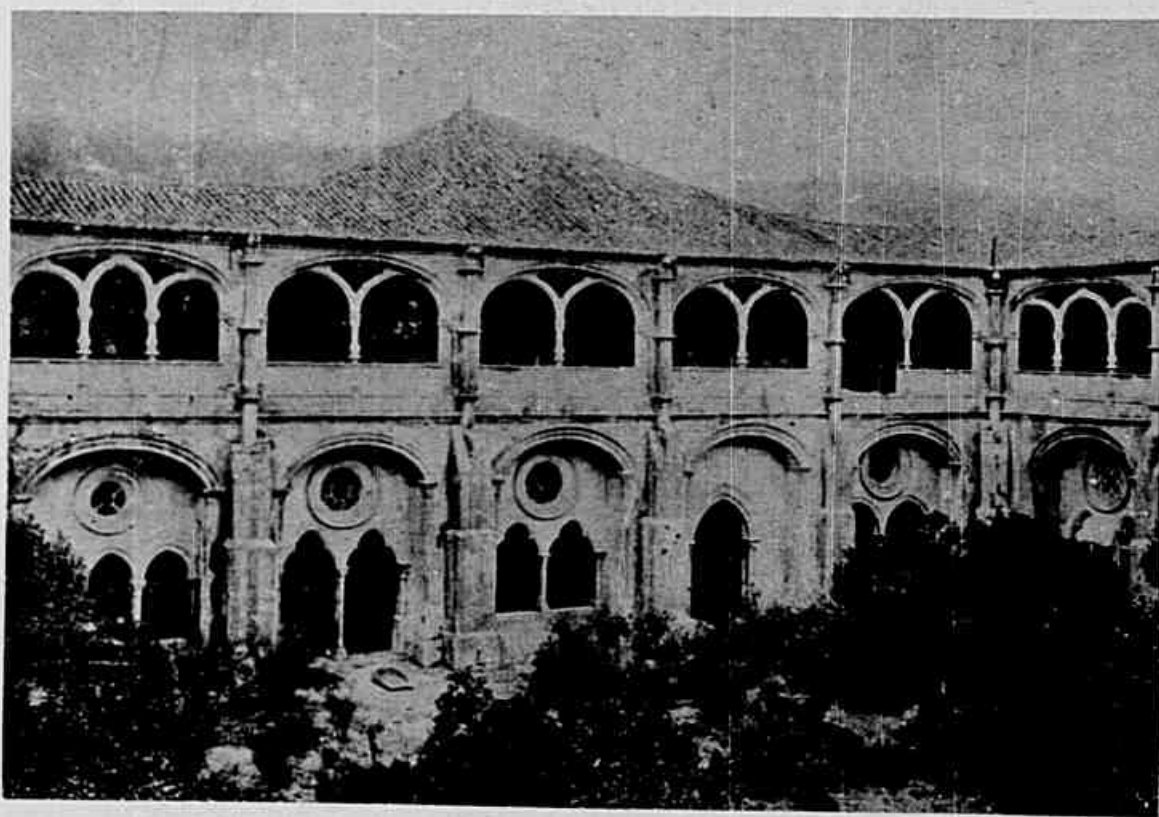
As rainhas D. Urraca e D. Brites ou Beatriz, esposas dos dous monarchas, jazem na «Capella dos Tumulos», que vamos vêr.

Chegando ao cruzeiro, o que avulta logo é o grande grupo de barro — a morte de S. Bernardo — e, acima, Nossa Senhora ouvindo uma orchestra de anjos.

Descemos pela nave lateral, á esquerda da entrada, até a porta da grandiosa sala dos Reis, cujas abobadas gothicicas são sustentadas por quatro reforçados pilares. Ao fundo da sala, uma grande lapide,

onde está insculpida *in extenso* o termo da fundação da abbadia. Acima da lapide, destaca-se o numeroso grupo de barro, que representa a coroação de Affonso Henriques e a sua sagração como rei de Portugal. Em toda a extensão das quatro paredes corre uma barra de azulejos, onde está pintada a historia da fundação do mosteiro: aqui o assalto e tomada de Santarém por D. Affonso Henriques com o seu punhado de bravos companheiros de armas; acolá, D. Affonso approvando o risco do monumento que lhe apresenta um frade de joelhos.

E' esta, com effeito, a tradição, confirmada, creio, pela historia. Na terrivel campanha para rehaverm do mouro invasor o territorio conquistado da pennisula iberica, os reis de Castella tomaram e perderam, com alternativas de



CLAUSTRO DE S. DINIZ — ALCOBAÇA

vassallos, do que na contemplação mystica, no extase beatifico, na meditação sobre os mysterios subtis da theologia e na salvação das almas.

Sobre o rijo portal gothico primitivo, o 26º e ultimo abbade inamovivel, cardeal D. Henrique, ergueu as duas torres e a fachada barrôca, tendo ao meio o grande vitral circular.

Um ultimo olhar sobre o conjuncto da praça e do edificio; depois, penetramos na nave central, triste e silente, com os seus vinte e seis pilares nús alinhados-sob a aboboda. Sentimos uma como sensação de frio de quem entra no amago das eras mortas. Ao fundo, sob a alta e estreita arcada da capella-mor e cobrindo parte das columnas superpostas que a sustentam, brilha um enorme resplendor — de onde emerge a estatua da

successos e revezes, as cidades consideradas pontos estrategicos importantes. Estava entre estes Santarém, tida como a chave do Tejo, portanto a porta para Lisboa e para o mar.

Santarém, que tão importante papel desempenhou sempre na historia de Portugal, deve o nome á Santa Iria ou Santa Irene, martyr que ahi se venera, num templo, sob a sua invocação.

Em beneficio de Henrique de Borgonha, príncipe francez, seu alliado na lucta contra os mouros e marido de sua filha natural D. Tareja ou Thereza, erigira el-rei de Castella em feudo hereditario o condado de Portugal, no anno de 1095. Morrendo-lhe o pae, Affonso, filho de Henrique, planejou a independencia do seu condado e para leval-a a effeito rebellou-se contra seu suzerano el-rei de Castella, e contra sua propria mãe, que, como hespanhola, se conservava fiel á Castella.

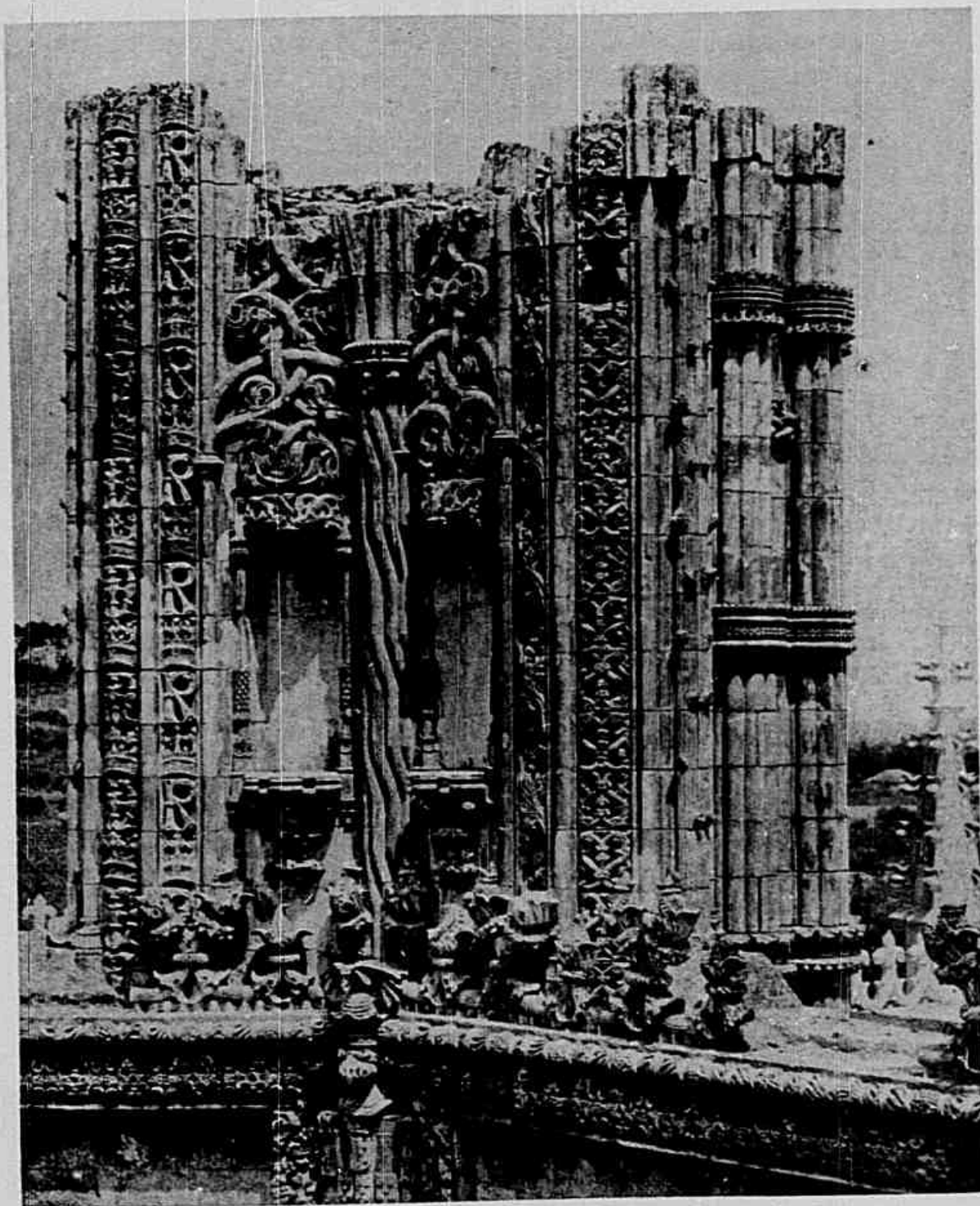
As brilhantes victorias sobre o mouro, entre as quaes a lendaria jornada do Campo de Ourique, haviam dado ao infante de Borgonha a fama e a força necessaria para aspirar a corôa real. As côrtes portuguezas proclamaram e reconheceram tal o novo rei já aclamado pelo povo no entusiasmo do triumpho sobre o infiel.

Os partidarios da união iberica, agrupados sob a bandeira da viuva de Henrique de Borgonha, foram vencidos e D. Thereza encarcerada ou exilada pelo proprio infante seu filho.

A rude côrte portucaliense era então em Coimbra, em cujo alcacer se concertaram as temerosas e arriscadas investidas contra o infiel, que recuava palmo a palmo para a Extremadura.

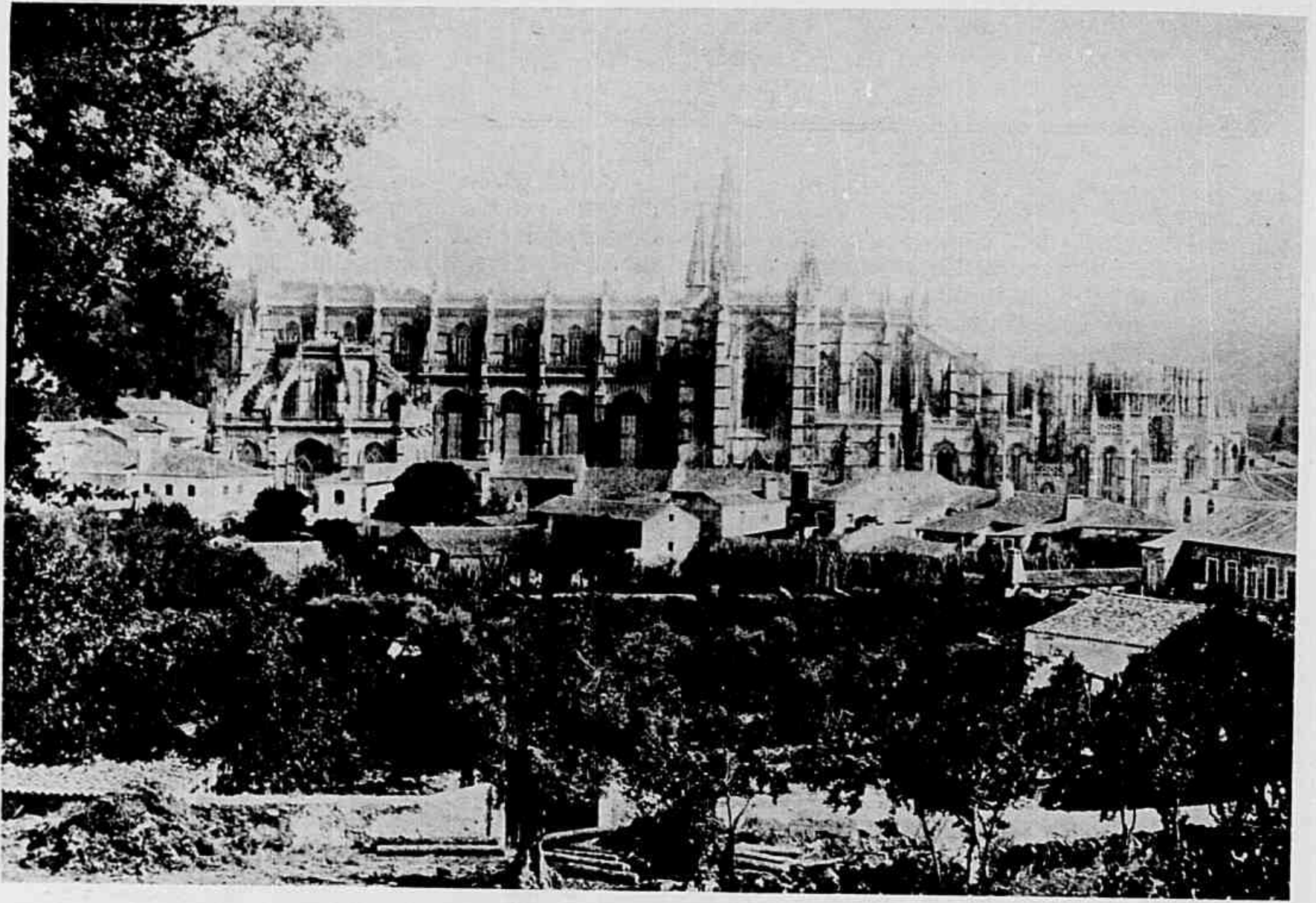
A Sé Velha de Coimbra é monumento desses duros tempos e guarda ainda a lenda do Bispo Negro. Ao lado de D. Affonso, brilhavam então seus fieis amigos Lourenço Viegas, o Espadeiro, Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, e Gonçalo de Souza, o Bom.

No empenho de expulsar o mouro do reino que para si creára, Affonso Henriques não podia deixar de dirigir seu esforço para a chave do Tejo, que era, como dissemos, a

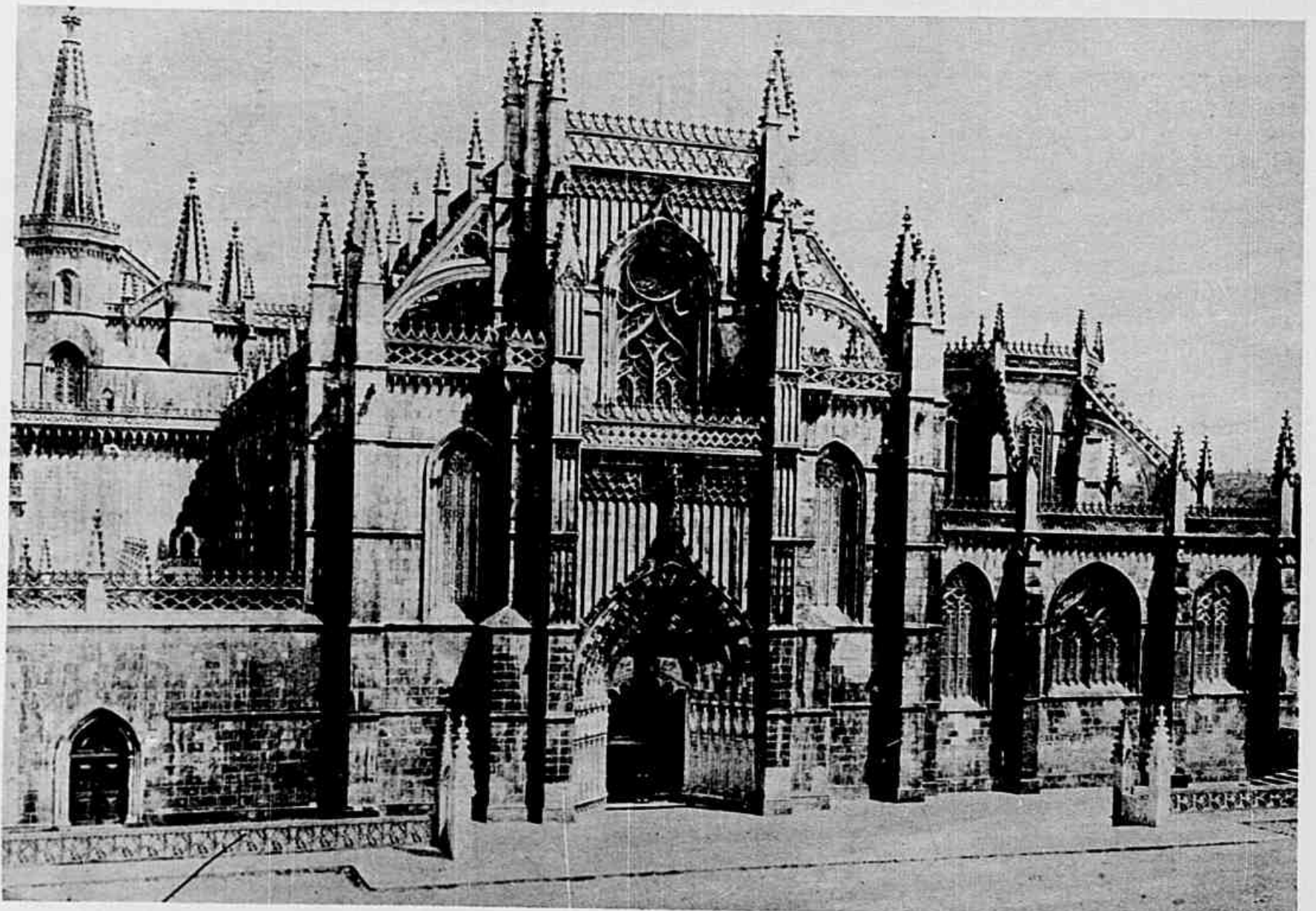


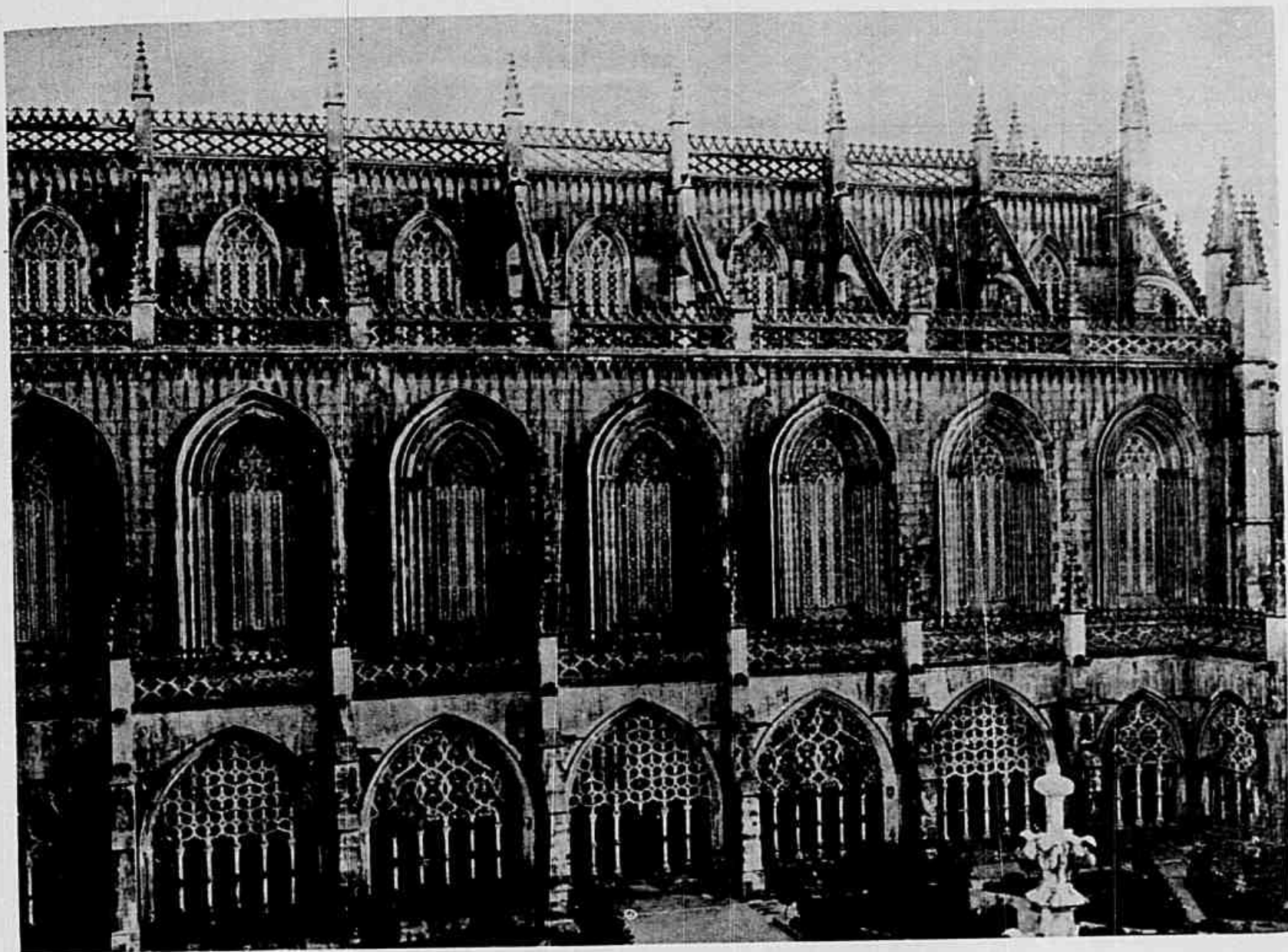
UMA COLUMNA DAS CAPELLAS IMPERFEITAS — BATALHA

porta de Lisbôa. Tomada Santarém, Lisbôa cahiria logo, e a posse de Lisbôa com o seu grande porto, significava para o príncipe christão a possibilidade de auxilio pelo mar, vindo de outros príncipes christãos. Os factos vie-

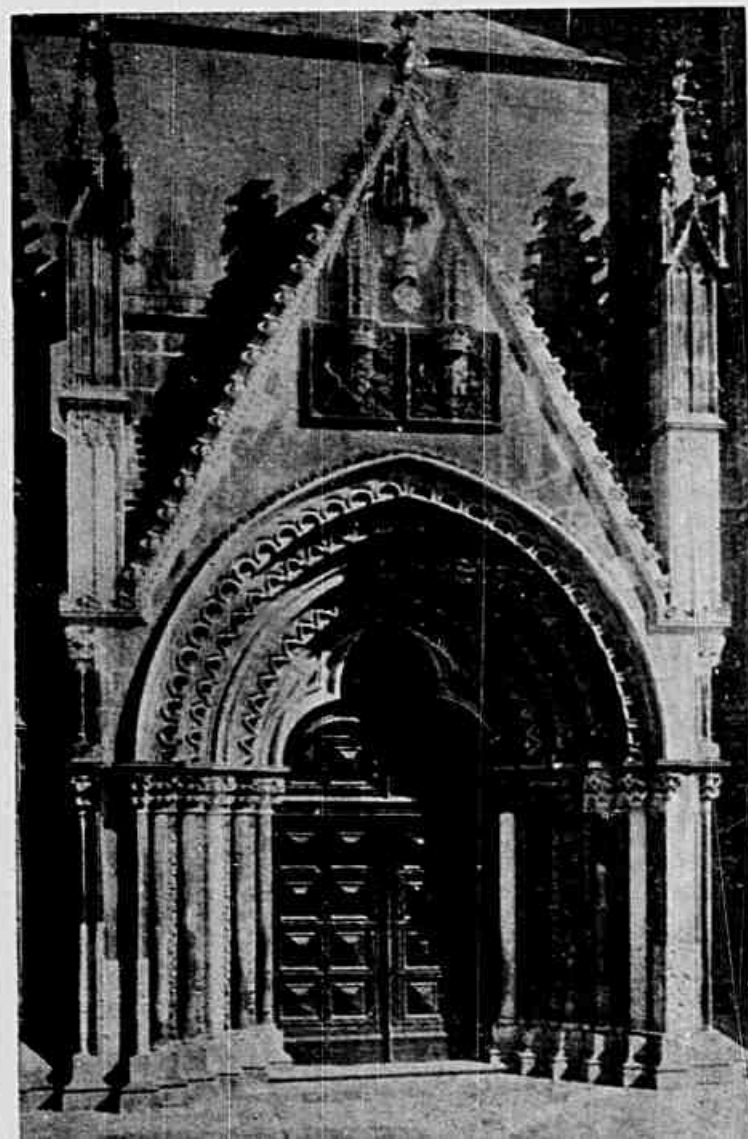
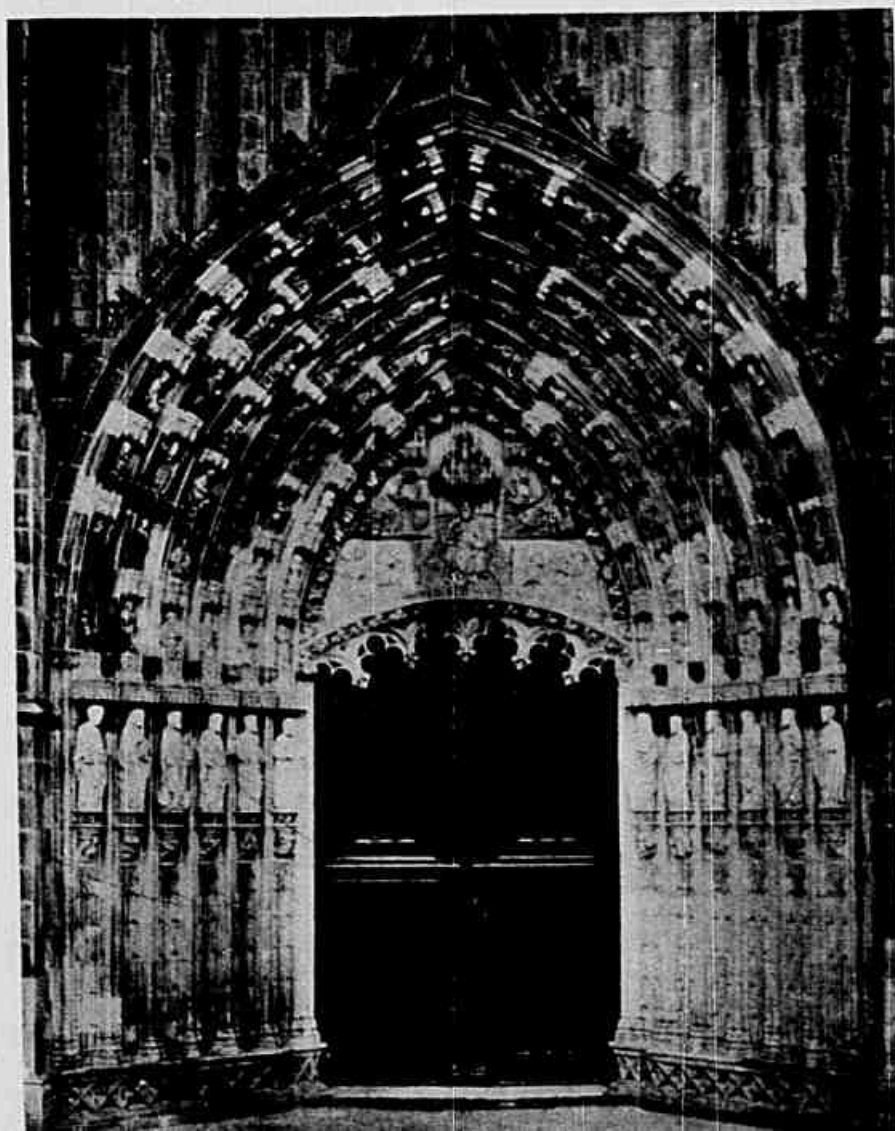


VISTA GERAL DO MOSTEIRO — BATALHA





LADO EXTERIOR DA EGREJA — BATALHA



ram confirmal-o, porque, tomada Santarém, Lisbôa foi logo conquistada aos mouros por D. Affonso Henriques, auxiliado por um exercito de cruzados do Norte, ao mando de Arnaldo Aerschol, em marcha para a Palestina.

Alcobaça commemora a tomada de Santarém.



PORTA DAS CAPELLAS IMPERFEITAS — BATALHA

Affonso Henriques, cheio de fé, fizera á Virgem o voto de erguer-lhe um templo se, com as suas centenas de soldados apenas, pudesse render a então cidade mourisca, que já seu avô, el-rei de Castella, tomara cincoenta annos antes, para perder depois.

Santarém cahiu, como por milagre, em poder do arrojado principe. E o animo tão forte em prometter e emprehender, não foi menos forte em levar a cabo a promessa. A 15 de março de 1147 — calendario juliano — rezam as chronicas, a cidade cahiu em poder de Affonso Henriques.

No anno seguinte, el-rei iniciava a construcção da abbadia com os monjes de S. Bernardo, encarregados por elle de erigila-a e regel-a.

A construcção, diz-se, durou de 1148 a 1222, mas nem por ter-se rematado aquella, cessaram as obras, pois, como vimos, os futuros abbades fizeram varias alteraçoes e accrescentamentos, sobrelevando-se os executados no reinado de D. Mannel.

Ahi estão, na Sala dos Reis, alinhados e mudos, os bustos dos reis de Portugal, desde Affonso Henriques até José I. Num angulo da mesma sala, ostenta se o celebrado e colossal caldeirão, tomado pelos portuguezes aos castelhanos em Aljubarrota.

Atravessamos de novo a nave principal para penetrarmos na Capella dos Tumulos, do lado opposto, toda ella feita em gres verdeoengo, de estylo gothico, despido de ornatos.

Em dous admiraveis sarcophagos, erguidos sobre esphinges e leões, jazem ahi os despojos mortaes de Pedro o Crú e Ignez de Castro, com as estatuas dos dous amantes deitadas, pés contra pés, sobre a lapide funeraria. Neste ambito estreito, entre estas pedras rendilhadas, onde a fantasia do artista medieval estampou em relevo, em pequeninos quadros cheios de ingenuidade e de mysticismo, as scenas da Paixão de Jesus, encerra-se o epilogo fatal de um dos mais bellos episodios da poesia humana. A triste capella do seculo XIV doura-se de repente com todo o fulgor dos *Lusiadas*. E a nossa mente empolgada esquece um instante as pessoas reaes, cujas estatuas têm as cabeças sob baldaquins, insignias do poder, para nellas ver somente os dous amantes da tragedia camoneana e desfolhar sobre os seus tumulos goivos e boninas.

Ambos os sarcophagos foram arrombados pelos soldados francezes durante a invasão. A parte destruida pelo arrombamento não foi mais restaurada, ficando assim expostos os vestigios do sacrilegio selvagem.

Mas, os dous amantes, libertados dos aneios da vida passageira e das impaciencias do tempo, continuam a esperar, na immota fidelidade do sepulchro e na constancia intangivel da morte, que a ressurreição os erga simultaneamente do tumulo, e, defronte um do outro, se lhes reaccenda o lume dos olhos num mesmo e longo olhar de amor.

Na tampa de cada sarcophago, debruçados sobre cada uma das estatuas, anjos guardam e pranteiam o morto.

A estatua de Pedro o Crú tem aos pés um cão, que não sabemos se ahi esteja como symbolo da fidelidade, mas é certo que em tumulos medievaes de puro estylo gothico, qual seja este, a imagem do cão é frequente aos pés do senhor. Na crypta da egreja de Eu, onde estão os tumulos dos antigos condes, vê-se aos pés das estatuas dos senhores, a figura do altivo lebréo, ou a do reforçado alão.

Da Capella dos Tumulos, que é unia parte distincta da egreja, subimos de novo á nave principal — são tres as naves — em busca da sachristia, obra do tempo de D. Manoel, com pinturas não restauradas. A porta, como já ficou dito, é de João de Castilho, que tem na architectura a bizarra fantasia de Theophile Gautier no verso, embora a tres seculos de distancia um do outro.

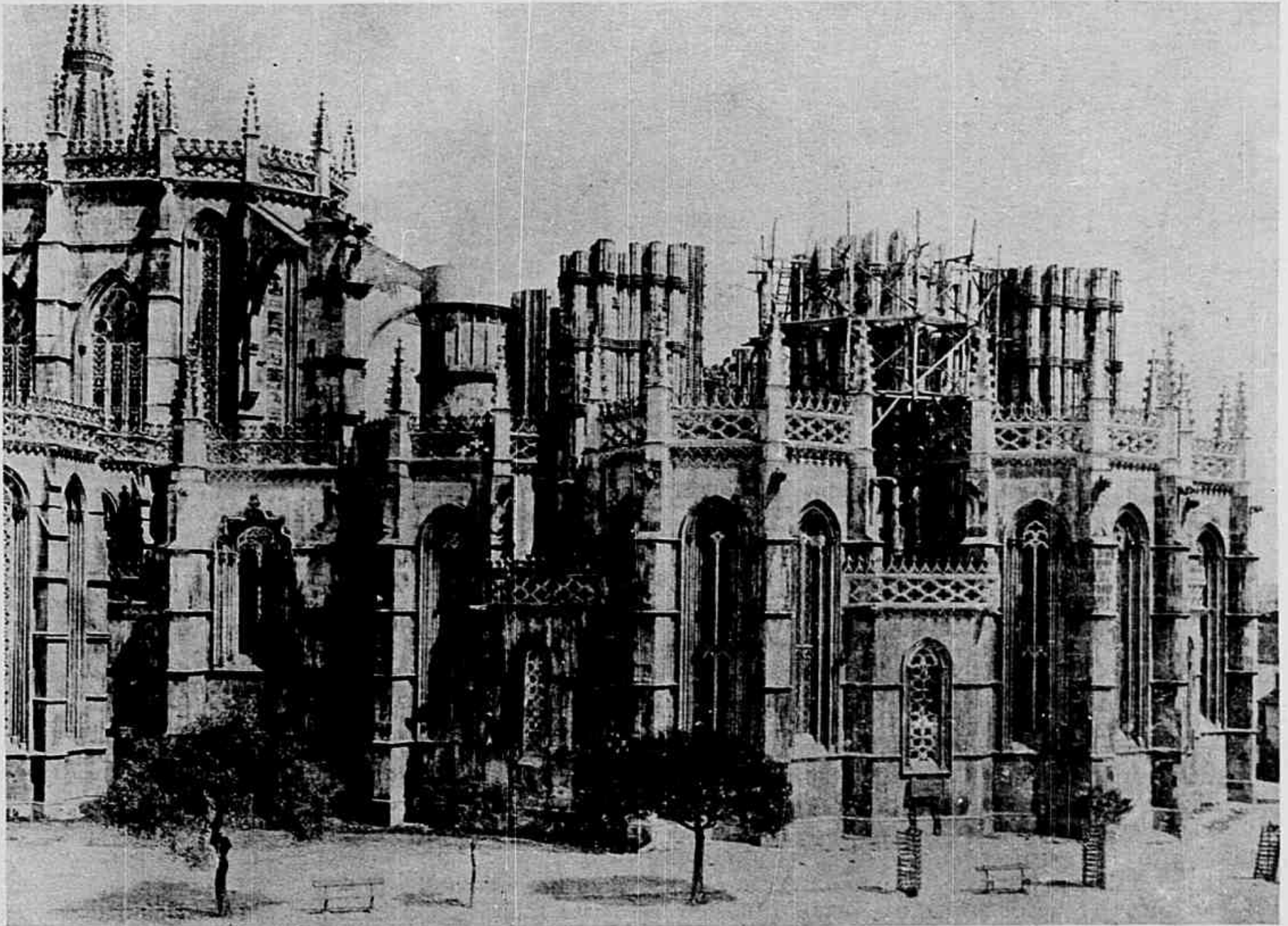
Como tenhamos de ver as CAPELLAS IMPERFEITAS da Batalha, onde ha maravilhas da

quelle creador de sonhos em pedra, não precisamos deter-nos na porta da sachristia.

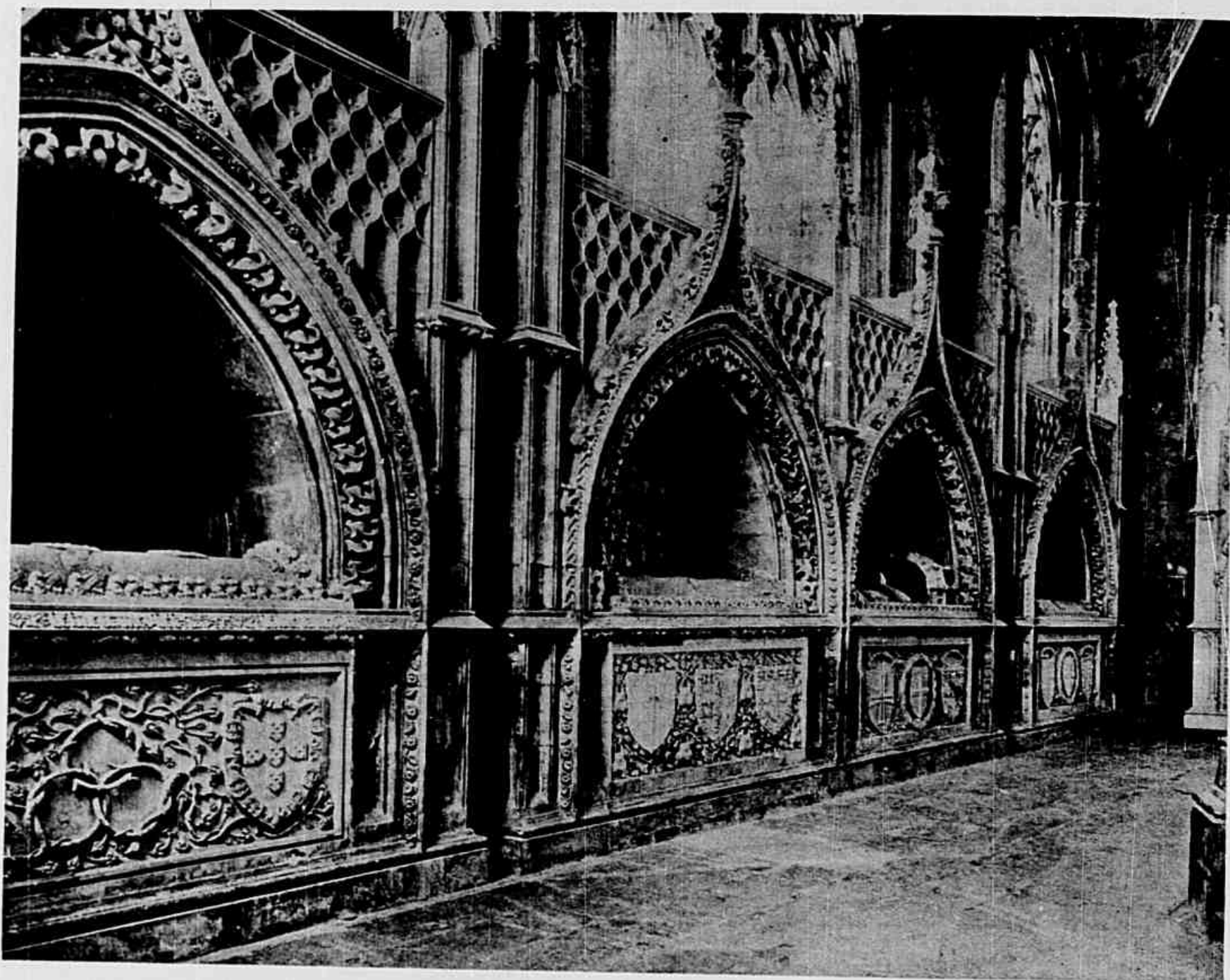
Acha-se ao fundo desta a capella do relicario, onde estão alinhadas, em prateleiras superpostas, contenaes de imagens, bustos quasi todas, cada qual com a sua reliquia, numa cavidade coberta por uma tampa de vidro. Todas, quasi que sem excepção, foram quebradas pelos soldados fracezes nos dias da invasão.

Sahindo da sachristia, tomamos a porta que leva ao antigo jardim do mosteiro, onde se acha, isolada do edificio, a capella de Nossa Senhora do Desterro, obra do seculo XVIII, com o seu rico retabulo e as suas majolicas. O jardim é ainda, ou foi até bem pouco tempo, cemiterio do povoado.

Neste delicioso refugio a céu aberto, junto das aguas abundantes do Alcôa, que ahi mergulha num tunnel de pedra, por baixo do



CAPELLAS IMPERFEITAS — BATALHA



CAPELLA DO FUNDADOR—TUMULOS DOS INFANTES—BATALHA

casarão do mosteiro, os irmãos jardineiros cuidavam das rosas, dos cravos, dos lyrios, das camélias, dos jasmíns e das violetas, formando assim um retiro em que os monges meditativos podessem scismar, embalados pelo gorgueio dos rouxinoes e das toutinegras, no ambiente varrido pela viração dos montes e embalsamado pelo perfume das flores.

Mas, o jardim d'outros tempos é agora um cemiterio pobre de lugarejo, cortado de sepulturas rasas, sobre as quaes se levantam, como que tremulas, frageis cruces pintadas de negro, mal enterradas e já pensas para o chão.

Ao lado do jardim e da cupola do Des-terro, estende-se vasto terreno reservado hoje ao quartel que occupa uma parte do mosteiro. Ahí, um grande chafariz de pedra chora ainda o desamparo da velha abbadia.

Pode a vista espaiecer-se ainda na verde paizagem dos morros de Alcobaca, estender-se por seus vergeis e campos de cultura, sujeitos outr'ora á charrúa dos monges; mas, tudo ahí é triste como o cemiteriosinho abandonado, onde, de tanta saudade humilde, de tantas dores anonymas, a lembrança unica são os lettreiros que vão se apagando nos braços das cruces.

E, neste ponto principalmente, a inspecção do conjuncto dá uma pungente ideia de que o velho mosteiro de Santa Maria de Alcobaca, berço da nação portugueza, está esquecido e desamparado.

De novo atravessamos a egreja para bater a pesada aldabra da porta que dá para o claustro de Dom Diniz.

O sachristão deixou-nos ahí aos cuidados de uma mulher que acudiu ás pancadas na aldrába de ferro.



Abre-se o claustro, de estylo gothico primitivo, severo, massudo, nú, lembrando as mãos robustas que lavraram os pilares, bruniram os fustes e assentaram os cantos nos dias em que não tinham de empunhar as clavas, nem apertar os correões das armaduras.

No andar superior, levantado sobre as abobadas do claustro, apparece um motivo architectonico novo, que quadra ahi como uma illuminura n'uma velha Biblia. Vê-se logo a differença das eras: no alto, é a renascença, com João de Castilho; em baixo, a idade media com os mestres contemporaneos de Dom Diniz e do seu alcaças de Leiria. De um lado, os desvãos dos pilares estão tapados por muralhas recentes, separando o claustro de D. Diniz da parte do mosteiro occupada agora pelo quartel; outra serve de escola publica e outra, enfim, bastante vasta, foi vendida a um particular! Já o fôra, tambem, em parte, o esplendido Convento de Christo de Thomar, reliquia do Grão Mestre dos Templarios Gualdim Paes, das victorias dos seus bravos cavalleiros sobre os almohades no seculo XII e mais tarde solar soberbo da Ordem de Christo, cujo poder e cujos thesouros permittiram ao Grão Mestre infante Dom Henrique as descobertas de onde surgiram a epopea das Indias, os *Lusiadas* e o Brasil.

As lages do claustro, calcadas pelo tacão de nossas botinas de visitantes apressados, estão cobertas aqui e acolá de inscrições meio apagadas em caracteres gothicos antigos, em latim culto umas, outras no bronco portuguez recém-nado do latim barbaro e contemporaneo dos primeiros foraes: são tumulos de vassallos e de monges. Pelas paredes, outras inscrições rêvelam carneiras, onde es-

tão pulverisados restos de fidalgos e de escudeiros — figuras outr'ora illustres, sumidas na noute dos tempos.

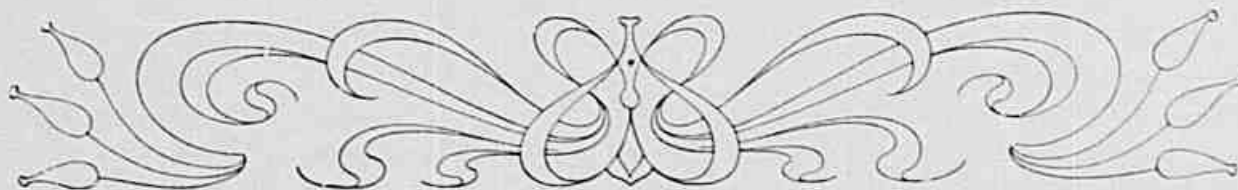
Num dos angulos do quadrado que fecha o pateo do claustro, ergue-se um brinco de alvenaria: a capellinha que abriga a fonte dos monjes, onde treme ainda a agua fresca do rio. Dá a ideia de um templo pagão a evocar naiades em pleno claustro; tem um quê de sensual e de feminino no meio dos pilares nús e das severas abobadas de Dom Diniz; faz pensar na castellã enamorada, que preludia chacaras para esquecer as maguas na soedade dos muros sombrios.

Da capella manoelina, passamos ao refeitorio e a cozinha, que, quanto aos dous elementos, agua e fogo, é servida por um verdadeiro riacho e por uma chaminé que mais parece um forno alto de forja, onde se fabricassem as primeiras granadas e pelouros destinados ao exicio dos agarenos. E eram precisas taes proporções de Gargantua para o fogão onde se preparava o alimento para os novecentos freires officiantes, afóra os que não officiavam e mais os perigrinos e os visitantes.

E foi tudo quanto vimos da abbadia, numa visita rapida de duas horas, em que, por não cortar o prazer de ver, nem a emoção de contemplar, não nos demos ao trabalho de tomar notas, certo de ficarem para sempre registados na memoria os aspectos mais impressionantes.

Voemos agora ao almoço do albergueiro, que lá nos espera com a tradicional gallinha com arroz, as fructas melhores da sazão e da paragem e as bojudas canecas de vinho verde.

AFFONSO ARINOS





OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62

\* \* \* \* \* RIO DE JANEIRO \* \* \* \* \*

# *A Equitativa*

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A  
✦ ✦ VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS ✦ ✦

**Aplices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado**

*Os sorteios d'esta classe de aplices tem lugar em 15 de Abril e  
15 de Outubro de cada anno.*

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de  
seguro, aplices no valor de Rs. 595:000\$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de  
exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

**TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS**

*O proximo sorteio terá lugar a 15 de Abril p. f.*

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

**125, Avenida Central, 125**

**RIO DE JANEIRO**

**E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa**



# L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica  
Retratos em côres (Monocromos)  
de bellissimo effeito e inalteraveis.

---

## COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

---

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000\$000

---

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO

---



DIRECTORIA

*Emilio do Amaral Ribeiro*  
*Affonso Burlamaqui*  
*Jacinto de Magalhães*



**FÒN-FON!**

**REVISTA HUMORÍSTICA**

**FÒN-FON!**

**REVISTA DE ACONTECIMENTOS**

**FÒN-FON!**

**PUBLICAÇÃO SEMANAL**

**FÒN-FON!**

**EDIÇÃO DE KÓSMOS**

# RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

**Edição da Prefeitura**

Illustrações photographicas de toda a cidade, inclusive  
seus ultimos melhoramentos

**IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS**

**—KOSMOS—**

*Brochura . . . . . 15\$000*

*Encadernado em marroquim . . . 20\$000*

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA  
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**A VENDA NA  
RUA DA ASSEMBLÉA, 62**